

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Pryscila Gianotti Silveira

O Papel da criatividade na formação do futuro professor nos cursos de Pedagogia

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

São Paulo

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Pryscila Gianotti Silveira

O Papel da criatividade na formação do futuro professor nos cursos de pedagogia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Vera Maria Nigro de Souza Placco.

São Paulo
2024

Pryscila Gianotti Silveira

O Papel da criatividade na formação do futuro professor nos cursos de Pedagogia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Vera Maria Nigro de Souza Placco

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Prof.^a Dr.^a Laurizete Ferragut Passos

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Prof.^o Dr.^o Rafael Conde Barbosa

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

São Paulo

2024

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - número do processo: 88887.662098/2022-00

This work was carried out with the support of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - Brazil (CAPES) - process number: 88887.662098/2022-0

AGRADECIMENTOS

Ingressar em um mestrado, por muitos anos, foi um pensamento distante da minha realidade. Não era algo que eu almejava, e não sabia se conseguiria desenvolver a expressão através da escrita. Estando no final desta etapa, apresentando uma dissertação em curso em uma área que, até então, me era desconhecida, considero que são muitas pessoas as quais tenho a agradecer.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha amiga Maria Jozelma, não só por todo apoio do início ao fim desta trajetória, mas, principalmente, por me incentivar e me mostrar que era possível ter a oportunidade.

À minha Irmã, por ser meu suporte nesta jornada e contribuir muito para que pudesse organizar e ampliar meus pensamentos e conhecimentos. Ao meu pai, por todo incentivo, escuta e por me ensinar que precisamos apenas de uma ideia na cabeça para alcançarmos nossos sonhos.

Ao meu padrasto, meu segundo pai, por todo suporte, cuidado e por estar sempre ao meu lado nos momentos de insegurança.

À minha mãe, que sempre se esforçou para que eu pudesse estudar o que sonhei, por permitir que eu fizesse a formação na área de Moda, onde desenvolvi a criatividade, paixão que me move diariamente e me guiou até aqui.

Agradecer à minha avó, parceira em colocar as ideias criativas em prática e maior incentivadora da minha criatividade. Foi uma jornada de grande crescimento acadêmico e pessoal, então, agradeço imensamente à minha orientadora, Professora Dr^a Vera Placco, por todo apoio, direcionamento e cordialidade.

Ao Rafael Conde, por ser tão solícito e atencioso em compartilhar suas experiências.

Aos meus amigos e colegas da área, que se dispuseram a me ajudar quando mais precisei.

Aos participantes das bancas de qualificação e defesa, pela disponibilidade e contribuição e ao Henrique Tavares, amigo que tive a sorte de conhecer no mestrado e me ajudou nos momentos de dificuldade.

Agradeço, ademais, com muito carinho, a todos os meus professores, pelo imenso aprendizado e contribuição em minha evolução pessoal e profissional.

É com enorme emoção que chego ao momento final desta etapa acadêmica e agradeço por tudo que pude aprender e vivenciar nesses anos. Muito obrigada.

O Papel da criatividade na formação do futuro professor nos cursos de pedagogia

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender a visão dos estudantes sobre criatividade na educação e investigar se, e de que forma, os cursos de formação em Pedagogia trabalham os conceitos de criatividade em suas disciplinas, na perspectiva dos estudantes.

Ao longo da formação acadêmica, é proporcionado aos estudantes a oportunidade de adquirir conhecimentos teóricos e práticos, visando suas qualificações como docentes. O enfoque desta pesquisa no Ensino Superior surge da indagação acerca da adequação dessa formação, para a compreensão e promoção da criatividade nos referidos cursos. O referencial teórico foi composto a partir das contribuições de GUILFORD (1950), TORRANCE (1965), ALENCAR (1986) e TORRE (1989), somada a uma pesquisa aprofundada as referências à criatividade presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por se tratar do documento orientador do processo de escolarização básica, na qual, as atividades de ensino precisam ser fundamentadas, para garantir que tais objetivos delineados no referido documento sejam contemplados. Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa qualitativa, na qual os dados foram produzidos por meio de grupo de discussão, composto por estudantes do sétimo e oitavo semestre de Pedagogia, provenientes de cursos universitários de modalidades presenciais e Ensino à distância (E.A.D), localizados em São Paulo. Foram criadas duas categorias para a análise e discussão. Os resultados evidenciaram que, apesar do entendimento adequado acerca do conceito de criatividade, as experiências criativas vivenciadas pelos participantes originam-se, predominantemente, de atuações profissionais ou de experiências durante os estágios, demonstrando que há a necessidade de se explorar a criatividade na formação. No entanto, ainda através dos relatos, é possível afirmar que os professores em formação não são instruídos sobre como interpretar e aplicar a criatividade em suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Criatividade; Ensino Superior; Formação em Pedagogia.

The role of creativity in the training of future teachers in pedagogy courses

ABSTRACT

The present research aims to understand students' perspectives on creativity in education and investigate whether, and how, teacher education programs in Pedagogy address the concepts of creativity in their courses.

Throughout their academic training, students are given the opportunity to acquire theoretical and practical knowledge, aiming for their qualifications as teachers. The focus of this research on Higher Education arises from the question about the adequacy of this training, for understanding and promoting creativity in the aforementioned courses. The theoretical framework was composed from the contributions of GUILFORD (1950), TORRANCE (1965), ALENCAR (1986) and TORRE (1989), added to an in-depth research on the references to creativity present in the National Common Curricular Base (BNCC), by This is the guiding document for the basic schooling process, in which teaching activities need to be based, to ensure that the objectives outlined in that document are met. To achieve the proposed objectives, qualitative research was carried out, in which data were produced through a discussion group, composed of students in the seventh and eighth semester of Pedagogy, from university courses with face-to-face and distance learning (E.A.D) modalities. , located in São Paulo. Two categories were created for analysis and discussion. The results showed that, despite adequate understanding of the concept of creativity, the creative experiences experienced by the participants predominantly originate from professional activities or experiences during internships, demonstrating that there is a need to explore creativity in their education. However, even through the reports, it is possible to affirm that teachers in training are not instructed on how to interpret and apply creativity in their pedagogical practices.

Keywords: Creativity; Higher Education; Education in Pedagogy.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Revisão da Literatura	14
Tabela 2- Caracterização dos Participantes	31
Tabela 3- Roteiro grupo de Discussão.	32
Tabela 4 – Experiência Profissional dos Participantes	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1- REVISÃO DA LITERATURA	14
2- REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 Conceito de Criatividade	18
2.2 Criatividade na BNCC	21
3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
3.1 Objetivo geral	29
3.2 Objetivos específicos	29
3.3 Etapas de pesquisa	29
3.4 Participantes	30
3.5 Produção de dados	31
3.6 Etapas da análise de dados	34
4- ANÁLISE DE DADOS	35
4.1 - Categoria 1 – Perspectivas acerca da criatividade	37
4.1.1 - Conceito de criatividade	37
4.1.2 - Criatividade como habilidade possível de se aprender	39
4.2 - Categoria 2 – Criatividade no âmbito do Ensino Superior	41
4.2.1 - Disciplina sobre criatividade na grade curricular	42
4.2.2 - Aula que experienciaram e consideraram criativa	45
4.2.3 - Atividade que desenvolveram e se sentiram criativos	57
4.2.4 - Preparo durante a formação para que trabalhem a criatividade enquanto professores	66
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICE A – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	73
APÊNDICE B – Tabela de análise de dados do grupo de discussão	76
APÊNDICE C – Transcrição do Grupo de discussão (Grupo 1)	92

INTRODUÇÃO

A criatividade, por se tratar de um conceito aplicado em diversas áreas, não somente a artística, é estudada por autores que a definem via concepções e compreensões que se diferenciam, a depender do campo de estudo.

Esta pesquisa centraliza o conceito de criatividade inserido e trabalhado intrinsecamente na área da educação, como ferramenta importante no auxílio da aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

O interesse por esse tema surgiu a partir de minhas vivências e escolhas, que foram pilares para o entendimento da criatividade e sua importância em todas as áreas do conhecimento. Isso se deu tanto durante minha formação acadêmica na área de Moda, quanto nas vivências enquanto professora de Arte.

A oportunidade de crescer em uma família engajada profissionalmente com o artesanato, me proporcionou, na infância, contato e acesso a diversos materiais para criar, modificar e explorar, o que considero ter sido fundamental para que a minha criatividade não se perdesse à medida que eu amadurecia, e se tornava parte da minha personalidade. Ter constantemente o estímulo e a valorização da criatividade me proporcionou não criar barreiras a minha expressão criativa e me permitiu preservar essa habilidade.

Tal característica foi motivadora para a opção de cursar Negócios da Moda, formação na qual tive o contato não apenas com o ensino da criatividade, por meio de técnicas exploratórias para o desenvolvimento criativo, como também pude desenvolver a capacidade reflexiva e a visão estratégica.

A concepção de criatividade como algo subjetivo, relacionado à expressão artística, deu lugar ao entendimento da criatividade como uma habilidade que atua por um propósito, alinhada a um objetivo. Conceito que se tornou o alicerce da minha atuação como professora após a mudança de carreira.

Para mim, a criatividade não está no fazer artístico; está no que é importante que meus alunos aprendam e desenvolvam de forma eficaz, atrativa e condizente com as possibilidades da escola pública, na qual a escassez de recursos exige adaptações criativas.

Como aponta TORRE (2008, p. 27), “A criatividade não está nos conteúdos, mas sim na atitude frente a eles. ”

Ao ingressar como professora de Arte do Ensino Fundamental I, os contatos com professoras polivalentes e métodos de ensino me mostraram o quanto a criatividade era

prevista nos alunos, no desenvolvimento das atividades, e esperada como prática dos professores, a exemplo das reuniões de conselho de ano / ciclo, momento em que era perceptível a dificuldade de professores e gestores em propor soluções que auxiliassem o desenvolvimento dos alunos que demonstravam dificuldades de aprendizagem.

A meu ver, cabe ao professor a responsabilidade de conceber abordagens inovadoras para transmitir conhecimento, apresentar atividades diversificadas, empregar recursos tecnológicos, promover atividades baseadas em projetos e adotar uma abordagem interdisciplinar em benefício do desenvolvimento dos alunos.

Tais habilidades puderam ser identificadas e vivenciadas por mim, devido aos desafios encontrados na diversidade de idade e personalidade dos alunos com quem convivi, na escola.

Nos primeiros anos de docência, apesar de poder contar com o auxílio de professoras experientes, buscava atividades prontas, conforme os objetivos do trimestre. Porém, não sentia que, efetivamente, estava ensinando algo significativo para as turmas. Como consequência desse incômodo, direcionei a criatividade para minha nova realidade. Utilizei os métodos e processos criativos que conhecia para resolver a insatisfação com minhas aulas e com minha didática. Ao trazer a realidade escolar para minha forma criativa e estratégica de pensar, coloquei os alunos como o público-alvo para o qual precisava criar.

Aprofundei-me em compreender quem são, suas influências e referências, no que era essencial para seu aprendizado e quais conhecimentos seriam relevantes para a vida adulta, o que me permitiu rever objetivos e criar métodos de ensino. Porém, ser mediadora no desenvolvimento de uma criança não é como desenvolver um produto. Ao iniciar meus estudos para o mestrado, tive a oportunidade de avaliar minhas práticas em conjunto com o que me faltava: o conhecimento pedagógico.

Para muitos desafios, a criatividade desempenhou e desempenha um papel fundamental em minha atuação. Em conjunto com os conhecimentos e vivências adquiridos durante o mestrado, pude desenvolver melhor meu papel, minhas atribuições e responsabilidades enquanto professora.

Ficou-me claro, assim, a relevância das habilidades criativas e de se desenvolver a criatividade do professor, para tais atribuições serem de fato realizadas nas práticas pedagógicas, e a criatividade, vista como uma ferramenta do processo de ensino.

Nessa perspectiva, é fundamental considerar-se se os professores têm clareza dessa relevância da criatividade na eficácia de suas práticas pedagógicas. Isso me levou a refletir como se dá a formação de futuros professores da Educação Básica, nos cursos de Pedagogia.

Diante de tal contexto, surgiu a reflexão que estrutura a presente pesquisa:

Qual a presença de conceitos e práticas criativas, na formação dos alunos-professores nos cursos de pedagogia? Qual a compreensão expressa pelos futuros professores quanto a esse conceito, na educação?

A escolha pelo enfoque no Ensino Superior se deu pela compreensão de que a formação inicial é responsável por desempenhar um papel fundamental na preparação do futuro professor na carreira como educador e corrobora com ALENCAR e FLEITH, ao afirmarem que: “É fundamental que as instituições de ensino superior, que ocupem a posição central da formação dos futuros profissionais, tenham como uma de suas metas o desenvolvimento do potencial criativo dos estudantes”. (ALENCAR & FLEITH, 2010 p. 201) Assim, a presente pesquisa aponta como objetivo geral compreender a visão dos estudantes sobre criatividade na educação e investigar se, e de que forma, os cursos de formação em Pedagogia trabalham os conceitos de criatividade em suas disciplinas, na perspectiva dos estudantes..

Como objetivos específicos, busca-se a) Identificar a visão dos alunos do curso de pedagogia em relação ao conceito de criatividade e relacioná-la aos conceitos apresentados nas referências teóricas, b) Analisar de que forma esse conhecimento é abordado nas disciplinas, ao longo da formação, c) Identificar, na Base Comum Curricular (BNCC), de que forma o conceito é ali inserido e d) Analisar se os conhecimentos adquiridos durante os cursos de pedagogia garantem que os educadores estejam preparados para atender aos propósitos delineados no documento.

Este relatório está organizado em 4 capítulos. Após a Introdução, se apresenta a revisão bibliográfica, a fim de contextualizar o tema da dissertação no contexto do conhecimento existente na área e contribuir para a construção da fundamentação teórica desta dissertação, assegurando que ela contribua significativamente para o campo de estudo.

No 2º capítulo, o referencial teórico explicitará os principais conceitos que sustentam a pesquisa: conceito de criatividade e presença da criatividade na Base Comum Curricular (BNCC). Com relação à BNCC, serão feitas indicações sobre a explicitação, ou não, que este documento traz quanto ao significado ou relações do conceito de criatividade com os objetivos da educação propostos à educação básica.

O capítulo 3º apresenta os procedimentos metodológicos destes trabalhos, sendo que os dados serão produzidos a partir de grupos de discussão.

No capítulo 4º, os dados serão apresentados e analisados, por meio do procedimento de análise de prosa.

O capítulo final apresentará os resultados da análise e as considerações finais.

1 - REVISÃO DA LITERATURA

Com o intuito de analisar os estudos relevantes ao tema de pesquisa, foram consultados trabalhos nas bases de dados Scielo, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, no período do mês de outubro de 2022 a junho de 2023. As buscas foram limitadas aos últimos seis anos (período de 2018 a 2023), conforme a combinação dos descritores: criatividade, educação, formação inicial e pedagogia, inseridos no título ou resumos dos estudos.

Resultaram das buscas 34 trabalhos. Destes trabalhos, foram selecionados três artigos e uma dissertação, que apresentaram pontos norteadores ou semelhanças relevantes ao objetivo da pesquisa, indicados na tabela 1. Esses trabalhos parecem indicar uma carência de estudos recentes na área estudada.

Os demais trabalhos não selecionados não atenderam os critérios, seja por não pertencerem à área de educação, seja por estarem diretamente relacionados à promoção da criatividade dos educandos.

Tabela 1: Revisão de literatura

Autor	Título	Artigo/ Dissertação	Publicação	Ano
Alencar, E. S. de. et al.	Criatividade em Sala de Aula: Fatores Inibidores e Facilitadores Segundo Coordenadores Pedagógicos	Artigo	Psico-USF - Universidade de São Francisco, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia.	2018
Aranda, D. S; Raso, F.	Percepciones del Futuro Pedagogo sobre la Metodología de	Artigo	REICE. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación	2022

	Enseñanza de la Creatividad.			
Fleider, M. M. W.	Criatividade na escola: uma análise de propostas pedagógicas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.	Dissertação	Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo	2022
Negreiros, J.; Scarparo, M; Wechsler, S; Silva, G.	Criatividade e Educação: O estado da arte nas publicações brasileiras	Artigo	Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais, 3(11).	2022

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

ALENCAR et al. (2018a) apresentam um estudo voltado para a opinião de coordenadores pedagógicos sobre a criatividade em sala de aula e os fatores que facilitam ou inibem essas práticas.

A pesquisa, desenvolvida por meio de questionário aplicado a 66 coordenadores pedagógicos de escolas públicas e particulares, apontou, como fatores inibidores das práticas criativas mais sinalizadas, o desconhecimento de práticas pedagógicas que propiciem o desenvolvimento da criatividade dos alunos, seguido de inseguranças para testar novas práticas, baixo reconhecimento do trabalho dos professores, desconhecimento de textos a

respeito de como implementar a criatividade em sala de aula e elevado número de alunos em sala.

Com relação aos procedimentos para facilitar o estímulo da criatividade, os coordenadores pedagógicos apontaram ofertas de cursos e formações em serviço, além de apoio e orientação aos docentes.

O artigo publicado por ARANDA & RASO (2019), na revista Ibero-americana sobre qualidade, eficácia e mudança em educação, originalmente publicado em espanhol, expõe um estudo científico para explorar a percepção de futuros profissionais da educação sobre metodologias de ensino desenvolvidas no curso de pedagogia da Universidade de Granada, Espanha, para promover a criatividade nos alunos.

Por meio da revisão da literatura, as autoras apontaram a centralização das pesquisas em temáticas relacionadas a habilidades criativas dos participantes e se os sujeitos se consideram ou não criativos.

Essa análise levou à questão desencadeadora da pesquisa: Que percepção os estudantes de pedagogia têm a respeito da criatividade e dos métodos docentes para seu desenvolvimento?

Como método, apresentaram um questionário com 64 perguntas da modalidade Likert, contendo quatro alternativas de resposta entre discordo totalmente até concordo totalmente. Participaram do estudo 244 sujeitos matriculados no curso de pedagogia da Universidade de Granada, durante o ano de 2017/2018, de idades entre 18 e 29 anos.

Por meio da análise de resultados, constatou-se que 20,5% dos estudantes discordam totalmente, enquanto 63,5% apontaram que discordam dos métodos didáticos usados pelos professores para desenvolver a criatividade como capacidade pessoal dos alunos.

Das respostas emitidas, 70% afirmam a necessidade da implementação de metodologias criativas para aumentar a capacidade dos alunos de gerar novas ideias. Negreiros et al (2022) investiga o estado da arte de criatividade e educação no Brasil, entre os anos 2014–2021, por meio das bases de dados Scielo e PePSIC para artigos e CAPES para teses e dissertações.

Foram analisados 123 estudos, sendo 32% realizados com crianças e 61% com professores. O ano com o maior número de publicações foi o ano de 2015, havendo uma queda brusca nos anos de 2020 e 2021. O objetivo central da pesquisa foi compreender como a criatividade é investigada nos contextos educacionais brasileiros e de que forma esta é identificada e estimulada nos alunos. Segundo os autores da pesquisa, os trabalhos publicados

estão diretamente relacionados com a atuação dos docentes, sendo a criatividade do professor um dos temas mais estudados.

Entre os dados levantados para análise foram listados quatro temas principais: Desenvolvimento da criatividade (28%), professor criativo (22,4%), papel da criatividade na educação (19,2%) e Avaliação da criatividade (12%). Importante destacar que as autoras limitaram a pesquisa da criatividade na educação com enfoque na área da psicologia e, como conclusão, sugerem futuras pesquisas que investiguem outros aspectos que influenciam a criatividade no contexto da educação.

A tese apresentada por FLEIDER (2022), intitulada “A criatividade na escola: uma análise de propostas pedagógicas nos anos iniciais do ensino fundamental”, a autora traz em seu trabalho uma pesquisa que objetiva compreender de que forma o ensino e o estímulo da criatividade, bem como os processos criativos, foram abordados nas práticas pedagógicas de quatro professoras polivalentes do primeiro e segundo ano do ensino fundamental.

O estudo foi feito em uma escola particular da cidade de São Paulo, não citada na pesquisa, sendo analisadas e observadas duas disciplinas: Língua Portuguesa e História, num total de sete aulas.

A metodologia da pesquisa se divide em duas partes, a primeira, um questionário aberto com perguntas a respeito da compreensão das docentes sobre quais elementos e situações consideravam criativas.

Em resposta à questão sobre a utilização da criatividade em atividades cotidianas, FLEIDER (2022, p. 87), diz: “50% responderam que há um tempo de criação e expressão dos alunos de forma sistemática na sua programação e 50% responderam que depende da situação, que quando sobra tempo propõem atividades de criação para seus alunos”.

Na segunda parte do estudo, a autora analisou seis propostas de atividades desenvolvidas pelas professoras, na qual observou que forma a mediação destas favorecia a criatividade.

Em conclusão, delimitou que, embora as propostas de aula permitissem o desenvolvimento do pensamento criativo, as atividades não foram planejadas com esse propósito. Habilidades como: criar, observar, relacionar e justificar estavam presentes, mas a autora afirma que parecem não ter espaço, tempo ou importância para os conteúdos.

Comparando com as respostas dadas no questionário, afirma que as aulas que tiveram maior estímulo ao pensamento criativo foram ministradas por professoras que apresentaram maior conhecimento sobre criatividade do que as demais.

Ao analisar os resultados dos estudos previamente citados, fica evidente que a criatividade tem sido uma área de interesse e investigação em várias vertentes da educação, destacando sua significativa importância na atuação do professor.

Os estudos buscam compreender de que forma a criatividade se insere na educação, alinhando-se com o foco desta pesquisa, tornando-se particularmente significativo investigar a abordagem proposta neste estudo, uma vez que a formação inicial é a base para a atuação do professor.

A seguir, a partir das referências consultadas, serão evidenciados os conceitos de criatividade emitidos pelos seguintes autores; Guilford 1950,1967; Torrance 1965, 1966, 1976; Torre 1989, 1996; Alencar, 1986, 2000, 2018a; Ostrower 1993; Alencar e Fleith 2003, 2010; Alencar, Braga e Marinho 2018b.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

A partir das referências revisadas e dos artigos estudados, serão apresentados os conceitos de criatividade, construídos pelos seguintes autores: Guilford (1950, 1967); Torrance (1965, 1966, 1976); Torre (1989, 1996, 2008); Alencar (1986, 2000); Ostrower 1993; Alencar e Fleith (2003, 2010); Alencar, Braga e Marinho (2018b) no contexto de criatividade e educação, juntamente com pesquisa das competências e habilidades da BNCC, que relacionem a criatividade como os objetivos de ensino.

2.1 - Conceito de Criatividade

Para definir o conceito de criatividade, é necessário, primeiramente, desmistificar a relação do “ser criativo” como um dom pertencente a poucos privilegiados. Essa idealização, conhecida desde a Grécia antiga, considerava a criação um ato divino.

Em relação a tal crença, ALENCAR, BRAGA e MARINHO (2018b, p. 28) citam: “Deus teria tomado posse sobre o ser e Ele perderia o controle sobre a criação. Essa ideia é responsável pela concepção do dom que se difundiu ao longo dos séculos.” Definir a criatividade é uma tarefa complexa por sua relevância em diversas áreas e por fatores internos e externos que influenciam seu desenvolvimento, como: a personalidade, o modo de pensar, os valores, a cultura e o ambiente concernente ao sujeito. No entanto, com a contribuição de pesquisadores empenhados na compreensão sobre o ato de criar, as concepções de criatividade foram estruturadas de acordo com cada área de estudo.

Os estudos sobre o tema se expandiram na década de 1950, na qual pontos importantes da criatividade foram pesquisados, a exemplo:

[...] características cognitivas, motivacionais e personalidade de indivíduos altamente criativos; os fatores ambientais que facilitam o seu desenvolvimento e manifestação; a relação entre criatividade durante a infância e a vida adulta; as relações entre criatividade e inteligência; bem como as principais barreiras do seu desenvolvimento. (ALENCAR, 1986, p. 13)

Um dos responsáveis pelo avanço das pesquisas em criatividade foi o psicólogo Joy Paul Guilford (1950), pioneiro em definir o pensamento criativo por características, como:

Flexibilidade: alterar pensamentos e conceber diferentes respostas;

Originalidade: sugerir respostas incomuns para a mesma questão;

Elaboração: detalhes presentes em uma ideia;

Fluência: habilidades em ter ideias em diferentes assuntos;

Avaliação: julgar e selecionar ideias entre um grupo de opções. (GUILFORD 1967, apud ALENCAR, BRAGA & MARINHO, 2018b, p. 35).

Tal definição dá início à percepção da criatividade como um conjunto de habilidades passíveis de desenvolvimento.

Influenciado por GUILFORD (1950), Ellis Paul Torrance (1965) complementa as teorias sobre criatividade, definindo-as como um processo mental factível de se despertar.

TORRANCE afirma que o processo está em tornar-se sensível aos problemas, identificar dificuldades, buscar soluções por meio de hipóteses, testar e comunicar os resultados. (TORRANCE, 1965, apud ALENCAR & FLEITH, 2003, p. 14).

Muitos estudos sobre criatividade são relacionados a Torrance, por ser o criador do Teste de Pensamento Criativo¹, ainda aplicado como uma das principais ferramentas de avaliação da criatividade. Uma percepção mais ampla dos fatores influentes da criatividade é descrita por TORRE (1996), que define a criatividade relacionada a habilidades, processos e capacidade pessoal intrínseca ao ser humano. O autor aponta que: “[...] o desenvolvimento

¹ O teste de pensamento criativo de Torrance (1966) é um instrumento utilizado para compreender a criatividade através de avaliação por figuras e avaliação por palavras, possibilitando a análise de oito categorias : Fluência, Flexibilidade, Elaboração, Originalidade, Expressão da Emoção, Fantasia, Perspectiva Incomum, Analogias e Metáforas. Tal teste não busca avaliar a criatividade, mas orientar para o auxílio no desenvolvimento das habilidades criativas.

das habilidades cognitivas, como observar, inferir, sintetizar, associar, etc. constituem um novo modo de conceituar a criatividade”. (TORRE, 1996, p.8).

Entretanto, o autor salienta ainda a relação da criatividade com o meio, através da seguinte posição: “[...] o meio humano não só condiciona, mas possibilita que cheguemos a ser pessoas criativas. Um meio pobre em estímulos limita nossas possibilidades, um meio rico, enriquece nossas capacidades potenciais.” (TORRE, 1989, pág. 7, tradução da autora).

Seguindo semelhante conceito, ALENCAR e FLEITH (2003, p. 37) descrevem que: “[...] de fundamental importância são fatores do contexto sociocultural que contribuem, em maior ou menor grau, para o reconhecimento, o desenvolvimento e a expressão da criatividade.”

Ademais, em concordância com os estudiosos supracitados, ALENCAR et al. (2018b) defendem que a criatividade não é domínio único das artes, possibilitando seu desenvolvimento por treinamento e intervenções. Expõe: “[...] a capacidade de criar pode ser expandida a partir do domínio de técnicas e fortalecimento de atitudes, comportamento, valores, crenças e atributos pessoais, que predispõem o indivíduo a pensar de uma maneira independente, flexível e imaginativa.” (ALENCAR, BRAGA & MARINHO, 2018b, P. 31).

Diante do exposto, é possível dizer que a criatividade está interligada a processos e habilidades, como definem GUILFORD (1950) e TORRANCE (1965), tal como se relaciona aos fatores sociais e culturais.

Compreende-se, portanto, que a criatividade está relacionada a um processo de observação, levantamento de hipóteses, associação e avaliação dos resultados, para que o pensar criativo se desenvolva através da busca por soluções. Para criar uma obra de arte ou um produto, por exemplo, compete também ao artista efetuar tais processos, denominados processos criativos, como etapas anteriores à criação.

Para a artista e educadora OSTROWER (1993, p.9): “O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender, e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.”

Associando ao ambiente educacional, integra-se, à rotina escolar dos docentes, obter soluções, sejam elas organizacionais ou de cunho pedagógico. Desenvolver a criatividade e aplicar os processos criativos nas práticas de ensino contribuiria no cumprimento dos conteúdos e objetivos, tal como nas estratégias de aprendizagem. Consequentemente, promoveria um ambiente favorável aos educandos, permitindo que desenvolvam habilidades criativas, visto que o meio é fator importante para o estímulo da criatividade.

2.2. Criatividade na BNCC

A Base Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo, aprovado em 2018, orientador do processo de escolarização básica obrigatória, segmentado entre partes referentes à Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Nesse documento, são estabelecidas dez competências gerais a serem desenvolvidas ao longo da Educação Básica:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que

respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, BNCC, 2018, p. 10).

Para a BNCC, competência é definida como: “[...] mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2018, p. 08).

Em virtude de a Base Comum Curricular (BNCC) estabelecer a construção dos objetivos e conteúdo das práticas pedagógicas, importa destacar as habilidades que se relacionam com a criatividade nos campos de experiência da Educação Infantil, e as áreas de conhecimento do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Na parte introdutória do documento, a criatividade se apresenta no item 2 das Competências Gerais da Educação Básica, no seguinte trecho:

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. (BRASIL, 2018, p. 09)

Posteriormente, seguindo no campo da Introdução, em “Os fundamentos pedagógicos da BNCC - O compromisso com a educação integral”, encontramos novamente referência à criatividade na passagem do texto que menciona:

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. (BRASIL, 2018, p. 14).

No contexto da Educação Infantil, a BNCC estabelece seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se.

Na descrição de dois desses direitos, temos a criatividade:

- Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (BRASIL, 2018, p. 38).
- Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens. (BRASIL, 2018, p. 38)

Ademais, a Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiência para o desenvolvimento das crianças. São eles: O eu e o outro; corpo, gestos e movimento; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Dentro desses campos de experiência, a criatividade é citada na definição do campo Traços, sons, cores e formas, na seguinte passagem:

[...], Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças [...]. (BRASIL, 2018, p. 41)

E, novamente, no campo, “A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental”, no qual se classificam os objetivos que serão ampliados e aprofundados no Ensino Fundamental, a criatividade aparece no Item “Sínteses de Aprendizagem — Corpo, gestos e movimentos” e “Utilizar o corpo intencionalmente (com criatividade, controle e adequação) como instrumento de interação com o outro e com o meio.” (BRASIL, 2018, p. 54)

Nas etapas do Ensino Fundamental, as buscas por "criatividade" foram delimitadas as áreas de Matemática e Linguagem, compostas pelos componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte e Educação Física, e, no caso do Ensino Fundamental — Anos Finais, Língua Inglesa.

A opção por não incluir “criatividade” no componente Arte ou Educação Física, que envolve linguagens da Arte, na BNCC, têm por motivo desvincular a criatividade atrelada essencialmente à expressão artística.

Como apontam ALENCAR, BRAGA e MARINHO (2018b, p. 75) “[...] crenças e ideias errôneas sobre criatividade são ainda muito frequentes entre professores, como, por exemplo, a forte associação entre criatividade e arte [...]”.

Na etapa do Ensino Fundamental — Anos Iniciais, no campo “Contexto da Educação Básica”, é apontada a importância do pensar criativamente no trecho:

O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza. (BRASIL, 2018, p. 58)

Em Língua Portuguesa, a BNCC apresenta uma observação interessante, ao manifestar uma significativa preocupação em relação às habilidades necessárias para o futuro.

Em seu trecho introdutório acerca da inclusão de novos letramentos, essencialmente digitais, aponta a seguinte reflexão necessária para o desenvolvimento dos educandos para o cenário atual:

Uma parte considerável das crianças e jovens que estão na escola hoje vai exercer profissões que ainda nem existem e se deparar com problemas de diferentes ordens e que podem requerer diferentes habilidades, um repertório de experiências e práticas e o domínio de ferramentas que a vivência dessa diversificação pode favorecer. (BRASIL, 2018, p. 69)

Justamente nas considerações dos multiletramentos e das práticas da cultura digital entra a criatividade:

[...] práticas da cultura digital no currículo não contribui somente para que uma participação mais efetiva e crítica nas práticas contemporâneas de linguagem por parte dos estudantes possa ter lugar, mas permite também que se possa ter em mente mais do que um “usuário da língua/das linguagens”, na direção do que alguns autores vão denominar de designer: alguém que toma algo que já existe (inclusive textos escritos), mescla, remixa, transforma, redistribui, produzindo novos sentidos, processo que alguns autores associam à criatividade. Parte do sentido de criatividade em circulação nos dias atuais (“economias criativas”, “cidades criativas” etc.) tem algum tipo de relação com esses fenômenos de reciclagem, mistura, apropriação e redistribuição.” (BRASIL, 2018, p. 70)

Em Língua Inglesa, no eixo Leitura, o “percurso criativo” é apontado como uma ferramenta na aprendizagem da língua:

A vivência em leitura a partir de práticas situadas, envolvendo o contato com gêneros escritos e multimodais variados, de importância para a vida escolar, social e cultural dos estudantes, bem como as perspectivas de análise e problematização a partir dessas leituras, corroboram para o desenvolvimento da leitura crítica e para a construção de um percurso criativo e autônomo de aprendizagem da língua. (BRASIL, 2018, p. 244)

Na sequência, a criatividade é mencionada no eixo Escrita, que objetiva o desenvolvimento da escrita autoral com poucos recursos verbais a textos mais elaborados, nos quais recursos linguísticos — discursivos variados podem ser trabalhados “[...] para o desenvolvimento de uma escrita autêntica, criativa e autônoma.” (BRASIL, 2018, p. 254).

No que diz respeito à área de Matemática, na Etapa do Ensino Fundamental, não foi encontrada menção à palavra “criatividade”, nem a seus cognatos. Não significa que a mesma não seja uma ferramenta relevante, por exemplo, nas seguintes habilidades:

- Habilidade (EF01MA02):

Contar de maneira exata ou aproximada, utilizando diferentes estratégias como o pareamento e outros agrupamentos. (BRASIL, 2018, p. 279).

- Habilidade (EF01MA04):

Contar a quantidade de objetos de coleções até 100 unidades e apresentar o resultado por registros verbais e simbólicos, em situações de seu interesse, como jogos, brincadeiras, materiais da sala de aula, entre outros. (BRASIL, 2018, p. 279).

- Habilidade (EF03MA12):

Descrever e representar, por meio de esboços de trajetos ou utilizando croquis e maquetes, a movimentação de pessoas ou de objetos no espaço, incluindo mudanças de direção e sentido, com base em diferentes pontos de referência. (BRASIL, 2018 p. 287).

- Habilidade (EF06MA34):

Interpretar e desenvolver fluxogramas simples, identificando as relações entre os objetos representados (por exemplo, posição de cidades considerando as estradas que as unem, hierarquia dos funcionários de uma empresa etc.). ” (BRASIL, 2018, p. 305).

Em síntese, nas habilidades acima citadas, espera-se que o aluno consiga utilizar diferentes abordagens e estratégias ao aplicar técnicas matemáticas, requerendo formas diferentes de pensar e representar.

Para GONTIJO (2006):

A capacidade criativa em Matemática também deve ser caracterizada pela abundância ou quantidade de idéias (sic) diferentes produzidas sobre um mesmo assunto (fluência), pela capacidade de alterar o pensamento ou conceber diferentes categorias de respostas (flexibilidade), por apresentar respostas infrequentes (sic) ou incomuns (originalidade) e por apresentar grande quantidade de detalhes em uma ideia (elaboração). (GONTIJO, 2006, p. 233)

As características mencionadas por GONTIJO (2006) incluem os atributos que definem o pensamento criativo, estabelecido por GUILFORD (1967), evidenciando, assim, a relevância da criatividade também no contexto da matemática.

Para o Ensino Médio, a BNCC se organiza em quatro áreas do conhecimento, nas quais são estabelecidas competências específicas de cada área, a serem desenvolvidas no contexto da BNCC e nos Itinerários Formativos.

O texto introdutório, que compreende o Ensino Médio no contexto da Educação Básica, salienta, em um dos trechos, a criatividade já esperada dos jovens nessa etapa, quando aponta:

Desse modo, a escola os convoca a assumir responsabilidades para equacionar e resolver questões legadas pelas gerações anteriores, valorizando o esforço dos que os precedem e abrindo-se criativamente para o novo. (BRASIL, 2018, p. 463)

As estruturas e projetos pedagógicos que a BNCC orienta para o currículo das instituições de ensino promovem o favorecimento da preparação básica para o trabalho.

Dentro dessa competência, a criatividade é colocada como uma necessidade, ao ser enfatizado:

[...] o desenvolvimento de competências que possibilitem aos estudantes inserir-se de forma ativa, crítica, criativa e responsável em um mundo do trabalho cada vez mais complexo e imprevisível [...]. (BRASIL, 2018 p. 465)

Além disso, a BNCC ressalta as recomendações definidas pelo Conselho Nacional de Educação, Parecer CNE/CP n.º 11/2009:

– Estimular a construção de currículos flexíveis, que permitam itinerários formativos diversificados aos alunos e que melhor respondam à heterogeneidade e pluralidade de suas condições, interesses e aspirações, com previsão de espaços e tempos para utilização aberta e criativa. (BRASIL, Conselho Nacional de Educação, 2009 apud BRASIL, 2018, p. 466)

Também no item Currículos: BNCC e Itinerários, levantam-se propostas que envolvem a criatividade:

Como forma de articular as áreas do conhecimento através de Oficinas, para produção de quadrinhos, audiovisual, legendagem, fanzine, escrita criativa, e performances e Núcleos de criação artística para o desenvolvimento de processos criativos e colaborativos, com base nos interesses de pesquisa dos jovens. (BRASIL, 2018, p. 472)

A Base Nacional Comum Curricular prevê, para o Ensino Médio, um currículo composto pela Base Nacional Comum Curricular e por Itinerários Formativos, que abrangem as competências específicas para cada área do conhecimento: matemáticas e suas

Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Na área Linguagens e suas tecnologias, as competências específicas e as habilidades a serem alcançadas evidenciam a criatividade em diferentes contextos:

- Competência Específica 3

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global. (BRASIL, 2018, p. 493)

- Habilidade:

- (EM13LGG304) Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo seus princípios e objetivos de maneira crítica, criativa, solidária e ética (BRASIL, 2018, p. 493)

- Competência Específica 6

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re) construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2018, p. 488)

- Habilidade:

(EM13LGG602). Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade. (BRASIL, 2018, p. 488)

- Competência Específica 7

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 489)

No componente Língua Portuguesa, a BNCC define:

[...]progressão das habilidades, de modo a dar maior ênfase às habilidades envolvidas na produção de textos multissemióticos, mais analíticos, críticos, propositivos e criativos. (BRASIL, 2018, p. 492)

Por sua vez, a área de Matemática e suas Tecnologias é responsável por:

[...] explorar o potencial adquirido pelos estudantes e promover ações que provoquem processos de reflexão, os quais deem sustentação a modos de pensar criativos. (BRASIL, 2018, p. 518)

Ademais, na área de Matemática, são definidos pares de ideias que se articulam entre os campos da Aritmética, Álgebra, Geometria, Probabilidade e Estatística, Grandezas e Medidas, evidenciados como significativos para o desenvolvimento do pensamento matemático, no qual a criatividade entra como ponto importante.

O par de ideias “Variação e Constância” indica que:

[...] a ideia de variação e constância comporta indagações do tipo “e se fosse?”, que mobilizam processos de abstrações, representações e generalizações, essenciais para a criatividade em Matemática. (BRASIL, 2018, p. 520)

Por fim, a última área da BNCC, voltada para o Ensino Médio, na qual se encontra presente a criatividade, é a de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, composta por Filosofia, Geografia, História e Sociologia:

No tratamento dessas categorias no Ensino Médio, a heterogeneidade de visões de mundo e a convivência com as diferenças favorecem o desenvolvimento da sensibilidade, da autocritica e da criatividade, nas situações da vida, em geral, e nas produções escolares, em particular. (BRASIL, 2018, p. 557)

Assim, como menciona Torre (2008, p. 24), ao afirmar: “[...] há criatividade na leitura e na escrita, na forma de focar as Ciências e a História, no tipo de problemas sugeridos em Matemática. ”, a BNCC cita a criatividade nas diversas áreas do conhecimento, porém não esclarece o conceito de criatividade ou de que forma ela se integra às disciplinas.

Contudo, posto que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece a criatividade como uma habilidade necessária no desenvolvimento integral do aluno, é pertinente analisar se o conhecimento de tais habilidades estão presentes na formação do professor, bem como investigar a compreensão da necessidade de incorporar o estímulo à criatividade nas propostas pedagógicas embasadas por esse documento.

3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Diante da problemática estabelecida para a pesquisa, de que forma os cursos de pedagogia trabalham e aplicam em suas disciplinas os conceitos de criatividade, na perspectiva dos estudantes?

Na pesquisa qualitativa BOGDAN e BIKLEN (1982), esclarecem: “Envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.” (BOGDAN & BIKLEN, 1982, apud LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 13).

Este método foi fundamental para a pesquisa, uma vez que permitiu a análise dos discursos e das vivências dos participantes, considerando que a criatividade é um tema que abrange diversas perspectivas de interpretação.

A técnica aplicada para produção dos dados foi a realização de grupo de discussão, com participação de estudantes do último ano do curso de pedagogia, a fim de explorar os seguintes objetivos gerais e específicos.

3.1 *Objetivo geral*

Compreender a visão dos estudantes sobre criatividade na educação e investigar se, e de que forma, os cursos de formação em Pedagogia trabalham os conceitos de criatividade em suas disciplinas, na perspectiva dos estudantes.

3.2 *Objetivos específicos*

- Identificar a visão dos alunos do curso de pedagogia em relação ao conceito de criatividade e relacioná-la aos conceitos apresentados nas referências teóricas.
- Analisar de que forma esse conhecimento é abordado nas disciplinas, ao longo da formação.
- Identificar, na Base Comum Curricular (BNCC), de que forma o conceito é ali inserido.
- Analisar se os conhecimentos adquiridos durante os cursos de pedagogia garantem que os educadores estejam preparados para atender aos propósitos delineados no documento.

3.3 *Etapas da Pesquisa*

Para alcançar tais objetivos, inicialmente, buscou-se na literatura conceitos e abordagens acerca do tema em estudo; foram feitas consultas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

a fim de identificar se a criatividade aparece como objetivo de aprendizagem essencial em todas as etapas da educação básica; e, por fim, foi definido explorar as questões da pesquisa através da técnica de grupo de discussão, com o intuito de construir os dados necessários à pesquisa, a partir da perspectiva dos participantes e possibilitar aos estudantes a manifestação de sua compreensão sobre o tema e suas vivências durante a formação.

A realização do grupo teve como apoio o conceito apresentado por IBÁÑEZ, que explicita:

No grupo de discussão, o discurso é provocado: existe uma provocação explícita por parte do preceptor (que propõe o tema); e todos os elementos da situação (canal de seleção, estrutura do espaço/tempo da reunião, composição do grupo) tendem a provocá-lo implicitamente. (IBÁÑEZ, 2003 p. 266)

Inicialmente, a abordagem escolhida para a produção de dados envolveria aplicação de questionário, presencialmente. Contudo, ao entrar em contato com professoras universitárias, constatou-se a quantidade reduzida de estudantes nas turmas ministradas presencialmente, o que dificultaria a busca por participantes em número suficiente para a coleta de dados.

Como alternativa, foi utilizado a metodologia de grupo de discussão, que a princípio, objetivava a aplicação presencial.

Foram realizados contatos com coordenadores dos cursos de pedagogia de cinco universidades, porém, não houve possibilidade de realização da pesquisa, institucionalmente, nessas universidades.

Devido ao tempo reduzido para aplicação da metodologia, não foi possível realizar os encontros presencialmente, havendo, então, a mudança de abordagem da construção de dados para o formato on-line, visando facilitar a adesão de participantes do grupo.

3.4 Participantes

A escolha dos sujeitos foi diretamente vinculada ao objetivo da pesquisa, centralizando, tanto a pesquisa, como as respostas, aos conhecimentos e possíveis práticas criativas construídas nas disciplinas dos cursos de formação inicial.

Com esse propósito, o grupo foi formado por estudantes do último ano do curso de pedagogia, com participação dos discentes que, individual e pessoalmente, aceitaram o convite. Esses participantes foram recomendados por colegas atuantes como coordenadores e professores em todos os níveis da educação, que se dispuseram a indicar estudantes de Pedagogia de seus respectivos círculos profissionais.

O contato com os estudantes se deu via WhatsApp e, após conversa inicial, foi enviado um formulário para realizar a caracterização dos participantes via Google Forms, com

apresentação dos objetivos da pesquisa, datas e horários dos grupos de discussão, à escolha dos participantes, de acordo com suas disponibilidades.

Após o convite foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), sendo enviado o link do questionário de caracterização para que os participantes, de forma voluntária, indicassem se desejariam participar ou não da pesquisa.

3.5 Produção de dados

Foram realizados dois grupos de discussão, via plataforma on-line, ambos com duração média de uma hora e trinta minutos. O link da reunião via Google Meet foi enviado aos participantes minutos antes do horário estipulado, juntamente com o TCLE.

O primeiro grupo de discussão foi realizado dia 21/10, por volta das dez e meia da manhã, com a inscrição de cinco participantes, porém duas participantes confirmaram indisponibilidade de participação.

O segundo grupo, realizado dia 01/11, às vinte horas, foi um grupo heterogêneo, com a participação de cinco mulheres e um homem. Ambos os grupos apresentaram variações em termos de idade, semestre e modalidade de ensino da instituição, conforme evidenciado na tabela a seguir:

Tabela 2 – Caracterização dos participantes

Nome (fictício)	Semestre	Modalidade de ensino da instituição	Sexo	Idade	Grupo de Participação
Ana Carolina	8º semestre	Ensino a distância	Feminino	33 anos	Grupo 2
Bianca	8º semestre	Presencial	Feminino	21 anos	Grupo 1
Daniela	8º semestre	Presencial	Feminino	26 anos	Grupo 2
Fernanda	8º semestre	Presencial	Feminino	29 anos	Grupo 2
Gustavo	8º semestre	Presencial	Masculino	22 anos	Grupo 2
Joana	7º semestre	Ensino a distância	Feminino	27 anos	Grupo 2
Karen	8º semestre	Presencial	Feminino	25 anos	Grupo 1

Melissa	7º semestre	Ensino a distância	Feminino	31 anos	Grupo 2
Sonia	8º semestre	Ensino a distância	Feminino	41 anos	Grupo 1

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O nome dos estudantes e as instituições onde cursam pedagogia foram ocultados e os nomes apresentados são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

Durante a realização do grupo, foram abordados temas pertinentes à pesquisa, envolvendo questões acerca do entendimento a respeito do conceito de criatividade e a possível presença da criatividade nas disciplinas cursadas pelas participantes.

Para tal, foram propostas, em um roteiro, questões referentes a: como — ou se a criatividade foi trabalhada em alguma das disciplinas disponíveis nos cursos de graduação, bem como a maneira pela qual os estudantes entendem o conceito de criatividade e a necessidade de entendê-lo para o exercício da profissão.

Juntamente com a elaboração desse roteiro, para a produção de dados, organizou-se uma proposta para a análise dos dados. A Tabela 3 apresenta o roteiro do grupo de discussão e as etapas da análise de dados:

Tabela 3: Roteiro Grupo de Discussão

Introdução	Apresentação inicial da pesquisadora, objetivos da pesquisa, significado do estudo e agradecimento pela participação.
Questões iniciais sobre o conceito de criatividade	Questões relacionadas a como os participantes entendem a criatividade: - Quando você ouve a palavra criatividade, o que vem a sua mente? O que é ou significa ser criativo? O que entendem por criatividade? -Pergunta para nortear a discussão: Se fazem por fora algum curso relacionado à criatividade, pesquisam sobre, ou possuem alguma habilidade relacionada à
Questões iniciais sobre o conceito de	

criatividade	<p>criatividade (musical, teatral, desenho, ...)</p> <p>- Acreditam que a criatividade se aprende?</p>
Percepção da Criatividade no Ensino Superior	<p>Indagar sobre as aulas que tiveram durante o curso e se, em algum momento, consideraram que tiveram alguma aula “criativa”, com uma abordagem dinâmica ou diferente, e como eram realizadas as atividades em sala. Aprofundar de acordo com a resposta dos participantes:</p> <p>-Pedir que compartilhem exemplos de experiências em que se sentiram criativos ou em que a criatividade desempenhou um papel dentro das aulas e atividades</p> <p>- Indagar se acham possível estimular a criatividade nas práticas do dia a dia na educação em benefício do desenvolvimento dos alunos.</p> <p>- Perguntar se, durante as vivências e conhecimentos que construíram durante o curso, acreditam que desenvolveram habilidades; em que se perceba que a criatividade tenha sido necessária para que possam colocar em prática ou propor atividades que desenvolvam a criatividade em sua futura atuação como professor</p>
Encerramento	<p>Agradecer aos participantes por suas contribuições e compartilhar informações sobre os próximos passos da pesquisa</p>

Em ambos os grupos, os participantes não se conheciam, o que influenciou a integração inicial entre os participantes. No primeiro grupo, devido ao tamanho reduzido de participantes, foram necessárias mais intervenções por parte da pesquisadora na mediação das discussões.

No segundo grupo, embora os participantes tenham inicialmente fornecido respostas pontuais, houve um entrosamento eficaz e uma troca significativa entre eles posteriormente.

Uma das integrantes do Grupo 2, Ana Carolina, participou no início da chamada, mas ausentou-se a partir da quarta pergunta, resultando em um grupo composto por seis participantes.

3.6 Etapas da análise de dados:

Após o encerramento dos grupos, foram realizadas as transcrições das gravações e organização das anotações feitas durante a condução do grupo. Para efetuar as transcrições, foi utilizado a ferramenta Google Docs, com o auxílio do recurso de digitação por voz, juntamente com a gravação em vídeo de ambos os grupos.

Foram retiradas da transcrição as partes de apresentação e encerramento da chamada, mantendo-se apenas os dados significativos para a análise.

Concluídas as transcrições dos dois grupos, totalizando 30 páginas, os temas abordados foram categorizados e destacados com cores distintas, organizando assim as respostas para cada uma das perguntas apresentadas no grupo de discussão.

Inicialmente, as categorias incluíram todas as questões elaboradas para o roteiro, resultando, então, em nove categorias. No entanto, após a leitura aprofundada das discussões, as categorias foram organizadas em duas categorias e oito subcategorias.

A primeira categoria — 1) Perspectivas acerca da criatividade, visa compreender o entendimento dos participantes em relação à criatividade na educação, e inclui as seguintes subcategorias: a) Conceito de criatividade; b) Criatividade como habilidade possível de se aprender.

A segunda categoria — 2) Criatividade no âmbito do Ensino Superior, está relacionada às subcategorias: c) Disciplina sobre criatividade na grade curricular; d) Aula que experienciaram e consideraram criativa; e) Atividades que desenvolveram e se sentiram criativos; f) Preparo durante a formação para trabalharem a criatividade enquanto professores.

Tais categorias foram inseridas em tabelas e organizadas nominalmente, não seguindo a ordem das falas, com o intuito de proporcionar uma visão abrangente das respostas de todos os participantes para cada pergunta, facilitando assim a leitura e análise dos dados. Além das categorias a serem analisadas, serão incorporadas falas específicas, decorrentes de assuntos pontuais, que tenham surgido durante momentos de interação entre os participantes, que não configuram uma única categoria, porém, auxiliam a responder o problema de pesquisa. De que forma os cursos de pedagogia trabalham e aplicam em suas disciplinas os conceitos de criatividade, na perspectiva dos alunos.

Serão referências para a análise dos dados os autores supracitados: Guilford (1950, 1967), Torrance (1965, 1966, 1967); Torre (1989, 1996, 2008); Alencar (1986, 2000); Alencar e Fleith (2003, 2010), Alencar, Braga e Marinho (2018b) a fim de alcançar o objetivo desta pesquisa em: compreender a visão dos estudantes sobre criatividade na educação e investigar se, e de que forma, os cursos de formação em Pedagogia trabalham os conceitos de criatividade em suas disciplinas, na perspectiva dos estudantes..

4 - ANÁLISE DE DADOS

Com a realização de dois grupos de discussão, cabe ressaltar algumas diferenças observadas. No primeiro grupo, as respostas das participantes concentraram-se em experiências profissionais e práticas pedagógicas, e a ideia de criatividade apareceu, em algumas falas, associada à Arte. Como na fala de Sônia a respeito de suas habilidades criativas:

Eu gosto, todas as vezes que eu preciso preparar alguma coisa que seja, uma entrega, uma preparação, um plano de aula. O que eu gosto de pensar: sempre se houve criatividade na parte de artes. A gente precisa se inspirar em arte, então eu gosto sempre de fazer com multidisciplinar. Eu faço língua portuguesa com artes, matemática com artes, geografia com artes. Eu gosto de colocar uma música, de colocar uma poesia, de colocar uma pintura, um pintor, um compositor. (Sônia)

Também, na fala de Karen acerca de propostas de aula que vivenciou e considerou criativa:

[...] Eu tive uma professora que fez diversas dinâmicas, fez sala de aula invertida, e outros métodos, mas nada voltado para a arte. (Karen)

O fato de relacionar a criatividade à Arte, pode ter ocorrido devido à apresentação da pesquisadora como professora de arte no ensino fundamental. Já no segundo grupo, no qual a pesquisadora se apresentou como professora no ensino fundamental, as respostas dos participantes não apresentaram uma ligação evidente entre criatividade e arte.

Outro aspecto relevante a ser destacado é que, dada a fase em que se encontram os participantes da pesquisa, cursando o 7º ou 8º semestre do curso de pedagogia, todos têm experiências de estágios ou atuação como professores. Nitidamente, os participantes demonstraram que suas vivências "criativas" se originaram mais das experiências em atuação em sala de aula, do que dos cursos em si.

Para melhor compreensão de tais vivências, que se relacionam de maneira direta às declarações dos participantes, a tabela abaixo apresenta as experiências profissionais de cada um, a fim de tornar a análise mais concludente.

Tabela 4 - Experiência Profissional dos Participantes

Nome	Experiência Profissional	Etapa da Educação
Bianca	Estagiária	Educação Infantil
Daniela	Estagiária	Educação Infantil
Fernanda	Professora de Matemática	Ensino Fundamental II
Gustavo	Professor de Inglês (Escola de Idiomas)	Adolescentes
Joana	Estagiária	Educação Infantil
Karen	Estagiária	Ensino Fundamental I
Melissa	Estagiária	Educação Infantil
Sônia	Estagiária	Ensino Fundamental I

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

4.1. Categoria 1 - *Perspectivas acerca da criatividade*

Esta categoria explora a compreensão individual de cada participante acerca do conceito de criatividade, bem como os mesmos percebem sua aplicação na educação. Tais concepções apresentadas neste contexto contribuem para uma análise mais aprofundada e abrangente das questões subsequentes relacionadas às suas vivências criativas.

4.1.1- *Conceito de criatividade*

Após levantar a questão: O que se entende por criatividade? Palavras como: Diferente e Novidade, apareceram com mais frequência. O segundo grupo trouxe um entendimento mais amplo do conceito, não relacionado diretamente com a educação. Como nas falas dos participantes:

Fazer algo de forma diferente (Joana)

*Pensar de forma diferente, se expressar de uma forma não usual
(Daniela)*

[...] é explorar, reinventar, pra mim é algo que está em conjunto com a novidade, com o diferente” (Ana Carolina)

[...] é fazer algo de um jeito diferente e novo, reinventar. (Melissa)

Já Gustavo afirma:

Criatividade pra mim é inovar (Gustavo)

Apesar de Inovação e Criatividade serem indissociáveis, por inovação entendem-se as ideias criativas colocadas em prática, inovação relaciona-se com o concreto. Tais definições apresentadas pelo grupo condizem com algumas das características definidas por GUILFORD (1967), quando aponta que pensamento criativo está relacionado com: habilidades em ter ideias em diferentes assuntos; alterar pensamentos e conceber diferentes respostas; e sugerir respostas incomuns para a mesma questão. (GUILFORD 1967, apud ALENCAR, BRAGA & MARINHO, 2018b, p. 35). No primeiro grupo, as participantes apresentaram o entendimento sobre o conceito de criatividade, exemplificado no contexto da educação, como evidenciado na frase de Bianca, que afirma:

Criatividade, para mim, é deixar a sua mente sair de fora da caixa. É criar livremente, sem usar desenhos ou escritas estruturadas (Bianca)

Cabe salientar que a participante é estagiária em uma escola de método de ensino construtivista.² “Criar livremente, sem usar desenhos ou escritas estruturadas” não significa deixar a criança livre sem mediação ou interação do professor. Assim como afirma TORRE, (2008):

É frequente ouvir expressões como “a criatividade é deixar o aluno fazer o que quiser”. A criatividade cresce na liberdade. Porém, precisa de orientação para não cair em uma extravagância improdutiva [...] a criatividade não se desenvolve dizendo somente: pintem livremente o que quiserem”, ou: “Vamos ver quem representa de maneira mais original o vaso que está à sua frente. (TORRE, 2008, p. 27).

A fala de Sônia sobre criatividade se encerra afirmando que:

[...] precisa ser algo que divirta as crianças, que ao mesmo tempo ensine e tenha um conteúdo lúdico presente. Deve ser instigante e desafiador.(Sônia)

Porém, a participante inicia dizendo que:

[...] quando eu ouço a palavra criatividade eu penso que precisa ser algo que supere o que é comum, o que é simples [...]. Eu preciso criar algo além daquilo que seja muito fácil, comum, ou que não me traria esforço. (Sônia)

Por tal afirmação, compreende-se, que, para ela, a criatividade é algo trabalhoso, que necessita de um planejamento elaborado. A participante ainda ressalta a questão do esforço em ser criativa em outras falas como:

[...] traz para mim uma certa dificuldade, né, porque eu preciso pesquisar, preciso ir além daquilo que seria comum, o que seria bem fácil e rápido. Dá mais tempo, mais trabalho, né? Envolve eu conhecer alguma coisa diferente, pegar alguma coisa que não era do meu repertório e buscar isso, pesquisar e estudar. (Sônia)

Karen entende a criatividade voltada para o lado da expressão e demonstração de sentimento, dizendo:

² No método Construtivista, o aprendizado emerge da interação entre professor e aluno. Nessa perspectiva, o educador desempenha o papel de mediador na relação dos alunos com o mundo, proporcionando condições para que construam autonomamente o conhecimento.

Fonte: <https://www.melhorescola.com.br>

A criatividade vem do ato de criar algo, né? Trabalhar a imaginação das crianças, deixar que elas possam [...] demonstrar sentimento no que estão fazendo, possam ser criativas, dar espaço para essa criança poder se expressar, dar o ponto de vista dela. Então, eu acho que a criatividade é algo maior. (Karen)

A capacidade de demonstrar sentimentos é considerada um elemento importante na definição de criatividade. Karen destaca a importância de permitir que as crianças expressem seus sentimentos ao serem criativas. Essa dimensão emocional é vista como parte integrante do processo criativo, em que as emoções são direcionadas para a criação de algo novo e significativo. Assim como aponta OSTROWER (1993, p. 12): “Como processos intuitivos, os processos de criação interligam-se intimamente com o nosso ser sensível. Mesmo no âmbito conceitual ou intelectual, a criação se articula principalmente através da sensibilidade.”

Diante das falas dos participantes, eles apresentam um bom entendimento acerca do conceito de criatividade. A criatividade está intrinsecamente relacionada à capacidade de ver e abordar as situações sob perspectivas diferentes, questionar o convencional e encontrar soluções singulares para problemas. O “diferente” se manifesta de diversas maneiras na expressão da criatividade. Essa manifestação pode envolver a combinação de ideias, a criação de algo novo e original, ou a abordagem de desafios de maneira não convencional. A disposição para explorar o diferente, aceitar a diversidade de pensamentos e acolher a originalidade são características fundamentais do pensamento criativo.

4.1.2. - *Criatividade como habilidade possível de se aprender*

Na segunda questão, pertencente à categoria “Criatividade como habilidade que se pode Aprender”, as respostas sugerem uma visão compartilhada de que a criatividade é uma habilidade que pode ser aprendida e aprimorada, como nas respostas afirmativas de Joana, Gustavo e Daniela:

Sim! (Joana)

Acho que sim. É possível aprender. (Gustavo)

Acho que dá pra aprender e estimular também. (Daniela)

Parte dos participantes utilizaram a palavra estimular em suas respostas. Sônia aponta:

Eu acredito que a criatividade seja uma habilidade que deve ser aperfeiçoada, e a gente deve buscar esse desenvolvimento, essa habilidade. Realmente, a gente precisa se esforçar, precisa buscar,

desenvolver mais essa habilidade. [...] E é claro, se ela (criança) não recebe os estímulos, também não desenvolve. [...] precisamos buscar os estímulos para desenvolver melhor essa habilidade. (Sônia)

Mais uma vez Sônia aponta que é necessário esforço para estimular a criatividade dos alunos, e salienta a influência dos estímulos externos e do papel dos educadores no processo de desenvolvimento criativo, assim como Karen, quando diz:

Eu acho que é dever do professor incentivar a criatividade desse aluno, né? Temos alunos que têm muita criatividade. Eu, no caso, tenho uma aluna que desenha super bem; a parte de criatividade dela está voltada para o desenho. Eu tenho um aluno, que é criativo na fala, então assim, sempre tem um argumento. Então, acho que nós, professores, nós que devemos incentivar. Mas eu acho que todo mundo já vem com algum tipo de criatividade, e nós só precisamos aperfeiçoar isso, desenvolver cada dia mais esse aluno. (Karen)

Karen destaca um ponto importante sobre diferentes áreas onde a criatividade se manifesta, tal como aponta TORRE (2008, p. 24) que pontua: “A mentalidade de nossos professores é de que a criatividade somente é exercitada na expressão plástica e dinâmica. [...] é necessário superar essa concepção, sabendo apreciar o comportamento criativo nas demais áreas.”

Bianca salienta:

A criatividade deve ser estimulada. É possível desenvolver ela e estimular, trabalhando com cada um em seu conhecimento. (Bianca)

Destaca a necessidade de estratégias, trabalhando com o conhecimento específico de cada aluno.

Melissa foi a única participante a expressar a opinião de que a criatividade não é uma habilidade passível de aprendizado:

Eu acho que não, não acho que dá pra estimular, a gente trabalha com a criatividade que a criança já tem. (Melissa)

Porém, se tratando a criatividade de uma habilidade, é possível desenvolvê-la e aprimorá-la.

Também é importante ressaltar a perspectiva apresentada pelos participantes sobre a responsabilidade pelo estímulo à criatividade ser de responsabilidade exclusivamente do professor. Conforme TORRE (2008), tal ação não se limita ao docente:

[...] o ambiente da sala de aula colabora para expressão livre e espontânea do que pensamos. Uma atmosfera adequada para a criatividade é tarefa do professor e alunos, já que sem uma atitude aberta, flexível, permissiva e cordial do professor, a criatividade nunca será alcançada; sem uma coesão cooperativa, compreensiva, de interesse e esforço por parte do grupo, cairemos em uma anarquia improdutiva. (TORRE, 2008, p. 41)

Assim, a criação de uma atmosfera propícia à criatividade é uma responsabilidade compartilhada entre professores e alunos. O professor desempenha um papel fundamental ao cultivar uma atitude aberta e flexível, como diz Torre, criando um ambiente que estimula a expressão criativa. Por outro lado, os alunos também têm um papel crucial, sendo necessário que haja cooperação, considerando que o ambiente desempenha um papel significativo no desenvolvimento da criatividade.

Em suma, para os participantes é possível estimular a criatividade, mesmo que não tenham conhecimento dela como uma habilidade, mas sim como uma característica intrínseca ao ser humano.

4.2. Categoria 2 - *Criatividade no âmbito do Ensino Superior*

Esta categoria foi estruturada com o intuito de obter dados acerca da presença da formação em desenvolvimento da criatividade, nos cursos de Pedagogia, conforme percebida pelos participantes.

As subcategorias foram organizadas de modo a incentivar a reflexão e a memória dos participantes, sobre sua formação em relação à criatividade, posto que os mesmos, são estudantes do 7º e 8º semestres e estão em fase de conclusão de suas etapas de formação.

Em específico, a subcategoria, “Aula que experienciaram e consideraram criativa”, aprofundou a compreensão sobre como a criatividade foi abordada durante o período de formação, porém, também atuou como meio para os participantes poderem identificar suas próprias práticas desenvolvidas criativamente. Por fim, a última subcategoria, “Preparo durante a formação para trabalharem a criatividade enquanto professores.” objetivou que os

participantes avaliassem, a partir de suas experiências, a influência da formação acadêmica, para que desenvolvessem a criatividade em sua atuação enquanto educadores.

4.2.1- *Disciplina sobre criatividade na grade curricular*

Nesta subcategoria, a primeira questão relacionada exclusivamente ao curso de pedagogia, investigou, se os participantes cursaram alguma disciplina específica sobre criatividade na grade curricular. Parte das respostas envolviam metodologias diferenciadas, mas não foi mencionada uma disciplina específica na qual a criatividade foi abordada.

A exemplo dessa afirmação, Fernanda:

Durante a pandemia, a gente teve aula de lúdico [...] ela (professora) fazia a gente cantar pelo Teams, era uma bagunça. Ela contava histórias. Na sala de aula, muitas vezes, as nossas professoras fizeram a gente sentar-se no chão e ser mesmo criança durante as aulas. [...] nós tivemos oficinas para aprender a criar vídeos super curtos para aplicar na escola, com stop motion. [...], a gente teve oficina de desenho [...] aprender a criar pequenos filmes com as crianças, músicas com as crianças. (Fernanda)

E de Joana, que diz:

Estou tendo agora uma disciplina que é de teatro e musicalização e aí tem que elaborar uma atividade que seja criativa. [...] acho que das disciplinas que eu tive até agora, essa foi a que eu tive que dar uma reboladinha assim, pra dar um pouco da minha criatividade, que é bem pouca. [...]Joutras também que foram muito chatas, que não dava muito pra ser criativa não. Porque também não tem muito auxílio da faculdade. (Joana)

Na mesma linha, Karen inicialmente menciona:

[...] Onde eu estudo eu tive uma matéria sobre arte, onde o professor trabalha com a gente a criatividade, mas nada muito específico (Karen)

Karen complementa:

Tive aulas de metodologias, onde o professor dava métodos onde nós poderíamos trabalhar com as crianças de uma forma mais lúdica, mas

não algo que entrasse de cara na criatividade. [...] A criatividade mesmo, a gente foi ter contato dentro da escola. (Karen)

As participantes avaliaram a criatividade presentes nas disciplinas, com Fernanda e Karen associando-a ao aspecto lúdico e Joana relacionando-a às linguagens da arte. No entanto, em ambas as declarações, sugere-se que o enfoque das disciplinas não estava centrado em abordar os conceitos de criatividade.

Sônia faz o mesmo apontamento a respeito da criatividade e a ludicidade ao dizer:

[...] eu concordo com as meninas na questão da superficialidade do conceito, porque o que aconteceu no caso do meu curso, eu acho que os conceitos de criatividade e ludicidade, eles vinham sempre juntos nas propostas curriculares. Por exemplo, o professor de docência na contemporaneidade, que é um componente que eu tive, então ele sempre falava muito que o professor do Século XXI precisa ser um professor criativo e lúdico nas suas propostas, na sua interação com o aluno, nas suas aulas, sempre nesse sentido. O professor de arte também misturando esses dois conceitos. Sempre acho que eles vêm muito juntos quando a gente está aprendendo a ser professor. (Sônia)

De fato, a criatividade e o lúdico são conceitos complementares. A ludicidade, por estar relacionada a brincadeiras e jogos, cria um ambiente propício para a expressão, incentivando a exploração e a descoberta, ferramentas essenciais da criatividade.

A participante ainda observa:

[...] não tivemos até então um estudo mais aprofundado, epistemológico da palavra, do conceito, de onde vem, como surgiu, como fazer, o que é a criatividade. Então, ficou superficial esse conhecimento, nesse sentido. Talvez tenha faltado um pouquinho nos componentes de filosofia estudar a criatividade, acredito que essa seja a deficiência. (Sonia)

E relata uma aula, na disciplina de Currículo, na qual houve menção à criatividade:

E eu lembro de umas aulas com a professora, na disciplina de currículo, os tipos de currículo, enfim, que entrava muito a questão da criatividade também. [...] Eu lembro que a professora, ela apresentou todos os tipos de currículo crítico, crítico-analítico, enfim, todos os tipos que tinham e sempre o ponto principal lá dentro, o eixo era criatividade. Mais, menos, não podia aflorar a criatividade neste [...] Era uma coisa muito presente, mas não teve um conteúdo aprofundado sobre essa criatividade dentro do currículo, como ela

seria interpretada. Qual a origem dela, porque ela que estaria norteando tanto essas diferenças nos currículos. (Sonia)

Esse trecho evidencia que certos tipos de currículo, mencionados em aula, não permitiriam espaço para a manifestação da criatividade. Isso pode ocorrer em ambientes educacionais que enfatizam a padronização. Contudo, a adoção de modelos de currículo padronizados pode limitar a flexibilidade e reduzir as oportunidades para a expressão criativa. Em resposta à questão, os participantes Melissa e Gustavo pontuaram, respectivamente:

[...] Uma aula específica, assim, falando o que é, não. (Melissa).

Eu não consigo me lembrar de alguma aula onde sentaram e falaram tipo. Gente, o conceito de criatividade é tal coisa. O que vocês pensam de ser criativo? Nunca tive essa discussão em aula, não consigo me lembrar. (Gustavo)

Daniela levanta um ponto importante em seu discurso, enfatizando:

Não, a gente não teve uma disciplina específica de criatividade. É o que o pessoal falou, a gente faz um “catadão” geral, né? Então, para desenvolver as atividades que os professores pedem, a gente precisa ter uma certa criatividade. Mas uma disciplina específica falando sobre isso, sobre como desenvolver a criatividade, estimular ou algo do tipo, não. A gente não teve. (Daniela)

São propostas atividades para os alunos serem criativos e desenvolvam atividades criativas, no entanto, a orientação e o estímulo para alcançar esse objetivo não estão presentes.

Ele se observa na fala de Joana quando compartilha uma proposta de aula que desenvolveu:

[...] tinha que elaborar uma outra atividade também, e aí eu escolhi uma colher. [...] E aí essa colher... eu fiz até com a minha sobrinha. Eu falei pra ela, Sophia, você tá vendo o que é isso? Ela, uma colher. Aí eu falei assim, e se não fosse uma colher, o que isso aqui seria? Aí eu falei assim, e se não fosse uma colher, o que isso aqui seria? E aí ela foi falando: “ah tia, pode ser um cotonete, por exemplo”. Então acho que das disciplinas que eu tive até agora, essa foi a que eu tive que dar uma reboladinha assim, para dar um pouco da minha criatividade, que é bem pouca. (Joana)

Torna-se ainda mais relevante, portanto, destacar as palavras de TORRE (2008), que evidencia a importância de se compreender a criatividade, para que, de fato, o trabalho pedagógico promova o desenvolvimento da criatividade.

O autor enfatiza: “Se tratamos a criatividade como uma exigência de nossos tempos, não podemos abandonar sua educação ao acaso. Faz-se necessário investigar seus componentes e descobrir seus fatores para orientar o trabalho educativo em sua direção.” (TORRE, 2008, p. 27)

Conforme indicado nas narrativas, há uma carência de abordagem específica sobre criatividade nas disciplinas dos cursos de pedagogia.

Embora haja menções a atividades práticas e disciplinas relacionadas à arte e ao lúdico, a falta de uma discussão mais aprofundada e estruturada sobre o conceito de criatividade é evidente. Isso sugere uma lacuna na formação dos cursos de pedagogia, no que diz respeito à compreensão teórica e prática da criatividade na educação.

4.2.2- Aula que experienciaram e consideraram criativa

Nessa categoria foi proposto que os participantes compartilhassem métodos utilizados pelos professores em aula, nas quais os próprios alunos consideraram uma metodologia diferente ou criativa na abordagem do conteúdo.

Karen cita como exemplo duas dinâmicas de aula, realizadas pela mesma professora, na disciplina Prática Docente, voltada para educação especial:

Estou tendo, na verdade, uma matéria onde a professora dá a parte teórica para nós, sobre deficientes, e a gente tem que trazer a parte prática. Eu, Karen, acho legal isso, porque está trabalhando a criatividade em mim. Eu tenho que ter muita ludicidade para trazer pra dentro da sala de aula[...]foi uma coisa que despertou a criatividade em mim e no meu grupo. Eu acho que foi uma matéria que me ajudou, tanto no meu TCC quanto na minha vida profissional, porque eu nunca imaginei que iria trabalhar com arte com deficientes visuais. Então eu tive que pesquisar. Eu acho que foi uma aula bem criativa da parte do professor (Karen)

Neste relato, cabe ressaltar o seguinte ponto:

Foi uma coisa que despertou a criatividade em mim e no meu grupo. Eu acho que foi uma matéria que me ajudou, tanto no meu TCC quanto na minha vida profissional. (Karen)

Esse destaque indica a importante contribuição que a manifestação da criatividade e como o conhecimento foi transmitido, incentivando a pesquisa e o protagonismo do aluno na aprendizagem, exerceram influência não apenas no estudo, mas também na experiência profissional da participante.

Tal como explicam ALENCAR e FLEITH (2003):

[...] o aluno deve ser estimulado pelo professor a explorar novas áreas de conhecimento, a desenvolver habilidades cognitivas e um autoconceito positivo, a participar mais efetivamente das atividades em sala de aula e a descobrir novos interesses e potencialidades. Em vez de simplesmente reproduzir conhecimento, o aluno é encorajado a produzir conhecimento de forma criativa. (ALENCAR; FLEITH, 2003, p. 138)

Karen ainda compartilha, como dinâmica da mesma educadora, uma atividade desenvolvida no início das aulas, precedendo a explicação do conteúdo:

Ela traz dentro da matéria dela, desde o sétimo semestre, muita ludicidade. Ela trabalhava já bastante a criatividade com a gente [...] ela sempre começava a aula dela introduzindo uma música. Aí, a partir da música, nós abrimos um debate na sala de aula. [...] Ela trazia muita música filosófica [...] então, trazia uma problemática dentro da música. [...] Ela trouxe uma problemática dentro da música que nós debatemos dentro de sala de aula [...] começava com um slide com a música, com a introdução da música. Aí, através da música, tinha a problemática do assunto que ela queria falar. Daí dava um debate dentro da sala de aula e tinha a resolução de problemas. Ela dava a hipótese que a gente tinha que solucionar. (Karen)

A dinâmica proposta incorpora diversos elementos que impulsionam a criatividade e estimulam as habilidades de resolução de problemas, ao promover o levantamento de hipóteses e a exploração de diferentes abordagens para solucionar a questão. A dinâmica em si, caminha para as alunas desenvolverem um processo criativo a fim de solucionar o problema apresentado, e está diretamente relacionada à definição de criatividade indicada por TORRANCE (1965), que aponta a criatividade como:

[...]um processo que envolve tornar-se sensível a problemas, deficiências e lacunas no conhecimento, identificar a dificuldade, buscar soluções por meio da formulação de hipóteses sobre as deficiências, testar e retestar estas hipóteses; e, finalmente, comunicar os resultados.” (TORRANCE, 1965, apud ALENCAR & FLEITH, 2003, p. 14)

Ademais, corrobora com os procedimentos que contribuem para o florescimento da criatividade apresentados por Alencar, Braga e Marinho (2018b, p. 76) que consiste, entre eles em:

Dar chance ao aluno para levantar questões, elaborar e testar hipóteses, discordar, propor interpretações alternativas, avaliar criticamente fatos, conceitos, princípios e idéias. (sic) Além disso, o professor deve ter uma atitude de respeito pelas questões levantadas, independentemente de serem elas banais e irrelevantes ou “inteligentes” e bem formuladas. (ALENCAR; BRAGA e MARINHO, 2018b, p. 76)

Ao examinar mais detalhadamente a questão ao ser indagada pela pesquisadora acerca da possibilidade de ser solucionado o problema, a participante prosseguiu:

A minha sala tem 98 meninas, então cada uma dava uma sugestão de como nós podíamos solucionar o problema. Umas partiram para um lado, outras partiram para o outro. Isso abria um leque para nós todas, que a questão de um problema, nós poderíamos solucionar de várias formas. [...] Nós conseguimos solucionar problemas que eu mesmo tinha, e as meninas deram soluções lá, que eu nem imaginaria. (Karen)

A dinâmica proposta em aula, mesmo realizada com um grupo grande de alunos, foi eficaz, não somente devido ao estímulo à criatividade, como também por levantar hipóteses e soluções para problemas reais, proporcionando ao aluno a possibilidade de aplicar o conteúdo de forma prática.

Em resposta à questão, Bianca salientou:

Eu tive uma professora que fez diversas dinâmicas, fez sala de aula invertida, e outros métodos. Mas nunca nada voltado para a arte. (Bianca)

Novamente, a arte foi relacionada por Bianca, às possibilidades criativas em sala de aula, porém, a prática de sala de aula invertida é apontada por Alencar, Braga e Marinho (2018, p. 76), como uma prática docente capaz de estimular a criatividade por incentivar o aluno a conhecer o conteúdo e utilizar o espaço da sala de aula para compartilhar experiências.

Prática que pôde ser reconhecida na continuação do discurso de Bianca:

[...] Achei criativo, pois como tivemos que pesquisar o conteúdo, acabamos conseguindo nos apropriar do conteúdo por nós mesmas, e aí, na hora de apresentar, a professora nos ajudou, acrescentou comentários na nossa apresentação, e sempre ouve nossas opiniões.”
(Bianca)

No relato de Sônia, a participante compartilha duas vivências em aula que considerou criativas, exemplificando duas dinâmicas opostas presentes nas metodologias dos professores, comenta:

[...] eu destacaria as aulas de Alfabetização e Letramento [...] a cada aula, ela surpreendia a gente, porque ela é muito criativa. [...] quando a gente entrava na aula, ligava a câmera, ela estava vestida caracterizada de Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, e ela dava uma aula como se nós fôssemos crianças e ela estivesse alfabetizando a gente. [...] A cada aula ela surpreendia a gente, porque ela é muito criativa. (Sônia)

Ainda sobre a aula específica de Alfabetização e Letramento, Sônia ressalta:

Ela não queria fazer só duas vezes por mês, ela fazia duas vezes por semana por voluntariado. Ela dizia: - Vocês não têm obrigação de participar em todas, vocês precisam entrar em duas por mês, para a presença. Mas eu quero dar essas aulas. (Sônia)

Tal postura, por parte da professora, é cabível de ser analisada, se considerarmos o estudo feito por Alencar (2000), realizado com pós-graduandos, sobre comportamentos típicos do professor facilitador do desenvolvimento e da expressão das habilidades criativas.

O estudo aponta que os professores facilitadores, apresentam traços de personalidade descritos como: “alegres, autoconfiantes, flexíveis, humildes, dinâmicos e entusiastas”. (ALENCAR, 2000, p. 84–94)

Essas características, conforme evidenciado na narrativa de Sônia, também são observáveis na descrição da professora considerada criativa.

A segunda proposta, descrita por Sônia, ocorreu na disciplina relacionada à Política e Legislação. Expressa suas expectativas iniciais sobre o curso dizendo:

[...] um professor também, que ele dava política. Olha só que coisa chata, legislação. Ele só falava de legislação, e era um senhor já bem idoso, [...] e eu tenho que aprender isso, porque cai em concurso, eu quero aprender, eu quero participar.

E na primeira aula, eu fui tão desinteressada. A hora que ele começou a falar, eu falei: - “Meu Deus do céu, que lei gostosa de aprender é essa”, porque ele tinha uma didática para ensinar.

Eu falei assim: - 'Ele é um professor de política'.

Realmente instigou todos os desejos e vontade de aprender, e todas as aulas dele eram muito boas. (Sônia)

Após ser argumentado pela pesquisadora, o porquê dessa aula ter sido criativa em sua visão, a participante relatou:

[...] ele fazia como uma linha do tempo, então ele dava uma aula cronológica, e as coisas iam se amarrando, sabe. Ele tinha essa didática, essa habilidade de ao ensinar uma lei...e começar pela história antes da Constituição. Porque chegamos na Constituição, de onde ela nasce, porque ela surge, qual a importância, de onde vem. E sabe o que parecia, que ele tava lá, parecia que ele tinha participado... de ajudar a escrever, porque tudo que ele ensinava, ele entendia de uma forma, ele tinha as palavras certas, o exemplo atual para levar a gente para o tempo, era uma linha do tempo, e ele que criou a disciplina. [...] a forma didática como ele conduzia essa linha do tempo, eu me sentia indo para lá, parecia vivendo os fatos acontecendo, que eu estava na reunião, enfim, como que foi as discussões, eu me sentia dentro daquilo lá. Ele sempre trazia um exemplo atual que eu conheço, que eu já vi, para me remeter lá, naquele passado lá, e entender. (Sônia)

Novamente, nesse relato é possível observar características de um professor facilitador, ainda segundo a análise de ALENCAR (2000), que os estudantes referenciam como professor facilitador da criatividade, aquele que: “[...] apresenta grau de preparação elevado, domínio do conteúdo ministrado e utilização de bibliografia ampla, provocativa e/ou adequada.” (ALENCAR, 2000, p. 84–94).

O exemplo específico dessa aula, demonstra que estimular a criatividade não depende exclusivamente de recursos, dinâmicas elaboradas ou teatrais. O que pode ser exemplificado através do trecho onde a participante diz:

[...] a forma didática como ele conduzia essa linha do tempo, eu me sentia indo para lá. (Sônia)

TORRE (2008), mostra ser essa uma característica de um professor criativo quando diz, que para ser criativo, o professor:

Não fica na contextualização da realidade, senão aproxima o aluno dela para que esse examine, observe, sinta e manipule, se for possível. Mostra os processos em desenvolvimento, aproximando o sujeito ao lugar dos fatos. Proporciona oportunidades para manipular ferramentas, materiais, estruturas e conceitos. Está convencido de que as vivências são um manancial de inspirações, e estas ocorrem quando alguém experimenta os fatos aludidos. (TORRE, 2008, p. 88)

Ao relatar sua experiência, Joana faz um comentário importante acerca da importância da mediação do professor:

[...] Então, no meu caso, não foi bem assim uma aula. Foi uma atividade que eu tive que fazer. Eu tive que montar um plano de aula. [...] Mas eu tive que montar um plano de aula e eu tinha que gravar eu dando essa aula. Explicando o plano de aula e como que eu ia falar, mostrar para a criança, para que ela entendesse e tudo mais. Eu fiquei um pouco assim, um desejo não muito legal com essa atividade, porque não tive muita participação da professora e tudo mais. (Joana)

A não participação da professora na atividade, fez com que a experiência da aluna não fosse positiva, por mais que considere ter sido uma aula criativa. Portanto, conforme destacado por TORRE (2008, p. 82) é essencial que o professor compreenda que, “Com o seu papel de reconhecimento e promoção está o de ajuda e orientação...”

Entre os participantes, Melissa demonstrou dificuldade em responder a pergunta, no entanto, apresentou seu exemplo de aula criativa:

A minha atividade era um site que tu entravas e nesse site tinhas vários testes. E depois, no final, mostrava a maneira que tu aprendes. Sinestésico, visão, audição. Da maneira que tu consegues assimilar mais conteúdo. (Melissa)

Em outro momento da discussão, a participante expõe sobre seu curso:

[...] mas eu acho que no meu curso, pelo menos, era mais dirigido. Ah! vocês têm que inventar esse tal tema aqui. Então não era uma coisa livre. Ah, eu vou bolar uma atividade.... Surgiu uma ideia na escola, mas não é porque a faculdade me proporcionou, foi porque a escola me proporcionou isso. [...] A maioria das disciplinas trabalhava em cima disso, eles colocavam lá e tu ia buscar naquele ponto, né? Não é uma coisa que saiu da minha cabeça e eu vou colocar lá. Era dirigido, uma atividade dirigida mesmo. (Melissa)

Joana complementa afirmando:

No meu caso também era assim, é assim também. Te dão um tema, sei lá, por exemplo, o fórum. Mas no fórum é pra você discutir sobre a disciplina, mas sempre é direcionado o que você acha sobre essa disciplina, o que essa disciplina vai levar pra sua vida, por exemplo, mas sempre num modo, como se pode dizer, direcionado, né? A responder exatamente o que o professor quer ouvir sobre aquela disciplina. (Joana)

Cabe ressaltar que ambas as participantes são estudantes na modalidade de Educação a Distância (E.A.D), demonstrando os desafios de estimular a criatividade nesse formato de ensino e a estrutura fundamentada nos métodos tradicionais. Em relação a esse assunto, ALENCAR, BRAGA e MARINHO (2018b, p. 69) apontam: “[...] vários são os fatores que cerceiam o desenvolvimento da criatividade na escola. Um deles é a ênfase exagerada na reprodução do conhecimento, aliada a prática de exercícios para os quais há uma única resposta correta.” Dentro deste mesmo contexto, TORRE (2008) esclarece:

Talvez habituemos os nossos alunos a ter as coisas tão prontas ou explicadas que com essa boa intenção estejamos matando a centelha criativa. Naturalmente, cada idade requer determinadas ajudas, porém, a melhor de todas é não lhes dar as coisas prontas, nem soluções já adotadas, mas sim permitir-lhes acreditar que foram eles que encontraram a solução ou descobriram o que estavam procurando. (TORRE, 2008, p. 36)

Observa-se que a ausência de estímulo à pesquisa e expressão dos alunos pode comprometer a criatividade. Nesse sentido, torna-se importante reavaliar as abordagens educacionais, especialmente em ambientes como a Educação a Distância.

Seguindo os relatos de práticas criativas, Gustavo menciona uma experiência que pôde adaptar para suas próprias aulas, alinhando-a aos seus objetivos de ensino na disciplina de Inglês.

[...] eu lembro de uma que foi um método que era assim, o professor ia dar um tópico e só podia debater três pessoas no meio e tinha uma quarta cadeira. Aí se você quisesse debater, você tinha que entrar naquela cadeira e meio que rodando a turma. E quem estava fora das cadeiras não podia conversar sobre o tópico, só podia conversar quando se sentasse na cadeira. E eu achei isso muito criativo, de se aplicar em sala de aula, principalmente porque é engraçado [...] Trabalho com adolescentes. E acho que esse tipo de metodologia foi algo que também eu apliquei nas minhas aulas e deu super certo. (Gustavo)

Incentivado a discorrer sobre a realização dessa dinâmica com seus alunos, prosseguiu:

[...] Eles se engajaram nas atividades e principalmente porque eu sou professor de inglês também. Então, assim, eu estou dando aula de inglês. E aí, isso para praticar a fala foi essencial, principalmente nas turmas mais avançadas, eles adoraram. [...], mas deu certo. Acho que vou continuar fazendo sempre que dá, sempre que eu vejo que é uma turma que vai rolar, eu acabo aplicando essa atividade. (Gustavo)

Por ser uma atividade desenvolvida com estudantes do Ensino Superior, foi viável aplicá-la para os alunos do Ensino Médio, dado que a atividade requer habilidades de autonomia e argumentação. Portanto, é necessário que os participantes apresentem um nível adequado de maturidade para o desenvolvimento da proposta.

No entanto, ao ser questionado sobre a possibilidade de adaptar outras dinâmicas vivenciadas durante o curso, expôs:

Pior que acho que não. Eu sinto que na faculdade não. Porque eu sinto que minha faculdade foca muito, muito mesmo, assim, no Ensino Infantil e no Fundamental I. Eu sinto que não teve muitas conversas sobre adolescentes ou até mesmo sobre o sistema de ensino. Eu sinto que a minha faculdade, o currículo inteiro até, era muito focado para formar professoras da educação infantil e do Fundamental I. Então eu sinto que as atividades que eu aprendi, de criatividade, de plano de aula, eu sinto que foi 100% algo que dá para aplicar naquela idade. [...] Só que assim, a atividade de quarto ano, você não aplica com alguém que tem 16 anos, 17, tem aluno meu que tem 18, que acabou de fazer 18, no último ano dele de ensino médio. Fica muito difícil de você conseguir aplicar isso. (Gustavo)

É possível observar, na fala de Gustavo, que presenciar aulas criativas, não prepara professores para trabalhar a criatividade ou criativamente com os alunos. Em se tratando do Ensino Médio, essas barreiras são ainda maiores.

A importância de se olhar a criatividade, não somente na formação do professor, como também no Ensino Médio, é justificada por TORRANCE (1976) ao expressar:

Jovens de dezesseis a dezoito anos precisam de problemas que exijam aplicações criativas do que aprenderam. Precisam também de ajuda para descobrir maneiras criativas de sustentar suas crenças e praticar seus ideais sociais. Os próprios adultos precisam procurar soluções criativas quando se encontram em conflito com os jovens de dezesseis a dezoito anos. (TORRANCE, 1976, p. 119)

Daniela compartilha sua experiência de aula criativa, e ao contrário dos demais participantes, sua memória acerca da dinâmica não foi positiva, demonstrando que nem sempre uma dinâmica criativa engaja os alunos à proposta ou tem o resultado esperado.

Daniela inicia contando sua experiência:

Eu tinha uma professora que ela era maluca [...] Gente, mas era uma aula, assim, eu achava insuportável, porque era numa terça-feira, era a última aula. E ela deu aula de corpo e movimento pra gente. Então, era tipo educação física e artes junto. [...] durante a aula, ela fazia a gente fazer umas posições de yoga, deitar-se no chão e respirar. (Daniela)

Durante o relato de Daniela, Fernanda reconhece ter tido a mesma aula em seu curso, porém, demonstra uma vivência positiva sobre a mesma aula. Diz:

É a mesma disciplina, Daniela. [...] meu professor tinha 75 anos, né? Então, você imagina um senhorzinho de idade pulando corda, brincando de cabra-cega, a gente se amarrava, a gente ria tanto que as outras salas paravam na frente, porque, assim, na faculdade não tem um espaço adequado. E aí, a sala de corpo e movimento é uma sala toda de vidro. Então, todo mundo aqui passa pra ver. E, assim, ele deu as duas matérias, ele estimulou que depois...a gente tinha uma avaliação, e aí ele pegava os eixos da BNCC, e nós deveríamos criar brincadeiras. Não poderia falar uma brincadeira que já existia. Nós teríamos que criar uma brincadeira a partir das coisas da Base Nacional Comum Curricular. (Fernanda)

As participantes continuam a discussão explicando:

Mas, assim, eu não sei se você faz noturno. Eu faço meu curso diurno. E a matéria era a última aula. Ele pega ali das nove e meia às onze e dez. Então, a gente se amarrava em brincar com ele, que era muito divertido. (Fernanda)

Daniela complementa:

O meu foi noturno, mas a pegada era a mesma. A pegada era a mesma, assim. Ela pediu uma atividade, a gente tinha que desenvolver três atividades para crianças de faixas etárias diferentes. A gente fez um teatro de mímica, a gente fez um dado gigante. Então, cada lado do dado tinha uma postura para eles fazerem. (Daniela)

A interação entre as participantes destaca pontos significativos de análise. Inicialmente, compreende-se que, ao contrário das demais atividades apresentadas, essa abordagem criativa está relacionada a uma disciplina específica do currículo, que demanda metodologias práticas e criativas. No entanto, Fernanda expõe:

[...] na faculdade não tem um espaço adequado. E aí, a sala de corpo e movimento é uma sala toda de vidro. Então, todo mundo aqui passa para ver. (Fernanda)

Embora seja uma proposta de expressão criativa, é possível analisar possíveis pontos bloqueadores da criatividade.

Os recursos do meio escolar, são fatores importantes para o desenvolvimento da criatividade, Torre (2008, p.70) esclarece: “O ambiente confortável convida, sem dúvida alguma, a um esforço e concentração no trabalho criativo.”. Quando Fernanda diz:

Então, todo mundo aqui passa pra ver. (Fernanda)

Podemos compreender que são alunos desenvolvendo uma prática de expressão e movimento, via brincadeiras infantis, porém expostos aos demais alunos. Como expõem ALENCAR e FLEITH (2003, p.115), “a autoconfiança também é um fator relacionado ao desenvolvimento e expressão da criatividade, assim como o medo do ridículo e da crítica”. As autoras denominam esse fator de inibição do desenvolvimento do potencial criador de autoconceito, e explicam:

O autoconceito diz respeito à imagem subjetiva que cada pessoa tem de si mesma e que passa a vida tentando manter e/ou melhorar. Ele é formado pelas crenças que a pessoa tem a respeito de si própria, sendo está altamente influenciada pela percepção do que os outros pensam ao seu respeito. (ALENCAR; FLEITH, 2003, p. 115)

Ademais, analisando a fala de Daniela

[...] Gente, mas era uma aula, assim, eu achava insuportável, porque era numa terça-feira, era a última aula. (Daniela)

Assim como salientou em resposta a Fernanda, seu curso era no período noturno, é importante ponderar que o estímulo à criatividade necessita considerar fatores individuais. Como explica ALENCAR e FLEITH (2003, p. 96): “Tanto fatores intrapessoais como interpessoais, tanto fatores individuais como sociais têm um impacto significativo na produção criativa do indivíduo e da sociedade.”

Tal ponto é justificável ao obter respostas e impressões contrárias a respeito das práticas vivenciadas na mesma disciplina.

Ainda sobre aulas que considerou criativas, Fernanda continua:

Teve teatro, assim, tudo. Brincadeiras indígenas, brincadeiras afro. Na nossa turma, na, tem um projeto chamado Pindorama, que é para alunas indígenas. Então, na minha turma, temos quatro meninas Pankararus. Então, elas ensinavam as brincadeiras da tribo delas. Foi um negócio muito legal mesmo. Então, é outra pegada, porque ali, naquele momento, nós tínhamos pessoas com lugar de fala para ensinar as brincadeiras e tal. Então, foi muito divertido. (Fernanda)

E cita mais um exemplo:

Já a matéria de libras, na minha faculdade, foi durante a pandemia, pro meu curso. A professora [] tem uma professora ouvinte, né? E ela chamou duas outras educadoras surdas pra lecionarem a matéria, né? Junto com ela. Então, as meninas surdas davam a aula, ensinavam os sinais. Nós ganhamos um sinal de cada uma delas. Porque quando você lida com surdos, eles te dão um sinal. E aí, as nossas tarefas eram gravar vídeos com alguma coisa de livro. Então, ou era sobre as cores, ou era se apresentando, ou era apresentando alguém. E o que me chamou a atenção dessa professora, é que, até a avaliação do nosso curso, quem fez foram as duas alunas surdas que estavam lecionando no lugar dela. Então, ela ter se colocado em reserva pra colocar as alunas também foi super bacana. Também temos duas alunas surdas na turma. Então, as meninas participaram muito. Então, eu também achei meio que uma professora se reinventou. E ainda mais porque foi online, né? Então, fez toda a diferença. (Fernanda)

Fernanda destaca, em seu discurso, experiências que se conectam à dimensão social da criatividade. Ao mencionar atividades como brincadeiras indígenas e afro, e o projeto Pindorama, salienta a importância de se incluir elementos culturais e sociais nas práticas pedagógicas. Assim como aponta TORRE (1996), a respeito dos fatores que estimulam a criatividade:

O indivíduo se torna pessoa por meio de seu contato com a cultura humana. A contribuição inicial e, posteriormente, a troca de significados, ideias, crenças e valores entre as pessoas constituem o melhor nutriente para desenvolver o potencial humano em todas as suas facetas. Daí a importância de promover a comunicação de ideias entre os membros do grupo. (TORRE, 1996, p. 12)

Quando Fernanda menciona:

Então, ela ter se colocado em reserva pra colocar as alunas também foi superbacana. (Fernanda)

Pois, ainda segundo TORRE (1996, p. 13): “Quando o professor, o educador ou o monitor de um grupo é receptivo e valoriza as ideias dos outros, promove a troca e estimula a originalidade, torna-se um agente polinizador da criatividade. ”

Em suma, o que se observa através das respostas apresentadas pelos participantes é a presença de aulas onde o professor transmitiu o conteúdo criativamente e estimulou a criatividade dos alunos. Entretanto, durante os diálogos, os participantes destacaram que essas experiências criativas ocorreram devido à personalidade do professor, como destacam as participantes:

Ela é bem dinâmica, ela em si é bem criativa. (Karen)

[...] a cada aula, ela surpreendia a gente, porque ela é muito criativa. (Sônia)

Então, eu também achei meio que uma professora se reinventou. (Fernanda)

E é muito da professora, com certeza. Porque ela é um amor, ela é muito disposta. Então, eu acho que isso influenciou bastante. Na criatividade das propostas, né? (Melissa)

É, eu também acho... Eu também acho que é muito assim, do professor. Eles dão motivação para a gente, né? (Joana)

Por fim, o participante Gustavo aponta:

Não, eu também acho. Acho que vem total do professor, assim, das aulas serem criativas. [...]. Acho que por currículo assim, não vem muito. (Gustavo)

É possível compreender que alguns educadores se dedicam a planejar aulas que incorporem experiências e dinâmicas criativas, visando possibilitar que os alunos as apliquem em sala de aula, ou para garantir a aprendizagem dos conteúdos.

No entanto, nas próximas categorias apresentadas, será analisado se tais estratégias contribuíram para capacitar os futuros professores a integrar de maneira eficaz a criatividade nas práticas em sala de aula.

4.2.3 Atividades que desenvolveram e se sentiram criativos

Nesta categoria, solicitou-se aos participantes que compartilhassem atividades nas quais se sentiram criativos ao realizar. A pesquisadora indicou que tais relatos poderiam estar relacionados a uma apresentação de trabalho, ou elaboração de plano de aula, ocorridos durante o período de formação. Contudo, todos os relatos remetem às experiências vividas nas escolas em que atuam como estagiários ou professores. O que sugere que a expressão da criatividade é evidente na rotina escolar, mas não está presente nas experiências dos cursos.

Bianca, ao relatar sua proposta criativa, traz em sua fala pontos importantes a respeito de fatores atuantes da criatividade e contrapõe com sua própria formação educacional. Em seu relato, faz uma forte observação, importante de se analisar:

[...] Minhas meninas gostam de desenhar e distribuir desenhos pela escola. Sempre perguntam como escreve o nome das pessoas para dar, desenharam as pessoas perfeitamente, e eu vejo isso com muito orgulho, pois eu sempre fui muito podada nas minhas escolas. Eu sempre rabisquei os cadernos, com desenhos e frases, e poder proporcionar uma experiência diferente da minha é inspirador. (Bianca)

Quando expõe:

Eu vejo isso com muito orgulho, pois eu sempre fui muito podada nas minhas escolas. [...] e poder proporcionar uma experiência diferente da minha é inspirador (Bianca)

A participante reconhece como a atitude do professor influencia na formação dos alunos. Outra participante, Sônia, compartilha:

A gente que é adulto, já tiraram muito da nossa criatividade, principalmente na escola. (Sônia)

De fato, assim como aponta TORRE (2008, p. 68) “O meio escolar é o responsável, na maioria das vezes, pela perda de atitudes criativas.”. Sônia ainda complementa:

[...] eu fui totalmente tolhida na minha educação. A gente faz isso com a criança também, involuntariamente, sem perceber. (Sônia)

Sobre essa questão ALENCAR; BRAGA e MARINHO (2018b, p.53) esclarecem: “[...] a criança é confrontada a proibições, recomendações e reprovações. Quando se torna

adulta, esta velha criança tenderá a agir com os jovens do mesmo modo que agiram com ela.” Cabe ressaltar que Sônia, como mencionou, cursou a educação básica nos anos 80 e 90, assim como aponta Torre sobre (2008, p. 67): “A educação que recebemos tinha sentido em uma sociedade que valorizava o poder mental de uma pessoa pelo pensamento convergente”.

Consequentemente, Sônia é a participante que quando indagada acerca de criatividade utiliza palavras como: dificuldade, esforço, ir além. Como se pode observar em seu relato de aula criativa:

Eu gosto de fazer com multidisciplinar. Eu faço língua portuguesa com artes, matemática com artes, geografia com artes. Eu gosto de colocar uma música, de colocar uma poesia, de colocar uma pintura, um pintor, compositor [...] preparar uma sequência didática, um plano de aula [...] sempre fazia com essa intercambialidade entre arte e a disciplina do professor que ele estava pedindo. [...] eu me sinto criativa fazendo isso. [...] eu gosto de preparar assim e me sinto criativa. E traz pra mim uma certa dificuldade né? Envolve eu conhecer alguma coisa diferente, pegar alguma coisa que não era do meu repertório e buscar isso, pesquisar e estudar. Aí eu me considero criativa quando eu consigo fazer isso. (Sônia)

Em continuação acerca de seu relato de experiência criativa, Bianca complementa:

[...] tenho crianças de 4 anos que desenham livres, não utilizam a grade estruturada que eu tenho, que seria desenhar aquela casinha comum, a árvore com a maçã. Por muitas vezes eu dou somente o comando [...] vamos desenhar um campo de vagalumes, e depois é só eles e o papel. [...] eu quero que eles usem a mente deles. [...] Esses dias eu li uma história, e todos quiseram desenhar sobre ela, e aí nós colamos nas paredes tudo o que elas fazem. Tanto é que as crianças já sabem da liberdade que elas têm, fazem desenhos e sempre querem colar na parede. (Bianca)

A exposição dos trabalhos não apenas contribui para o reconhecimento da expressão criativa, como também estabelece um ambiente propício para o desenvolvimento da criatividade. Ademais liberdade e autonomia são fatores importantes do comportamento criador.

TORRE (2008) estabelece:

Uma forma elementar de educar na liberdade é estimular a fantasia e a espontaneidade das crianças. Quando falamos de liberdade, não estamos falando de procedimentos anárquicos, escolas sem organização ou aulas barulhentas; não é um deixar fazer sem controle, mas sim encaminhado e

produtivo; não se pretende que cada indivíduo se oriente à vontade, mas sim que cada um idealize livremente. (TORRE, 2008, p. 36)

As palavras de TORRE (2008) podem ser representadas nos relatos de Joana e Karen, que compartilham a proposta de uma atividade que realizaram em ambientes externos, e em ambas as narrativas, observa-se que, ao disponibilizar tal espaço e conceder autonomia às crianças, os resultados obtidos ultrapassaram as expectativas e objetivos iniciais.

[...] eu tinha acabado de entrar na creche [...] eu lembro que eu peguei as crianças e nessa creche aqui, em Santo André, tem uma floresta. É um espaço aonde as crianças vão e conseguem explorar. E aí eu perguntei pra minha chefe se podia levar as crianças lá. [...] fizemos uma roda, com criança da educação infantil [...] era pra eles pegarem folhas, gravetos, e depois a gente fez colagem. E o que eu mais achei engraçado, que eu me senti, Nossa, que legal! pela primeira vez fiz alguma coisa assim, sem que ninguém falasse, faz assim que tá certo. [...] E eles foram colando, e aí eu ia perguntando, e era engraçado, porque eles falavam assim: - Olha, eu fiz a minha mãe, e era só uma folha, mas ali era a mãe deles. [...] E aí aquilo dali me deixou muito feliz, porque eles realmente entenderam o que eu queria que eles aprendessem, né? Sentisse a textura, usasse a imaginação. Aí eu me senti bem produtiva, bem criativa. (Joana)

[...] Procuro trazer bastante coisas lúdicas que possam prender a atenção deles [...] então geralmente eu preparo uma aula que eu consiga dar aula pra eles no parque. Nós temos um local lá no colégio que eles plantam. Tem uma árvore, então a gente sempre procura trabalhar nessa parte que eles gostam de sair do ambiente. (Karen)

[...] eu levei as crianças para o parque, eu entreguei alguns objetos para elas brincarem. Tinha tipo um negócio que coloca a linha de pipa, e eu achei que elas iam fazer uma coisa com aquilo, ficar rodando, mas não. Em cima desse rolo, elas viraram e fizeram de banquinho. Então, assim, a parte que elas mais desenvolvem criatividade, para mim, é no parque. Elas inventam cada brincadeira com os objetos, né. Chegam lá com o intuito de apresentar uma brincadeira, e da minha brincadeira, elas partem para outra. Então, eu acho que as crianças, elas, a criatividade está presente no dia a dia delas, ela se desenvolveu em tudo, elas dão pitaco de criatividade (Karen)

Em relação ao ato de brincar, Torre (2008) explica:

A brincadeira infantil é algo mais do que um mero passatempo. Por meio dela, a criança projeta as suas tensões, aproxima-se das pessoas e das coisas, descobre as leis das relações humanas, chega a conhecer a si mesma e a experimentar suas capacidades, e é foco de criatividade. (TORRE, 2008, p. 40)

O brincar oferece às crianças a oportunidade de experimentar, imaginar e criar livremente. Este processo desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criatividade, uma vez que permite a exploração e estimula as diferentes formas de expressar ideias e emoções.

A participante Melissa, destaca em sua experiência, com a turma que acompanha em seu estágio, a importância de ter direcionamento nas propostas, principalmente ao atuar em uma turma dita “indisciplinada”.

Comenta:

[...] da turma onde eu estou, é bagunça, na certa, tu tens que dar uma direção. Mas eles são criativos, sim. Assim...de modelar blocos de madeira, CDs, olha, surge muita coisa. Às vezes a gente não sabe o que é, mas a gente pergunta e eles respondem, né? Às vezes é só uma tirinha, é uma bicicleta, isso.... não tem palavras. (Melissa)

TORRE (2008, p. 35) justifica a questão da indisciplina, e, ressaltando a importância da tolerância, expõe: “[...] a imprecisão e a complexidade, a aparente desordem, podem ser fonte, no subconsciente, de mais ideias e combinações. [...] Nesse sentido, educar na tolerância é educar na criatividade”.

Ainda em outro momento, a participante resalta sua experiência no acompanhamento de seu aluno T. E.A e como adapta as atividades para os interesses da criança.:

Ainda mais a pessoa que eu estou, o aluno que eu estou, que tem autismo, ele é grau 1. Ele é bem tranquilo, ele é muito querido, meu parceiro, eu o amo, ele é muito fofinho. Então, ele gosta muito de pontilhados. Ele gosta que eu faça os pontilhados e ele passa por cima. Ele pede para mim. Ele fala: - Profe, faz para mim? Então, sabe..., mas eu tento, agora eu estou tentando deixar ele fazer os pontilhados. Agora tu vai fazer os pontilhados, eu quero ver o que é que tu vai fazer às vezes ele não consegue. Ele está um pouco limitado, mas ele está envolvido. Então, eu acho que é uma maneira dele desenvolver um ponto para ele também. (Melissa)

Semelhante ao relato de Melissa, Fernanda compartilha:

[...]Eu lido com o meu aluno autista, ele era uma criança que não queria proximidade de jeito nenhum, e quem lida com autista sabe

que para invadir o mundinho deles, ou ele quer, ou ele quer, porque se ele não quiser, você não vai entrar, é um mundo fechado, e eu fui sondando-o a partir dos desenhos, porque eu notei que ele sempre desenhava, e ama o Homem-Aranha. Então, eu fui me achegando nele, permitindo que ele desenhasse, levando papéis, levando canetas, [...] e ele começou a pegar, e aí, para inserir ele na aula, porque me incomodava ver ele fora da aula, porque eu entrei nessa escola meio como uma auxiliar, eu falava para ele assim, vamos prestar atenção na aula e depois nós vamos criar um desenho sobre a aula, sobre o que a professora ensinou. E assim nós começamos a criar desenhos com significado, então todas as vezes que ele estava comigo, ele ama desenhar, ele passa o dia inteiro, ele criava desenhos que tivessem significado, e logo ele passou a nomear esses desenhos, então a escola achava que ele não era alfabetizado, a partir disso nós conseguimos comprovar que sim, ele é alfabetizado, só que ele só escreve e lê quando ele bem quer, então eu achei que foi uma reinvenção minha, porque eu nunca tinha trabalhado com crianças no espectro, e me despertou muita coisa [...] (Fernanda)

Na narrativa das participantes, quando Melissa comenta:

Ele está um pouco limitado, mas ele está envolvido. (Melissa)

Fernanda aponta:

[...] porque me incomodava ver ele fora da aula. (Fernanda)

Observa-se que a partir de um incômodo, as participantes encontraram soluções criativas para que houvesse de fato a inclusão desses alunos nas aulas.

Segundo ALENCAR e FLEITH (2003), o professor comprometido com o desenvolvimento da criatividade de seus alunos, considera três aspectos importantes:

[...] habilidades (cognitivas e características afetivas), interesses e estilos de aprendizagem. É importante que o professor, ao planejar suas aulas, levem em consideração essas informações acerca de seus alunos, de modo que atendam às necessidades destes. (ALENCAR; FLEITH, 2003, p.138)

Ainda no relato de Fernanda, sobre experiências nas quais desenvolveu e se sentiu criativa, destaca a maneira como conduz suas aulas, abordando, possivelmente, o desafio mais significativo em trabalhar a criatividade, que se situa no campo da matemática:

Olha, eu já dou aula há 10 anos, então tem algumas coisas, principalmente porque eu sou da matemática, então, eu sempre busco usar palavras do dia a dia dos meus alunos para ensinar para eles. Então, por exemplo, eles estavam, alguns que eu atendo do oitavo

ano, estavam aprendendo ângulos internos, ângulo raso, ângulo reto, e aí, por exemplo, o ângulo raso, ele forma, parece aquele pãozinho do McDonald's, eu falava para eles, é o pãozinho, e eles decoraram dessa forma.[...] quando eu trabalhei com as crianças com ábaco, eu as estimulei a criarem ábaco com tampinha de garrafa, você consegue criar um ábaco em casa, então nessas pequenas coisas dá para trabalhar o lado criativo. (Fernanda)

Ao compartilhar sua experiência, o participante Gustavo apresenta uma afinidade com a criatividade, valorizando diferentes linguagens em suas aulas, especialmente ao destacar a importância da criatividade no ensino da disciplina de Inglês. Devido à influência da música em sua rotina, sua narrativa demonstra a presença de um estímulo criativo desde sua infância, o qual utiliza tanto como ferramenta para sua própria criatividade, quanto para estimular a criatividade de seus alunos. Ele menciona:

Eu sou ligado a música, toco bateria há dez anos. [...] acho que eu, por tocar bateria há muito tempo, por esse tipo de coisa, acho que eu consigo envolver muita música na sala. E eu acho que isso também me estimula muito, tipo, eu não consigo montar uma aula se eu não tô ouvindo música. (Gustavo)

Seguindo sua fala, Gustavo expõe que a criatividade é uma parte essencial em sua prática, e explica:

[...] eu sinto que eu tenho que explorar ao máximo os diferentes tipos de linguagem, então eu tenho que explorar a imagem, procurar áudio, vídeo, conversa, tem que ter muita ferramenta diferente para que o aluno consiga aprender [...] pegar um vídeo legal para eles assistirem, pensar em algum jogo para eles jogarem, para eles aprenderem rápido, para pegar algum tipo de frase, para pegar algum tipo de vocabulário, então eu sinto que está no meu dia a dia, eu sinto que se eu não for criativo a aula não vai ser boa. (Gustavo)

Em seguida, foi solicitado pela pesquisadora, um exemplo específico de uma atividade criativa que tenha aplicado. O participante comenta:

Eu peguei como referência um reality show da Netflix, que não sei o nome como que é em português, mas é uma gíria que chama Bullshit, que é basicamente quando você está mentindo [...] E aí o jogo é assim, [...] você vai ter as quatro oportunidades da pergunta, mas você não precisa saber a resposta, você precisa meio que convencer os outros que você sabe a resposta. Então se cai um negócio, do tipo assim, qual é a capital da França? Aí tem Paris, Berlim, Lisboa e

Madrid. Aí o cara fala, pô é Madrid porque na geografia o meu professor falou que a capital da França é Madrid. E aí os outros vão julgar se ele está falando a verdade ou se ele está mentindo. E aí eu apliquei isso em uma aula que a gente estava aprendendo mais ou menos como se escreve um texto persuasivo em inglês, um texto mais argumentativo, e também uma linguagem com um tom mais persuasivo e com gírias e palavras que podem soar persuasivos. Então eles tinham que aplicar isso durante o jogo. E tipo, meu, eles amaram, com toda turma que eu faço, assim, eles iam jogar, pedem pra jogar de novo [...] E eu sinto que eles praticam muito, porque eles têm que explicar tudo em inglês. Assim, eles têm que realmente dar explicação deles em inglês. E eu sinto que toda turma que eu jogo, assim, eles amam. Então eu sinto que tipo, essa atividade aqui, você marca com orgulho, assim, que deu certo, vou usar sempre que possível. (Gustavo)

Tal atividade, aparentemente simples de ser elaborada, considerando que não requer espaços específicos ou uma variedade de materiais, trabalha características do pensamento criativo citadas por GUILFORD (1967).

Retomando tais características abordadas anteriormente: Fluência está relacionada a gerar ideias diferentes sobre um tema, flexibilidade: é a capacidade de transformação do pensamento, originalidade: é pensar em respostas raras ou incomuns, elaboração: refere-se a quantidade de detalhes de uma ideia e avaliação: é o processo de julgar e selecionar ideias entre um grupo de opções. (GUILFORD 1967, apud ALENCAR, BRAGA & MARINHO, 2018b, p. 35)

Ao instruir os participantes a persuadir os demais alunos de que suas respostas são corretas, o orador necessita buscar diversas ideias que comprovem a sua afirmação, apresentando narrativas detalhadas sobre o tema — Fluência e Elaboração. Em contrapartida, se a intenção do aluno, for propositadamente, convencer que a resposta incorreta está correta, torna-se necessário transformar sua ideia sobre o que seria a resposta certa e fornecer respostas incomuns aos demais participantes — Flexibilidade e Originalidade. Por fim, cabe aos demais alunos julgar se a narrativa do orador é verdadeira — Avaliação.

Tal atividade, assim como mencionado pelo participante Gustavo, apresentava como objetivo que os alunos redigissem um texto persuasivo em inglês; entretanto, em conjunto à proposta realizada, foi possível estimular o pensamento criativo. Em outra proposta apresentada, a qual reafirma a presença da criatividade em suas práticas, o participante compartilha:

[...] teve uma aula que eu dei que era sobre isso, sobre estimular a criatividade. O tópico da unidade que estava no livro, com essa turma, na escola de idiomas era criatividade. Então, a gente estava falando muito sobre arte, e era o tópico da unidade. [...] Jera, escute uma música, veja a natureza, esse tipo de coisa. Aí, eu falei para eles, tipo, vamos fazer um teste, vamos pôr isso à prova, ver se isso ajuda ou não.

[...] E aí, eu pesquisei na internet, achei uns negócios, tipo, testes de criatividade para testar ser uma pessoa criativa. Aí, era como se eu desse um desenho incompleto para eles, e eles tivessem que completar. [...] outro teste era, tipo, eu dou um garfo para ele e falo, cara, pensa em quantas maneiras possíveis eu posso usar esse garfo, não só para espetar comida, mas o que mais que eu consigo fazer. Eles tinham que bolar uma lista de coisas que dava pra fazer com o garfo. (Gustavo)

O teste em questão, mencionado pelo participante, refere-se ao Teste de Pensamento Criativo¹ criado por TORRANCE (1966). A atividade de completar o desenho, integra uma das etapas do Teste de Pensamento Criativo com Figuras, enquanto a atividade de criar diferentes formas de utilizar o garfo, ou como menciona o participante posteriormente, exemplificando uma segunda proposta:

“Tipo, eu dou, dou um clipe pra ele, falo, gente, escrevam em quantas maneiras possíveis dá pra usar esse clips? Aí eles falavam, tipo, prendedor de cabelo, dá pra usar como brinco, dá pra fazer um colar, dá pra abrir fechadura” (Gustavo)

A atividade descrita por Gustavo compõe umas das fases do teste Pensando criativamente com Palavras, conforme explicado por NEVES-PEREIRA e FLEITH (2020, p.25) “Esse instrumento é composto por seis atividades [...] a quinta atividade consiste em inventar usos diferentes para um objeto”.

Importante salientar que o Teste de Pensamento Criativo de TORRANCE (1966) não objetiva avaliar se uma pessoa é ou não criativa, e sim propõe a análise das habilidades nas áreas de fluência, flexibilidade, originalidade e elaboração, para obter informações sobre quais áreas o indivíduo pode necessitar de maior desenvolvimento para expressar sua criatividade.

Ainda sobre a proposta, Gustavo pontua:

[...] no final, eles tinham que meio que debater quais métodos deram mais certo e quais métodos não deram muito certo. E foi uma aula legal, assim, sempre que eu aplico essa aula, os alunos gostam bastante, e aí sempre saem umas conclusões, tipo: Ah..., sei lá, meio estranho esse método aqui, não me ajudou em nada. Tipo, ah... acho que esse daqui até que ajudou, tive uma ideia melhor de que eu acho que eu não teria se eu não tivesse feito isso, tal coisa. [...] Então, deu bem certo, assim. E surgem sempre ideias diferentes, né?! (Gustavo)

Dentre as categorias, foi possível identificar ter sido esta, a categoria mais emocional entre as demais. Tais emoções ficaram aparentes no tom de voz, nas expressões faciais e nas falas dos participantes durante seus relatos, como evidenciados nos seguintes trechos dos participantes:

[...] pode proporcionar uma experiência diferente da minha é inspirador. (Bianca)

[...] eu gosto de preparar assim e me sinto criativa. (Sônia)

Então eu sinto que tipo, essa atividade aqui, você marca com orgulho. (Gustavo)

Às vezes é só uma tirinha, é uma bicicleta, isso... não tem palavras. (Melissa)

Nossa, que legal! pela primeira vez fiz alguma coisa assim, sem que ninguém falasse [...] E aí aquilo dali me deixou muito feliz, porque eles realmente entenderam o que eu queria que eles aprendessem, né? (Joana)

Desenvolver atividades criativas não apenas contribuiu para o desenvolvimento da aprendizagem, mas também fortaleceu a autoconfiança dos participantes. Promover e apoiar a criatividade do educador, resulta na promoção da expressão criativa do aluno.

Cabe destacar igualmente, o importante trecho extraído do relato de Fernanda, que aponta o impacto positivo que atividades criativas podem ter na avaliação e desenvolvimento das habilidades dos alunos:

[...] a escola achava que ele não era alfabetizado, a partir disso nós conseguimos comprovar que sim, ele é alfabetizado [...] então eu achei que foi uma reinvenção minha, porque eu nunca tinha trabalhado com crianças no espectro, e me despertou muita coisa [...] (Fernanda)

Em suma, tendo em vista as possibilidades proporcionadas pelas abordagens criativas na aprendizagem, torna-se relevante analisar se, os cursos de formação em pedagogia, preparam adequadamente os futuros professores para atuarem criativamente em suas práticas.

4.2.4- *Preparo durante a formação para que trabalhem a criatividade enquanto professores.*

Esta última subcategoria, teve como propósito, a partir da reflexão dos participantes sobre criatividade e o reconhecimento deles acerca de suas próprias práticas criativas, analisar se, a formação em Pedagogia os prepara para agir criativamente.

Tal categoria levantou muitas questões a respeito do curso e dos desafios que os participantes encontraram ao relacionar a teoria estudada com as práticas vivenciadas nas suas rotinas e realidades escolares. No entanto, no tocante à criatividade, os participantes foram questionados se durante a formação, eles tiveram subsídios para desenvolver a criatividade e se sentem preparados para trabalhar a criatividade em suas práticas enquanto professores.

Sobre suas experiências na formação, as participantes que reconheceram não ter essa preparação compartilham:

Para mim, não. [...] a faculdade não me ajudou a desenvolver isso. Como eu falei anteriormente, não tive uma matéria específica que trabalhasse criatividade dentro da universidade. [...] Então, ainda bem que tem que ter os estágios para você se formar, para você ver como realmente é. [...] eu acredito que a minha não me preparou para a realidade que eu vivo dentro da sala de aula. (Karen)

Não, porque durante a graduação a gente não é estimulado. [...] a gente tinha muito plano de aula pronto, por exemplo. [...] Então, eu acho que não é algo que tem, tipo assim, você vai sair da graduação sendo criativa, porque você não é estimulado. (Daniela)

Bianca pontualmente expõe:

Acredito que a faculdade não. Eu acredito que a faculdade não me deu esse repertório, ele é meu e eu trago isso das minhas próprias experiências. (Bianca)

Em contrapartida, as participantes Sônia e Melissa, apresentam em seus relatos experiências diferentes:

Então, com a visão que eu tenho hoje, eu acredito que eu aproveitei muito esse curso [...] Então foi importante para mim nesse sentido, e

a criatividade, se você for pensar na criatividade, é o que eu falei, não teve um momento, nenhum componente que trabalhou esse conceito, epistemologicamente.... Vamos destrinchar o que é, qual a origem, de onde vem, o que faz, o quê, como, onde, quando e por quê. Não teve, mas teve uma base [...] a gente tem esse conceito superficial para nossa profissão. E acredito sim que poderíamos ter mais, poderia ser melhor, claro. (Sônia)

[...] Teve disciplinas que a gente precisou ser criativo, que poderia ser criativo com os alunos. Não vou dizer que não, teve, sim, na minha faculdade teve. Porém, lá não estava escrito: - Olha, você pode ser criativo aqui, nessa proposta aqui, mas chegando lá, não sei como vai ser, não prepara. Isso não tem, eu acho que não tem. (Melissa)

Neste contexto, as participantes reconhecem que foram apresentadas noções de criatividade em suas formações, mas esclarecem não saber, de que forma, promover a criatividade ou atuar criativamente em suas práticas. O mesmo ponto se evidencia na narrativa de Gustavo, que expõe ter vivenciado propostas criativas que não se aplicam a sua área de atuação, mas sim, à Educação Infantil e Ensino Fundamental:

[...] Eu sinto que na faculdade não. Porque eu sinto que minha faculdade foca muito, muito mesmo, assim, no Ensino Infantil e no Fundamental I. Eu sinto que não teve muitas conversas sobre adolescentes ou até mesmo sobre o sistema de ensino. [...] Então eu sinto que as atividades que eu aprendi, de criatividade, de plano de aula, eu sinto que foi 100% algo que dá para aplicar naquela idade. (Gustavo)

A participante Fernanda pontua o mesmo ao dizer:

[...] Então, assim, no meu caso, eu tive, de fato, matérias que chamavam atenção para um lado mais criativo, mas aplicar isso em sala de aula é muito difícil, sobretudo quando você pega turmas de 1º a 5º ano.” (Fernanda)

A partir dos relatos dos participantes, pode-se compreender que vivenciar práticas criativas não fornece recursos para a criatividade ser trabalhada efetivamente no ambiente educacional.

A criatividade nesse caso, foi apresentada por exemplos de atividades, possíveis de serem aplicadas com determinadas faixas etárias, sugerindo a falta em se trabalhar a criatividade como uma habilidade, e um conjunto de técnicas que auxiliam tanto no

desenvolvimento da aprendizagem quanto no desenvolvimento das propostas pedagógicas.

Sobre essa questão, TORRE (2008) expõe:

“Esses tipos de técnicas, de aplicação individual ou coletiva, são praticamente desconhecidos pelos profissionais do ensino e por aqueles que propõe algumas orientações metodológicas dos programas escolares. Se de qualquer profissional são exigidos, juntamente com conhecimentos, determinadas técnicas ou recursos para levar adiante suas funções [...], quais recursos são mostrados ao professor para que siga adiante com sua função e alcance os objetivos? A razão é clara: ao não existir determinados objetivos de criatividade, não lhe foram dadas nem necessitou de tais técnicas.” (TORRE, 2008, p. 45).

Em concordância, ALENCAR; BRAGA e MARINHO (2018, p. 82) pontuam: “[...] A maioria das pessoas nunca foi introduzida a essas técnicas que, em geral, ainda são pouco conhecidas fora dos tradicionais “nichos criativos” como o meio artístico ou da publicidade”.

Tais técnicas citadas, conhecidas nas organizações, são técnicas de estímulo à criatividade que atuam em prol do desenvolvimento do processo criativo.

TORRE (2008, p. 107) as define como técnicas criativas, e explica: “Criativa seria, então, aquele conjunto de métodos, técnicas, estratégias e/ou exercícios que desenvolvem as aptidões, estimulando as atitudes criativas das pessoas por meio de grupos ou individualmente”

Pode-se concluir, a partir do relato dos participantes, que a criatividade não é abordada de forma que os auxilie efetivamente em suas práticas. As experiências criativas relatadas resultam, em sua maioria, de experiências vividas no ambiente profissional. Cabe destacar que, apesar do reconhecimento da importância em desenvolver abordagens criativas na educação, os participantes indicam a falta de preparo para tal, durante a formação pedagógica.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os desafios e questionamentos no que se refere à formação inicial em Pedagogia. No entanto, esse estudo visou averiguar apenas uma vertente entre tantos questionamentos passíveis de análise e reflexão, a criatividade. Entretanto, é primordial destacar, inicialmente, a relevância em considerar a criatividade no âmbito educacional, bem como justificar a presença do conceito e da promoção da criatividade na formação de professores.

Ter a criatividade, ao menos citada, na Base Comum Curricular, e estabelecida como uma das dez competências gerais a serem desenvolvidas ao longo da Educação Básica, já

seria motivo plausível para a criatividade ser trabalhada nos cursos de formação de professor, principalmente ao considerar esse documento o orientador do trabalho pedagógico.

O fato de a criatividade ser pontuada, na BNCC, em todos os níveis da educação, abrangendo não apenas a área de Arte, aponta que promover a criatividade em todas as disciplinas não é apenas uma ideologia, mas sim uma necessidade para o desenvolvimento da aprendizagem.

Ademais, através do depoimento dos participantes, especificamente em resposta à questão da subcategoria 4.2.3 - Atividade que desenvolveram e se sentiram criativos, foi observado, por meio de exemplos práticos, de experiências reais, o impacto significativo da criatividade para a obtenção dos objetivos propostos pelos professores. Posto isso, a presente pesquisa visou compreender a visão dos estudantes sobre criatividade na educação e investigar se, e de que forma, os cursos de formação em Pedagogia trabalham os conceitos de criatividade em suas disciplinas, na perspectiva dos estudantes.

Com base no relato dos participantes é possível compreender que há um entendimento adequado acerca do conceito de criatividade, principalmente, devido ao fato desses alunos participantes da pesquisa terem experiências em sala de aula, seja como estagiários ou professores. No entanto, foi mencionado pelos mesmos, que em seus cursos, não houve uma disciplina ou uma abordagem aprofundada sobre o tema.

Foi indicado que, especificamente em suas formações, foram vivenciadas aulas que consideraram criativas, ministradas por professores que possuíam essa característica e utilizavam formas criativas para transmitir o conteúdo. Porém, tais aulas não tinham por objetivo relacionar o conteúdo a práticas criativas ou ao conceito de criatividade, o que faz com que os alunos-professores não as percebam como aplicáveis às próprias práticas.

Contudo, a mera demonstração de possíveis métodos de aula criativa, sem o estímulo da criatividade e a abordagem aprofundada do conceito, também resulta em uma promoção da criatividade limitadamente, visto que a criatividade será trabalhada naquela atividade específica, reproduzida pelos futuros professores. Entretanto, o estímulo à criatividade está presente desde a aplicação de uma atividade planejada com esse objetivo, as atitudes por parte do professor nas relações entre professor e aluno.

Durante a realização dos grupos, os participantes compartilharam experiências que desenvolveram e nas quais se sentiram criativos.

Nessa discussão, dois aspectos relevantes foram apresentados: primeiro, todas as experiências relatadas foram desenvolvidas nos estágios e nas práticas profissionais,

indicando uma ausência de estímulo e oportunidades para agir criativamente durante a formação.

Segundo ponto, ao compartilhar suas experiências e os resultados de suas propostas criativas, evidenciou-se que metodologias criativas não só são eficientes para a aprendizagem, como são uma necessidade e uma atribuição do professor. Isso nos conduz à última pergunta direcionada aos participantes, que investiga se, ao longo de sua formação, sentiram-se preparados para trabalhar e incentivar a criatividade enquanto professores.

Em resposta, os participantes afirmam que durante suas formações não receberam diretrizes que os capacitasse a agir e promover a criatividade em suas práticas pedagógicas. Diante dos pontos definidos, é possível formular algumas considerações relacionadas aos objetivos que esta pesquisa visou alcançar.

Se, e quando a criatividade tem um papel na formação do futuro professor nos cursos de pedagogia, se apresenta por métodos pontuais ou devido a professores específicos, que incluem propostas criativas em prol de seus objetivos de aprendizagem. Isso é evidenciado nos próprios participantes em suas práticas compartilhadas na pesquisa. Tanto como professores, quanto estagiários, esses profissionais estão predispostos a pesquisar e buscar voluntariamente alternativas criativas para compor suas práticas, devido à ausência dessa formação, que não lhes é proporcionada.

Cabe salientar que essa pesquisa não visa avaliar ou expor os métodos, ou posturas dos professores dos cursos de pedagogia, assim como afirma TORRE (2008):

“No ensino, se não se permite que uma aula seja dada por alguém que não tenha preparo ou domínio adequado dos conteúdos, tampouco podemos caminhar às cegas por um terreno ainda tão indefinido como é o criativo. O conhecimento dos componentes da criatividade seria o equivalente aos conteúdos das disciplinas acadêmicas.” (TORRE, 2008, p. 27)

Em suma, considerando a criatividade como uma habilidade passível de desenvolvimento e aprimoramento e uma ferramenta essencial do processo de ensino, cabe refletir sobre como essa formação deveria estar presente nos cursos de pedagogia, a fim de capacitar os futuros professores a desempenhar plenamente seu papel como educadores, promovendo o desenvolvimento integral dos educandos e atendendo às competências previstas na Base Comum Curricular.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. M. L. S. de. **Criatividade e ensino**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 6, n. 1, p. 13–16, 1986.
- ALENCAR, E. M. L. S. (2000). **O perfil do professor facilitador e do professor inibidor da criatividade segundo estudantes de pós-graduação**. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, 19, 84-94
- ALENCAR, E. M.S. de; FLEITH, D. de S. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. Editora UnB, 2003.
- ALENCAR, E. M. L. S. de; FLEITH, D. de S. **Criatividade na educação superior: fatores inibidores**. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas; Sorocaba, SP, v. 15, n. 2, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/866>. Acesso em: 8 ago. 2022
- ALENCAR, E. S. de. et al. **Criatividade em Sala de Aula: Fatores Inibidores e Facilitadores Segundo Coordenadores Pedagógicos**. Psico-USF, v. 23, n. 3, p. 555–566, jul. 2018a. Acesso em: 12 nov.2022.
- ALENCAR, E. S de; BRAGA, N. P.; MARINHO, C. D. **Como desenvolver o potencial criador: um guia para a liberação da criatividade em sala de aula**. Editora Vozes Limitada, 2018b.
- ARANDA, D. S; RASO, F. Percepciones del Futuro Pedagogo sobre la Metodología de Enseñanza de la Creatividad. **REICE. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, v. 17, n. 1, p. 73-89, 2019. Acesso em: 12 nov. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 04 jun. 2023.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Ensino Médio**. Brasília: MEC. Versão entregue ao CNE em 03 de abril de 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf Acesso em: 04 jun. 2023.
- FLEIDER, M. M. W. **Criatividade na escola: uma análise de propostas pedagógicas nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

GONTIJO, C. H. **Resolução e Formulação de Problemas: caminhos para o desenvolvimento da criatividade em Matemática.** In: Anais do Sipemat. Recife, Programa de Pós-Graduação em Educação-Centro de Educação – Universidade Federal de Pernambuco, 2006, 11 f.

IBÁÑEZ, J. (2003). **Más allá de la sociología. El grupo de discusión: Teoría y crítica** (5rd ed.). Madrid: Siglo Veintiuno Editores.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MELHORESCOLA. **Construtivismo: confira a história e os conceitos desse método de ensino.** Melhor Escola, [sem data de publicação]. Disponível em: <https://www.melhorescola.com.br/artigos/construtivismo-confira-a-historia-e-os-conceito-desse-metodo-de-ensino>. Acesso em: 02 dez. 2023.

NEGREIROS, J.; SCARPARO, M.; WECHSLER, S.; SILVA, G. (2022). "**Criatividade e Educação: O estado da arte nas publicações brasileiras.**" Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais, 3(11).

NEVES-PEREIRA, MS & FLEITH, DS (2020). **Teorias da criatividade.** Campinas, SP: Alínea.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação.** 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 187 p. Ilus.

TORRANCE, E. P. **Criatividade, Testes e Avaliações.** Tradução: Ayano Arruda. São Paulo, Ibrasa, 1976.

TORRE, S. de la. **Aproximación Bibliográfica a la Creatividad.** Barcelona: PPU, 1989.

TORRE, S. de la. **Para investigar la creatividad: thesaurus y bibliografía española.** Barcelona: PPU, 1996.

TORRE, S. de la. **Criatividade aplicada: recursos para uma formação criativa.** São Paulo: Madras, 2008.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: O PAPEL DA CRIATIVIDADE NA FORMAÇÃO DO FUTURO PROFESSOR NOS CURSOS DE PEDAGOGIA

Pesquisador: PRYSCILA GIANOTTI SILVEIRA

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) de uma pesquisa de mestrado. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com a pesquisadora.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

O objetivo geral desta pesquisa é analisar se, e de que forma, os cursos de formação em Pedagogia trabalham os conceitos de criatividade em suas disciplinas, do ponto de vista dos seus estudantes, e entender a maneira como esses estudantes percebem a criatividade.

Procedimentos:

Para atingir tais objetivos, esta pesquisa utilizará a aplicação de grupo de discussão, direcionado a estudantes do sétimo e oitavo semestre do curso de pedagogia, realizado de forma online via Google Meet.

Desconfortos e riscos:

A presente pesquisa envolve riscos mínimos, mas caso, em algum momento, você se sentir desconfortável, poderá solicitar a interrupção de sua participação. Garante-se o total anonimato das informações que possam identificá-lo (a).

Benefícios:

A pesquisa visa contribuir para um melhor entendimento das questões que se relacionam à formação de professores, favorecendo a ampliação dos conhecimentos sobre o assunto no meio acadêmico. Os benefícios também se relacionam a fomentar reflexões importantes, acerca da sua constituição/ formação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado. E ainda, você tem o direito de retirada do consentimento a qualquer tempo, sem qualquer prejuízo, ônus ou represália.

Acompanhamento e assistência:

A pesquisadora dará total suporte aos voluntários participantes dessa pesquisa, em caso de dúvidas sobre o desenvolvimento deste estudo.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS:

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Você terá o direito, a qualquer tempo, de revogar seu consentimento, sem que isso acarrete qualquer tipo de compensação financeira.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora **PRYSCILA GIANOTTI SILVEIRA**, e-mail: pryscilagianotti@gmail.com, contatos: xxxxxxxx Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-SP na Rua: Rua Ministro Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) - Perdizes - São Paulo/SP - CEP 05015- 001 Fone (Fax): (11) 3670-8466 e e-mail: cometica@pucsp.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha ainda um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador.

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e 510/ 2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante.

Data: / /

(Assinatura do pesquisador)

APÊNDICE B - Tabela de análise de dados do grupo de discussão

Nome	Categoria 1 - Perspectivas acerca da criatividade
	Subcategoria A - Conceito de criatividade
Sônia	<p>Bom, quando eu ouço a palavra criatividade, eu penso que precisa ser algo que supere o que é comum, o que é simples [...] eu preciso criar algo além daquilo que seja muito fácil, comum, ou que não me traria esforço. [...] precisa ser algo que divirta as crianças, que ao mesmo tempo ensine e tenha um conteúdo lúdico presente. Deve ser instigante e desafiador.</p> <p>[...] E traz para mim uma certa dificuldade, né, porque eu preciso pesquisar, preciso ir além daquilo que seria o comum, o que seria bem fácil e rápido. Dá mais tempo, dá mais trabalho, né? Envolve eu conhecer alguma coisa diferente, pegar alguma coisa que não era do meu repertório e buscar isso, pesquisar e estudar.</p>
Karen	A criatividade vem do ato de criar algo, né? Trabalhar a imaginação das crianças, deixar que elas possam [...] demonstrar sentimento no que estão fazendo, possam ser criativas, dar espaço para essa criança poder se expressar, dar o ponto de vista dela. Então, eu acho que a criatividade é algo maior.
Bianca	Criatividade, para mim, é deixar a sua mente sair de fora da caixa. É criar livremente, sem usar desenhos ou escritas estruturadas
Joana	Fazer algo de uma forma diferente.
Gustavo	Criatividade pra mim é inovar.
Daniela	Pensar de uma forma diferente, se expressar de uma outra forma, não usual
Melissa	Eu acho que é fazer algo de um jeito diferente e novo, reinventar

Ana Carolina	Eu penso que a criatividade é explorar, reinventar, pra mim é algo que está em conjunto com a novidade, com o diferente
--------------	---

Nome	Subcategoria B - Criatividade como habilidade possível de se aprender.
Sônia	Eu acredito que a criatividade seja uma habilidade que deve ser aperfeiçoada, e a gente deve buscar sempre esse desenvolvimento, essa habilidade. Realmente, a gente precisa se esforçar, precisa buscar, desenvolver mais essa habilidade. [...] E é claro, se ela (criança) também não recebe os estímulos, também não desenvolve. [...] precisamos buscar os estímulos para desenvolver melhor essa habilidade.
Karen	Eu acho que é dever do professor incentivar a criatividade desse aluno, né? Temos alunos que têm muita criatividade. Eu, no caso, tenho uma aluna que desenha super bem; a parte da criatividade dela é voltada para o desenho. Eu tenho um aluno que é criativo na fala, então assim, sempre tem um argumento. Então, acho que nós, professores, nós que devemos incentivar. Mas eu acho que todo mundo já vem com algum tipo de criatividade, e nós só precisamos aperfeiçoar isso, desenvolver cada dia mais esse aluno.
Bianca	A criatividade deve ser estimulada. É possível desenvolver ela e estimular, trabalhando com cada um em seu conhecimento.
Joana	Sim...
Gustavo	Acho que sim. É possível aprender.
Daniela	Acho que dá pra aprender e estimular também.
Melissa	Eu acho que não, acho que dá pra estimular, a gente trabalha com a criatividade que a criança já tem.
Fernanda	Eu também acredito que dê sim.

Nome	Categoria 2 - Criatividade no âmbito do Ensino Superior
	Subcategoria C - Disciplina sobre criatividade na grade curricular
Sonia	<p>[...] eu concordo com as meninas na questão da superficialidade do conceito, porque o que aconteceu no caso no meu curso, eu acho que os conceitos criatividade e ludicidade, eles vinham sempre juntos nas propostas curriculares. Por exemplo, o professor de docência na contemporaneidade, que é um componente que eu tive, então ele sempre falava muito que o professor do Século 21 precisa ser um professor criativo e lúdico nas suas propostas, na sua interação com o aluno, nas suas aulas, sempre nesse sentido. O professor de arte também misturando esses dois conceitos. Sempre acho que eles vêm muito juntos quando a gente está aprendendo a ser professor.</p> <p>[...] não tivemos até então um estudo mais aprofundado, epistemológico da palavra, do conceito, de onde vem, como surgiu, como fazer, o que é a criatividade. Então, ficou superficial esse conhecimento, nesse sentido. Talvez tenha faltado um pouquinho nos componentes de filosofia estudar a criatividade, acredito que essa seja a deficiência.</p> <p>E eu lembro de umas aulas com a professora, na disciplina de currículo, os tipos de currículo, enfim, que entrava muito a questão da criatividade também. [...] Eu lembro que a professora, ela apresentou todos os tipos de currículo crítico, crítico-analítico, enfim, todos os tipos que tinham e sempre o ponto principal lá dentro, o eixo era criatividade, mais, menos, não podia aflorar a criatividade neste [...] Era uma coisa muito presente, mas não teve um conteúdo aprofundado sobre essa criatividade dentro do currículo, como ela seria interpretada. Qual a origem dela, porque ela que estaria norteando tanto essas diferenças nos currículos.</p>
Karen	Onde eu estudo eu tive uma matéria sobre arte, onde o professor

	trabalhava com a gente a criatividade, mas nada muito específico. Tive aulas de metodologias, onde o professor dava métodos onde nós poderíamos trabalhar com as crianças de uma forma mais lúdica, mas não algo que entrasse de cara na criatividade. [...] A criatividade mesmo, a gente foi ter contato dentro da escola
Bianca	Não existiu no meu. O máximo que eu fiz e que foi falado foi sobre criar jogos pedagógicos, e super superficial.
Joana	Estou tendo agora uma disciplina que é de teatro e musicalização e aí tem que elaborar uma atividade que seja criativa. [...] tinha que elaborar uma outra atividade também, e aí eu escolhi uma colher. E aí essa colher... eu fiz até com a minha sobrinha. Eu falei pra ela, Sophia, você tá vendo o que é isso? Ela, uma colher. Aí eu falei assim, e se não fosse uma colher, o que isso aqui seria? E aí ela foi falando, ah tia, pode ser um cotonete por exemplo. Então acho que das disciplinas que eu tive até agora, essa foi a que eu tive que dar uma reboladinha assim, pra dar um pouco da minha criatividade, que é bem pouca.
Gustavo	Eu não consigo me lembrar de alguma aula onde sentaram e falaram tipo, Gente, o conceito de criatividade é tal coisa. O que vocês pensam de ser criativo? [...] Nunca tive essa discussão em aula, não consigo me lembrar.
Daniela	Não, a gente não teve uma disciplina específica de criatividade. É o que o pessoal falou, a gente faz um catadão geral, né? Então, para desenvolver as atividades que os professores pedem, a gente precisa ter uma certa criatividade. Mas uma disciplina específica falando sobre isso, sobre como desenvolver a criatividade, estimular ou algo do tipo, não. A gente não teve.
Melissa	Uma aula específica, assim, falando o que é, não.

Fernanda	<p>Durante a pandemia, a gente teve aula de lúdico [...] ela (professora) fazia a gente cantar pelo Teams, era uma bagunça. Ela contava histórias. Na sala de aula, muitas vezes, as nossas professoras fizeram a gente sentar-se no chão e ser mesmo criança durante as aulas. [...] nós tivemos oficinas para aprender a criar vídeos super curtos para aplicar na escola, com stop motion. [...], a gente teve oficina de desenho [...] aprender a criar pequenos filmes com as crianças, músicas com as crianças.</p>
----------	---

Nome	Subcategoria D - Aula que experienciaram e consideraram criativa
Sonia	<p>[...] eu destacaria as aulas de alfabetização e letramento [...] a cada aula, ela surpreendia a gente, porque ela é muito criativa. [...] quando a gente entrava na aula, ligava a câmera, ela estava vestida caracterizada de Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, e ela dava uma aula como se nós fôssemos crianças e ela estivesse alfabetizando a gente. [...] A cada aula ela surpreendia a gente, porque ela é muito criativa.</p> <p>[...]ela fazia duas vezes por semana e por voluntariado dela. Ela dizia: - Vocês não têm obrigação de participar, entrar em todas, vocês precisam entrar em duas por mês, para a presença. Mas eu quero dar essas aulas.</p> <p>[...] E um professor também, que ele dava política. Olha só que coisa chata, legislação. Ele só falava de legislação, e era um senhor já bem idoso, [...] e eu tenho que aprender isso, porque cai em concurso, eu quero aprender, quero participar.</p> <p>E na primeira aula, eu fui tão desinteressada. A hora que ele começou a falar, eu falei: - “Meu Deus do céu, que lei gostosa de aprender é essa”, porque ele tinha uma didática para ensinar. Eu falei assim: - 'Ele é um professor de política'. Realmente instigou todos os desejos e vontade de aprender, e todas as aulas dele eram muito boas.</p>

	<p>[...] ele fazia como uma linha do tempo, então ele dava uma aula cronológica, e as coisas iam se amarrando, sabe. Ele tinha essa didática, essa habilidade de ao ensinar uma lei e começar pela história antes da Constituição. Porque chegamos na Constituição, de onde ela nasce, porque ela surge, qual a importância, de onde vem. E sabe o que parecia, que ele estava lá, parecia que ele tinha participado de ajudar a escrever, porque tudo que ele ensinava, ele entendia de uma forma, ele tinha as palavras certas, o exemplo atual para levar a gente para o tempo, era uma linha do tempo, e ele que criou a disciplina.</p> <p>[...] a forma didática como ele conduzia essa linha do tempo, eu me sentia indo para lá, parecia vivendo os fatos acontecendo, que eu estava na reunião, enfim, como que foi as discussões, eu me sentia dentro daquilo lá. Ele sempre trazia um exemplo atual que eu conheço, que eu já vi, para me remeter lá, naquele passado lá, e entender.</p>
Karen	<p>Estou tendo, na verdade, uma matéria onde a professora dá a parte teórica para nós, sobre deficientes, e a gente tem que trazer a parte prática. Eu, Karen, acho legal isso, porque está trabalhando a criatividade em mim. Eu tenho que ter muita ludicidade para trazer pra dentro da sala de aula[...]foi uma coisa que despertou a criatividade em mim e no meu grupo. Eu acho que foi uma matéria que me ajudou, tanto no meu TCC quanto na minha vida profissional, porque eu nunca imaginei que iria trabalhar com arte com deficientes visuais. Então eu tive que pesquisar. Eu acho que foi uma aula bem criativa da parte do professor.</p> <p>[...] Ela traz dentro da matéria dela, desde o sétimo semestre, muita ludicidade. [...] Ela sempre começava a aula dela introduzindo uma música. Aí, a partir da música, nós abrimos um debate na sala de aula. [...]Ela trazia muita música filosófica [...]então, trazia uma problemática</p>

	<p>dentro da música. [...] Ela trouxe uma problemática dentro da música que nós debatemos dentro de sala de aula [...] começava com um slide com a música, com a introdução da música. Aí, através da música, tinha a problemática do assunto que ela queria falar. Daí dava um debate dentro da sala de aula e tinha a resolução de problemas. Ela dava a hipótese que a gente tinha que solucionar.</p> <p>A minha sala tem 98 meninas, então cada uma dava uma sugestão de como nós podíamos solucionar o problema. Umas partiam para um lado, outras partiam para o outro. Isso abria um leque para todas, que a questão de um problema nós podíamos solucionar de várias formas. [...] Nós conseguimos solucionar problemas que eu mesmo tinha, e as meninas deram soluções lá, que eu nem imaginaria.</p>
Bianca	<p>Eu tive uma professora que fez diversas dinâmicas, fez sala de aula invertida, e outros métodos. Mas nunca nada voltado para a arte. [...] Achei criativo, pois como tivemos que pesquisar o conteúdo, acabamos conseguindo nos apropriar do conteúdo por nós mesmas, e aí, na hora de apresentar, a professora nos ajudou, acrescentou comentários na nossa apresentação, e sempre ouve nossas opiniões.</p>
Joana	<p>[...] Então, no meu caso, não foi bem assim uma aula. Foi uma atividade que eu tive que fazer. Eu tive que montar um plano de aula. [...], mas eu tive que montar um plano de aula e eu tinha que gravar eu dando essa aula. Explicando o plano de aula e como que eu ia falar, mostrar para a criança, para que ela entendesse e tudo mais. Eu fiquei um pouco assim, um desejo não muito legal com essa atividade, porque não tive muita participação da professora e tudo mais.</p>
Gustavo	<p>[...] eu lembro de uma que foi um método que era assim, o professor ia dar um tópico e só podia debater três pessoas no meio e tinha uma quarta cadeira. Aí se você quisesse debater, você tinha que entrar naquela</p>

	<p>cadeira e meio que rodando a turma. E quem estava fora das cadeiras não podia conversar sobre o tópico, só podia conversar quando se sentasse na cadeira. E eu achei isso muito criativo, de se aplicar em sala de aula, principalmente porque é engraçado [...] Trabalho com adolescente. E acho que esse tipo de metodologia foi algo que também eu apliquei nas minhas aulas e deu super certo</p> <p>[...] Eles se engajaram nas atividades e principalmente porque eu sou professor de inglês também. Então, assim, eu estou dando aula de inglês. E aí, isso para praticar a fala foi essencial, principalmente nas turmas mais avançadas, eles adoraram. [...], mas deu certo. Acho que vou continuar fazendo sempre que dá, sempre que eu vejo que é uma turma que vai rolar, eu acabo aplicando essa atividade.</p>
Daniela	<p>Eu tinha uma professora que ela era maluca [...] Gente, mas era uma aula, assim, eu achava insuportável, porque era numa terça-feira, era a última aula. E ela deu aula de corpo e movimento pra gente. Então, era tipo educação física e artes junto. [...] durante a aula, ela fazia a gente fazer umas posições de yoga, deitar-se no chão e respirar. [...] Ela pediu uma atividade, a gente tinha que desenvolver três atividades para crianças de faixas etárias diferentes. A gente fez um teatro de mímica, a gente fez um dado gigante. Então, cada lado do dado tinha uma postura para eles fazerem.</p>
Melissa	<p>[...] A minha atividade era um site que tu entrava e nesse site tinhas vários testes. E depois, no final, mostrava a maneira que tu aprendes. Sinestésico, visão, audição. Da maneira que tu consegues assimilar mais conteúdo.</p>
Fernanda	<p>É a mesma disciplina, Daniela. (corpo e movimento) [...] meu professor tinha 75 anos, né? Então, você imagina um senhorzinho de idade pulando corda, brincando de cabra-cega, a gente se amarrava, a gente ria tanto que</p>

as outras salas paravam na frente, porque, assim, na faculdade não tem um espaço adequado. [...] ele pegava os eixos da BNCC, e nós deveríamos criar brincadeiras. Não poderia falar uma brincadeira que já existia. Nós teríamos que criar uma brincadeira a partir das coisas da Base Nacional Comum Curricular.

Teve teatro, assim, tudo. Brincadeiras indígenas, brincadeiras afro. Na nossa turma, na, tem um projeto chamado Pindorama, que é para alunas indígenas. Então, na minha turma, temos quatro meninas Pankararus. Então, elas ensinavam as brincadeiras da tribo delas. Foi um negócio muito legal mesmo. Então, é outra pegada, porque ali, naquele momento, nós tínhamos pessoas com lugar de fala para ensinar as brincadeiras e tal. Então, foi muito divertido.

Já a matéria de libras, na minha faculdade, foi durante a pandemia, pro meu curso. A professora, tem uma professora ouvinte, né? E ela chamou duas outras educadoras surdas pra lecionarem a matéria, né? Junto com ela. Então, as meninas surdas davam a aula, ensinavam os sinais. Nós ganhamos um sinal de cada uma delas. Porque quando você lida com surdos, eles te dão um sinal. O meu era do cabelo e é assim, (demonstração por gesto). Eu achei muito legal. E aí, as nossas tarefas era gravar vídeos com alguma coisa de livro. Então, ou era sobre as cores, ou era se apresentando, ou era apresentando alguém. E o que me chamou a atenção dessa professora, é que, até a avaliação do nosso curso, quem fez foram as duas alunas surdas que estavam lecionando no lugar dela. Então, ela ter se colocado em reserva pra colocar as alunas também foi super bacana. Também temos duas alunas surdas na turma. Então, as meninas participaram muito. Então, eu também achei meio que uma professora se reinventou. E ainda mais porque foi online, né? Então, fez toda a diferença.

Nome	Subcategoria E - Atividades que desenvolveram e se sentiram criativos
Sônia	<p>[...] Eu gosto de fazer com multidisciplinar. Eu faço língua portuguesa com artes, matemática com artes, geografia com artes. Eu gosto de colocar uma música, de colocar uma poesia, de colocar uma pintura, um pintor, compositor [...] preparar uma sequência didática, um plano de aula [...] sempre fazia com essa intercambialidade entre arte e a disciplina do professor que ele estava pedindo. [...] eu me sinto criativa fazendo isso. [...] eu gosto de preparar assim e me sinto criativa. E traz pra mim uma certa dificuldade né? Envolve eu conhecer alguma coisa diferente, pegar alguma coisa que não era do meu repertório e buscar isso, pesquisar e estudar. Aí eu me considero criativa quando eu consigo fazer isso.</p>
Karen	<p>[...] Procuro trazer bastante coisas lúdicas que possam prender a atenção deles [...] então geralmente eu preparo uma aula que eu consiga dar aula pra eles no parque. Nós temos um local lá no colégio que eles plantam. Tem uma árvore, então a gente sempre procura trabalhar nessa parte que eles gostam de sair do ambiente.</p> <p>[...] eu levei as crianças para o parque, eu entreguei alguns objetos para elas brincarem. Tinha tipo um negócio que coloca a linha de pipa, e eu achei que elas iam fazer uma coisa com aquilo, ficar rodando, mas não. Em cima desse rolo, elas viraram e fizeram de banquinho. Então, assim, a parte que elas mais desenvolvem criatividade, para mim, é no parque. Elas inventam cada brincadeira com os objetos, né. Chegam lá com o intuito de apresentar uma brincadeira, e da minha brincadeira, elas partem para outra. Então, eu acho que as crianças, elas, a criatividade está presente no dia a dia delas, ela se desenvolveu em tudo, elas dão pitaco de criatividade.</p>
Bianca	<p>[...] tenho crianças de 4 anos que desenham livres, não utilizam a grade</p>

	<p>estruturada que eu tenho, que seria desenhar aquela casinha comum, a árvore com a maçã. Por muitas vezes eu dou somente o comando... vamos desenhar um campo de vagalumes, e depois é só eles e o papel.</p> <p>[...] Eu quero que eles usem a mente deles.</p> <p>[...] Esses dias eu li uma história, e todos quiseram desenhar sobre ela, e aí nós colamos nas paredes tudo o que elas fazem. Tanto é que as crianças já sabem da liberdade que elas têm, fazem desenhos e sempre querem colar na parede.</p> <p>Minhas meninas gostam de desenhar e distribuir desenhos pela escola. Sempre perguntam como escreve o nome das pessoas para dar, desenhavam as pessoas perfeitamente, e eu vejo isso com muito orgulho, pois eu sempre fui muito podada nas minhas escolas. Eu sempre rabisquei os cadernos, com desenhos e frases, e poder proporcionar uma experiência diferente da minha é inspirador</p>
Joana	<p>[...] eu tinha acabado de entrar na creche [...] eu lembro que eu peguei as crianças e nessa creche aqui, em Santo André, tem uma floresta. É um espaço aonde as crianças vão e conseguem explorar. E aí eu perguntei pra minha chefe se podia levar as crianças lá. [...] fizemos uma roda, com criança da educação infantil [...] era pra eles pegarem folhas, gravetos, e depois a gente fez colagem. E o que eu mais achei engraçado, que eu me senti, Nossa, que legal! pela primeira vez fiz alguma coisa assim, sem que ninguém falasse, faz assim que tá certo. [...] E eles foram colando, e aí eu ia perguntando, e era engraçado, porque eles falavam assim: - Olha, eu fiz a minha mãe, e era só uma folha, mas ali era a mãe deles. [...] E aí aquilo dali me deixou muito feliz, porque eles realmente entenderam o que eu queria que eles aprendessem, né? Sentisse a textura, usasse a imaginação. Aí eu me senti bem produtiva, bem criativa.</p>

Melissa	<p>[...] da turma onde eu estou, é bagunça, na certa, tu tens que dar uma direção. Mas eles são criativos, sim. Assim...de modelar blocos de madeira, CDs, olha, surge muita coisa. Às vezes a gente não sabe o que é, mas a gente pergunta e eles respondem, né? Às vezes é só uma tirinha, é uma bicicleta, isso.... não tem palavras.</p> <p>Ainda mais a pessoa que eu estou, o aluno que eu estou, que tem autismo, ele é grau 1. Ele é bem tranquilo, ele é muito querido, meu parceiro, eu o amo, ele é muito fofinho. Então, ele gosta muito de pontilhados. Ele gosta que eu faça os pontilhados e ele passa por cima. Ele pede pra mim. Ele fala: - Profe, faz pra mim? Então, sabe..., mas eu tento, agora eu estou tentando deixar ele fazer os pontilhados. Agora tu vai fazer os pontilhados, eu quero ver o que é que tu vai fazer, às vezes ele não consegue. Ele está um pouco limitado, mas ele está envolvido. Então, eu acho que é uma maneira dele desenvolver um ponto pra ele também</p>
Gustavo	<p>[...] eu sinto que eu tenho que explorar ao máximo os diferentes tipos de linguagem, então eu tenho que explorar a imagem, procurar áudio, vídeo, conversa, tem que ter muita ferramenta diferente para que o aluno consiga aprender [...] pegar um vídeo legal para eles assistirem, pensar em algum jogo para eles jogarem, para eles aprenderem rápido, para pegar algum tipo de frase, para pegar algum tipo de vocabulário, então eu sinto que está no meu dia a dia, eu sinto que se eu não for criativo a aula não vai ser boa.</p> <p>Eu peguei como referência um reality show da Netflix, que não sei o nome como que é em português, mas é uma gíria que chama Bullshit, que é basicamente quando você está mentindo [...] E aí o jogo é assim, é como se fosse um quiz, tipo um show do milhão, que você vai ter as quatro oportunidades da pergunta, mas você não precisa saber a resposta, você precisa meio que convencer os outros que você sabe a</p>

resposta. Então se cai um negócio, do tipo assim, qual é a capital da França? Aí tem Paris, Berlim, Lisboa e Madrid. Aí o cara fala, pô é Madrid porque na geografia o meu professor falou que a capital da França é Madrid. E aí os outros vão julgar se ele está falando a verdade ou se ele está mentindo. E aí eu apliquei isso em uma aula que a gente estava aprendendo mais ou menos como se escreve um texto persuasivo em inglês, um texto mais argumentativo, e uma linguagem com um tom mais persuasivo e com gírias e palavras que podem soar persuasivos. Então eles tinham que aplicar isso durante o jogo. E tipo, meu, eles amaram, com toda turma que eu faço, assim, eles iam jogar, pedem pra jogar de novo [...] E eu sinto que eles praticam muito, porque eles têm que explicar tudo em inglês. Assim, eles têm que realmente dar explicação deles em inglês. E eu sinto que toda turma que eu jogo, assim, eles amam. Então eu sinto que tipo essa atividade aqui você marca com orgulho, assim, que deu certo, vou usar sempre que possível.

[...] teve uma aula que eu dei que era sobre isso, sobre estimular a criatividade. O tópico da unidade que estava no livro, com essa turma, na escola de idiomas era criatividade. Então, a gente estava falando muito sobre arte, e era o tópico da unidade. [...]era, escute uma música, veja a natureza, esse tipo de coisa. Aí, eu falei para eles, tipo, vamos fazer um teste, vamos pôr isso à prova, ver se isso ajuda ou não.

[...] E aí, eu pesquisei na internet, achei uns negócios, tipo, testes de criatividade pra testar ser uma pessoa criativa. Aí, era como se eu desse um desenho incompleto para eles, e eles tivessem que completar. [...] outro teste era, tipo, eu dou um garfo pra ele e falo, cara, pensa em quantas maneiras possíveis eu posso usar esse garfo, não só pra espetar comida, mas o que mais que eu consigo fazer. Eles tinham que bolar uma lista de coisas que dava para fazer com o garfo.

[...] no final, eles tinham que meio que debater quais métodos deram mais certo e quais métodos não deram muito certo. E foi uma aula legal, assim, sempre que eu aplico essa aula, os alunos gostam bastante, e aí

	<p>sempre saem umas conclusões, tipo: Ah...., sei lá, meio estranho esse método aqui, não me ajudou em nada. Tipo, ah... acho que esse daqui até que ajudou, tive uma ideia melhor de que eu acho que eu não teria se eu não tivesse feito isso, tal coisa. [...] Então, deu bem certo, assim. E surgem sempre ideias diferentes, né?!</p>
Fernanda	<p>Eu lido com o meu aluno autista, ele era uma criança que não queria proximidade de jeito nenhum, e quem lida com autista sabe que para invadir o mundinho deles, ou ele quer, ou ele quer, porque se ele não quiser, você não vai entrar, é um mundo fechado, e eu fui sondando-o a partir dos desenhos, porque eu notei que ele sempre desenhava, e ama o Homem-Aranha. Então, eu fui me achegando nele, permitindo que ele desenhasse, levando papeis, levando canetas, [...] e ele começou a pegar, e aí, para inserir ele na aula, porque me incomodava ver ele fora da aula, porque eu entrei nessa escola meio como uma auxiliar, eu falava para ele assim, vamos prestar atenção na aula e depois nós vamos criar um desenho sobre a aula, sobre o que a professora ensinou. E assim nós começamos a criar desenhos com significado, então todas as vezes que ele estava comigo, ele ama desenhar, ele passa o dia inteiro, ele criava desenhos que tivessem significado, e logo ele passou a nomear esses desenhos, então a escola achava que ele não era alfabetizado, a partir disso nós conseguimos comprovar que sim, ele é alfabetizado, só que ele só escreve e lê quando ele bem quer, então eu achei que foi uma reinvenção minha, porque eu nunca tinha trabalhado com crianças no espectro, e me despertou muita coisa.</p> <p>Olha, eu já dou aula há 10 anos, então tem algumas coisas, principalmente porque eu sou da matemática, então, eu sempre busco usar palavras do dia a dia dos meus alunos para ensinar para eles. Então, por exemplo, eles estavam, alguns que eu atendo do oitavo ano, estavam aprendendo ângulos internos, ângulo raso, ângulo reto, e aí, por exemplo, o ângulo raso, ele forma, parece aquele pãozinho do</p>

	<p>McDonald's, eu falava para eles, é o pãozinho, e eles decoraram dessa forma.</p> <p>[...] quando eu trabalhei com as crianças com ábaco, eu as estimulei a criarem ábaco com tampinha de garrafa, você consegue criar um ábaco em casa, então nessas pequenas coisas dá para trabalhar o lado criativo.</p>
--	--

Nome	Categoria F - Preparo durante a formação para que trabalhem a criatividade enquanto professores.
Sonia	Então, com a visão que eu tenho hoje, eu acredito que eu aproveitei muito esse curso [...] então foi importante para mim nesse sentido, e a criatividade, se você for pensar na criatividade, é o que eu falei, não teve um momento, nenhum componente que trabalhou esse conceito, epistemologicamente.... Vamos destrinchar o que é, qual a origem, de onde vem, o que faz, o quê, como, onde, quando e por quê. Não teve, mas teve uma base [...] a gente tem esse conceito superficial para nossa profissão. E acredito sim que poderíamos ter mais, poderia ser melhor, claro.
Karen	Para mim, não. Se eu não tivesse dentro da área hoje... eu achei uma diferença muito grande. [...] a faculdade não me ajudou a desenvolver isso. Como eu falei anteriormente, não tive uma matéria específica que trabalhasse criatividade dentro da universidade. [...] Então, ainda bem que tem que ter os estágios para você se formar, para você ver como realmente é. [...] eu acredito que a minha não me preparou para a realidade que eu vivo dentro da sala de aula.
Bianca	Acredito que a faculdade não. Eu acredito que a faculdade não me deu esse repertório, ele é meu e eu trago isso das minhas próprias experiências.

Joana	[...] Como que a gente vai trabalhar isso em sala de aula? (reposta a coordenadora) E aí eu olhei assim para ela, não sei, porque na minha faculdade não ensina sobre as realidades da vida pessoal, só te dá a sua teoria e vai.
Gustavo	[...] Eu sinto que na faculdade não. Porque eu sinto que minha faculdade foca muito, muito mesmo, assim, no ensino infantil e no Fundamental I. Eu sinto que não teve muitas conversas sobre adolescentes ou até mesmo sobre o sistema de ensino. [...] Então eu sinto que as atividades que eu aprendi, de criatividade, de plano de aula, eu sinto que foi 100% algo que dá para aplicar naquela idade.
Daniela	Não, porque durante a graduação a gente não é estimulado. [...] a gente tinha muito plano de aula pronto, por exemplo. [...] Então, eu acho que não é algo que tem, tipo assim, você vai sair da graduação sendo criativa, porque você não é estimulado
Melissa	[...] Teve disciplinas que a gente precisou ser criativo, que poderia ser criativo com os alunos. Não vou dizer que não, teve, sim, na minha faculdade teve. Porém, lá não estava escrito: - Olha, você pode ser criativo aqui, nessa proposta aqui, mas chegando lá, não sei como vai ser, não prepara. Isso não tem, eu acho que não tem.
Fernanda	[...] Então, assim, no meu caso, eu tive, de fato, matérias que chamavam atenção para um lado mais criativo, mas aplicar isso em sala de aula é muito difícil, sobretudo quando você pega turmas de 1º a 5º ano.

APÊNDICE C - Transcrição dos Grupo de Discussão

TRANSCRIÇÃO GRUPO 1

Pesquisadora: Bom dia! Vou iniciar a nossa conversa esclarecendo sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O link que foi enviado pelo WhatsApp de vocês, é uma documentação necessária para a pesquisa, e eu preciso, que por gentileza, vocês preencham e cliquem em “concordo”, para validar a participação no grupo.

Primeiramente, gostaria de agradecer a participação de vocês. A opinião de todas é importante para a pesquisa, então fiquem à vontade para se expressarem. O nome e instituição que estudam será mantido em sigilo.

Para me apresentar rapidamente meu nome é Pryscila eu sou professora de arte na Prefeitura de São Bernardo do Campo há 9 anos. Minha formação original é em Moda, fiz Licenciatura em Arte e comecei a atuar na educação. A criatividade já era um tema recorrente na minha vida por causa da própria faculdade.

Quando eu entrei para educação, comecei a ter contato com professoras polivalentes, através de participação nas aulas das professoras e conselho de classe. Com isso, comecei

reparar que a criatividade era um tema, que no nosso dia a dia, rondava as atribuições do cargo, não só das professoras de arte, mas também das professoras regulares. Nas questões de ter aulas dinâmicas, criar aulas para que as crianças tenham um aprendizado mais fácil... então, comecei a pensar, e aí que vem o objetivo do meu trabalho.

Comecei a pensar no Ensino Superior, a formação de vocês, onde a gente tem a primeira formação profissional para exercer a profissão. Se a criatividade se apresentava de alguma forma no curso, para que ela esteja na atuação de vocês nos níveis da Educação que escolherem atuar.

Então, para a gente começar e eu ter uma base para nossa conversa, eu queria saber de vocês: quando eu falo em criatividade, o que vocês acham que significa? O que vocês acham que possa ser criatividade?

Sônia: Oi Pryscila, posso começar?

Pesquisadora: Claro!

Sônia: Meu nome é Sônia, tenho 41 anos, eu faço pedagogia E.A.D e estou na última etapa. Bom, quando eu ouço a palavra criatividade, eu penso que precisa ser algo que supere o que é comum, o que é simples, principalmente quando se trata de aula e aplicação em sala de aula...eu precisar criar algo além daquilo que seja muito fácil, comum, ou que não me traria

esforço. Teria que me esforçar mais para que seja criativo. Eu penso assim: se eu for preparar uma aula, preparar um conteúdo para educação infantil, então precisa ser algo que divirta as crianças, que ao mesmo tempo ensine e tenha um conteúdo lúdico presente. Deve ser instigante e desafiador. Eu parto para esse lado.

(SILÊNCIO)

Karen: Oi, bom dia! Bom dia, meninas. Eu penso do mesmo jeito da Sônia, mesmo. A criatividade vem do ato de criar algo, né? Trabalhar a imaginação das crianças, deixar que elas possam - qual é a palavra? - que elas possam demonstrar sentimento no que estão fazendo, possam ser criativas, dar espaço para essa criança poder se expressar, dar o ponto de vista dela. Então, eu acho que a criatividade é algo maior, né? Você está trabalhando o interno dessa criança. Então, para mim, a criatividade é isso: você a deixa explorar o ponto de vista, os pensamentos dela.

Bianca: Criatividade, para mim, é deixar a sua mente sair de fora da caixa. É criar livremente, sem usar desenhos ou escritas estruturadas.

Pesquisadora: Então, na vivência de vocês, no dia a dia, vocês têm alguma habilidade criativa? Vocês fazem um curso fora da faculdade ou têm interesses, às vezes, em algo ligados à criatividade, ou que vocês acham que estão ligados à criatividade?

Sônia: Então, Pryscila, eu gosto todas as vezes que eu preciso preparar alguma coisa que seja, uma entrega, uma preparação, um plano de aula. O que que eu gosto de pensar: sempre se houve criatividade na parte de artes. A gente precisa se inspirar em arte, então eu gosto sempre de fazer com multidisciplinar. Eu faço língua portuguesa com artes, matemática com artes, geografia com artes. Eu gosto de colocar uma música, de colocar uma poesia, de colocar uma pintura, um pintor, um compositor. Sempre trazer algum elemento que é tão difícil de ser trabalhado em sala de aula, né? Geralmente fica só assim, a cargo do professor de arte mesmo, infelizmente, né?!

Eu vi isso muito, tanto no estágio que eu fiz, nos estágios obrigatórios. Também participo de um programa de residência pedagógica, e eu vejo também o professor de arte chegando e ensinando a fazer um desenho na lousa e passa a folhinha... então, fica muito deficiente o ensino de arte na escola, né.

Então, eu sempre gosto de colocar todas as propostas que eu tive na escola. Ah, preparar uma sequência didática, um plano de aula, alguma coisa. Sempre fazia com essa intercambialidade entre arte e a disciplina do professor que ele estava pedindo.

Pesquisadora: Então é uma coisa que você já tem gosto, na vida pessoal...

Sônia: É, eu me sinto criativa fazendo isso, por ser algo que seja diferente, né, que todo mundo tem... enquanto a maioria.... Pensa: Vou fazer uma sequência didática de língua portuguesa. Eu quero colocar arte nessa língua portuguesa também, entendeu? Então, eu sempre pego poema, alguma coisa que dificilmente seria usado, seria mais uma historinha mesmo, ou pegar um livro, alguma coisa. Eu quero trazer uma música, entendeu? Eu gosto de preparar assim e me sinto criativa. E traz para mim uma certa dificuldade, né, porque eu preciso pesquisar, preciso ir além daquilo que seria o comum, o que seria bem fácil e rápido. Dá mais tempo, dá mais trabalho, né?! Envolve eu conhecer alguma coisa diferente, pegar alguma coisa que não era do meu repertório e buscar isso, pesquisar e estudar. Aí eu me considero criativa quando eu consigo fazer isso.

Pesquisadora: ok.... Obrigada Sônia, e vocês meninas?

Bianca: Eu gosto muito de escrever poesia, e amo desenhar. Eu trabalho em uma escola com o método construtivista, e a escola deixa as crianças livres para criar, tenho crianças de 4 anos que desenham livres, não utilizam a grade estruturada que eu tenho, que seria desenhar aquela casinha comum, a árvore com uma maçã. Por muitas vezes eu dou somente o comando.... vamos desenhar um campo de vagalumes, e depois é só eles e o papel.

Pesquisadora: Então, Bianca, você aplica a criatividade saindo da grade do plano?

Bianca: Exatamente isso. Eu quero que eles usem a mente deles.

Pesquisadora: Karen, você tem habilidades criativas ligadas à criatividade?

Karen: Eu tento, né? Atualmente, estou com o primeiro ano, então eu procuro trazer bastante coisas lúdicas que possam prender a atenção deles. Eles gostam muito de estudar fora da sala de aula, então geralmente eu preparo uma aula que eu consiga dar aula para eles no parque. Nós temos um local lá no colégio que eles plantam. Tem uma árvore, então a gente sempre procura trabalhar nessa parte que eles gostam de sair do ambiente. Nós acabamos ficando muito tempo dentro da sala de aula, então eu tento dar essa mudança, essa mudança mais significativa para eles.

(SILÊNCIO)

Pesquisadora: Então, assim, vocês acham que a criatividade é algo que dá para aprender?

Sônia: Eu acredito que a criatividade seja uma habilidade que deve ser aperfeiçoada, e a gente deve buscar sempre esse desenvolvimento, essa habilidade. Realmente, a gente precisa

se esforçar, precisa buscar, desenvolver mais essa habilidade. Eu não acredito que a gente nasce muito criativo. Eu acredito que é uma habilidade que vem sendo construída e desenvolvida, e vai muito do interesse também da pessoa receber esses estímulos e desenvolver. E é claro, se ela também não recebe os estímulos, também não desenvolve.

Então eu acredito que sim, todo mundo pode ser criativo, todos podemos. Mas precisamos buscar os estímulos para desenvolver melhor essa habilidade. Eu não acredito que ninguém nasce...pode ser...com uma habilidade muito além, fora do comum, mas essa habilidade também foi desenvolvida, aperfeiçoada, teve bastante estímulo.

Claro, tem pessoas que nascem gênios, ok, mas também, se ela ficar sozinha com a genialidade dela, ela pouco vai se desenvolver, ela precisa de interação, de estímulos, eu acredito nisso.

Pesquisadora: Meninas, o que vocês acham da questão?

Karen: Eu acho que é dever do professor incentivar a criatividade desse aluno, né? Temos alunos que têm muita criatividade. Eu, no caso, tenho uma aluna que desenha super bem; a parte de criatividade dela é voltada para o desenho. Eu tenho um aluno que é criativo na fala, então assim, sempre tem um argumento. Então, acho que nós, professores, nós que devemos incentivar. Mas eu acho que todo mundo já vem com algum tipo de criatividade, e nós só precisamos aperfeiçoar isso, desenvolver cada dia mais esse aluno

Bianca: A criatividade deve ser estimulada. É possível desenvolver ela e estimular, trabalhando com cada um em seu conhecimento.

Pesquisadora: Então, tendo em vista essa parte que a gente já discutiu de criatividade, como vocês entendem sobre, como ela está no dia a dia de vocês, eu vou passar para uma segunda parte específica do Ensino Superior. Então, eu vou partir para parte específica do curso de formação de vocês.

Houve na grade curricular, alguma matéria sobre criatividade? Ou alguma aula em que o tema foi criatividade, que houve uma discussão, ou imagino que vocês estudam a BNCC; se foi citado, ou se esteve em algum momento como tema de aula

Bianca: Não existiu no meu. O máximo que eu fiz e que foi falado foi sobre criar jogos pedagógicos, e super superficial.

(Falas cruzadas entre Karen e Sônia, Karen Segue)

Karen: Onde eu estudo, eu tive uma matéria sobre arte, onde o professor trabalhava com a gente a criatividade, mas nada muito específico. Tive aulas de metodologias, onde o professor dava métodos onde nós poderíamos trabalhar com as crianças de uma forma mais lúdica, mas não algo que entrasse de cara na criatividade. Foi algo mais, para mim, foi algo

mais superficial. A criatividade mesmo, a gente foi ter contato dentro da escola, dentro da escola é totalmente diferente do prático e teórico. Eu entrei, aí que eu tive certeza de que eu queria ser pedagoga mesmo, porque o que nós aprendemos dentro da faculdade, para mim, né, no caso, é um complemento, porque a realidade é totalmente diferente. Mas assim, uma matéria específica eu não tive.

Pesquisadora: Karen, só para eu entender melhor, nessas atividades, nessas aulas de metodologia que você disse que teve uma forma lúdica. Você pode me dar um exemplo para eu entender o que é a aula de metodologia, como foi?

Karen: Então, a aula de metodologia é uma matéria que o professor te ensina a passar o conteúdo. No caso de matemática, foi superficial, mas nós tivemos o material dourado, que é uma forma mais lúdica de trabalhar com aluno. Na aula de metodologias de ciências, nós tivemos que fazer um aquário; nós fizemos um tipo de jardim, um terrário. Então, assim, foram alguns métodos mais lúdicos que o professor passou, mas só também, não foi nada muito profundo.

Pesquisadora: Então ele dava métodos diferentes de ensinar. O terrário, no caso, tinha um ensino sobre alguma coisa ou era só a experiência?

Karen: Não, era como nós trazíamos a ciência para dentro da sala de aula, né. Aí nós fizemos o terrário, nós ficamos observando que, nós fechamos o terrário e deixamos ele lá fechado, a água não secava. Então, assim, era lúdico. Na parte de matemática, nós usamos o material dourado. Trabalhamos também com material geométrico, figuras geométricas. Então, assim, é algo mais lúdico para prender a criança, mas nada muito criativo. Era só um método mesmo de como você passar para a criança o conteúdo de uma forma mais leve.

Pesquisadora: Ok, Obrigada!

Sônia: Pryscila, eu concordo com as meninas na questão da superficialidade do conceito, porque o que aconteceu no caso no meu curso, eu acho que os conceitos criatividade e ludicidade, eles vinham sempre juntos nas propostas curriculares. Por exemplo, o professor de docência na contemporaneidade, que é um componente que eu tive, então ele sempre falava muito que o professor do Século XXI precisa ser um professor criativo e lúdico nas suas propostas, na sua interação com o aluno, nas suas aulas, sempre nesse sentido. O professor de arte também misturando esses dois conceitos. Sempre acho que eles vêm muito juntos quando a gente está aprendendo a ser professor. E eu lembro de umas aulas com a professora, na disciplina de currículo, os tipos de currículo, enfim, que entrava muito a questão da criatividade também, mas não tivemos durante todo o curso. Já tô na última etapa, né, no último mês, e não tivemos até então um estudo mais aprofundado, epistemológico da

palavra, do conceito, de onde vem, como surgiu, como fazer, o que é a criatividade. Então, ficou superficial esse conhecimento, nesse sentido. Talvez tenha faltado um pouquinho nos componentes de filosofia estudar a criatividade, acredito que essa seja a deficiência.

Pesquisadora: E como é que eles trabalharam a criatividade ou algo próximo na disciplina do currículo?

Sônia: Na disciplina do currículo, trabalhando... porque eu lembro que a professora, ela apresentou todos os tipos de currículo crítico, crítico-analítico, enfim, todos os tipos que tinham e sempre o ponto principal lá dentro, o eixo era criatividade. Mais, menos, não podia aflorar a criatividade neste, sabe assim? Era uma coisa muito presente, mas não teve um conteúdo aprofundado sobre essa criatividade dentro do currículo, como ela seria interpretada. Qual a origem dela, porque ela que estaria norteando tanto essas diferenças nos currículos.

Pesquisadora: Entendi, então no caso existem currículos em que a criatividade poderia estar presente e outros que não cabia, não tinha espaço....

Sônia: Isso, dentro das teorias de currículo, né, que são as teorias de cada fase da educação. Tinha um currículo, o currículo crítico-analítico, currículo sintético, enfim. Aí, a criatividade ela era muito presente, muito marcante quanto ao uso ou não, o professor pode ser criativo? Não, não pode ser criativo, tem que seguir o método. Não, ele pode sair do método. Isso era muito presente, mas também não teve uma explicação, o que estava dentro dessa criatividade, entendeu, no bojo, o que que era ser criativo, o que era considerado criatividade dentro desses currículos, né? Eu não recebi esse tipo de formação.

Pesquisadora: E o que vocês acham sobre isso, de o currículo dizer para vocês, enquanto professores, se vocês podem ou não ser criativo? Se você pode ou não, no método, ser criativo...o que vocês pensam a respeito?

Sônia: Pois é, isso é uma camisa de força, né? Isso não é, na verdade ...esse tipo de imposição, ela serve mesmo para amarrar o nosso trabalho, para segurar e colocar dentro de uma forma de um projeto, por exemplo, tem que estar dentro da BNCC, não pode sair disso. É uma tentativa, a BNCC é maravilhosa, tem muita coisa, mas a BNCC não foi pensada para minha classe. Quem conhece a minha classe sou eu, então eu preciso ser criativa ali, então eu preciso ser fiel à BNCC, desconsiderando essas especificidades dos meus alunos?

Então, esse currículo não é criativo, ele não me permite criar e expandir e trabalhar de acordo com aquilo que eu tenho dentro da minha sala, né. Então, eu penso nesse sentido, a gente fica amarrado.

Pesquisadora: Gostaria muito de saber a opinião de vocês também...

Karen: Ah, isso é um absurdo, né? Porque vivemos realidades diferentes, cada aluno tem uma vida diferente um do outro e assim, eu como atualmente estou com primeiro e segundo ano, é difícil. É difícil para mim, no caso, estar na faculdade, ficar 4 horas sentada ali, imagina para uma criança que fica ali 6 horas no colégio. Então, eu acho que se você não trabalhar com criatividade, o lúdico, algo do cotidiano dessa criança, você não vai segurar ela, você não vai desenvolver nela o que você tem que desenvolver, é o que a Sônia falou. A BNCC, ela traz bastante coisas que dá para a gente trabalhar, mas eu acho que a criatividade ela tem que estar em todas as matérias, você tem que ser criativo, você tem que estar inovando. Porque só assim você vai conseguir transmitir o que você tem que transmitir para o seu aluno.

Bianca: Eu acredito que a criatividade tem que estar presente dentro da sala, mais de uma forma livre, para o professor trabalhar com as crianças, de acordo com as ideias dela e a criatividade delas também. A BNCC pode até dar as habilidades, mas dentro da sala ninguém vai de fato olhar o que você está fazendo, então exige, mas não auxilia, e aí vai da coordenação.

Pesquisadora: Então... voltando aqui para o Ensino Superior, para a formação dentro da faculdade, nas aulas, vocês tiveram algumas aulas que vocês falaram que foram criativas? Ou o professor deu uma aula criativa para vocês? Por exemplo, o professor passou o conhecimento de uma maneira que vocês acharam que foi criativo?

Karen: Eu tive uma matéria, estou tendo, na verdade, uma matéria onde a professora dá a parte teórica para nós, sobre deficientes, e a gente tem que trazer a parte prática. Eu, Karen, acho legal isso, porque está trabalhando a criatividade em mim. Eu tenho que ter muita ludicidade para trazer pra dentro da sala de aula. Então eu achei que essa matéria foi a matéria que mais deu espaço para sala. Eu terminei o meu TCC; ele está voltado para a importância da arte para deficientes visuais. Então eu escolhi essa matéria. Então eu trouxe bastante materiais em alto relevo. Foi uma coisa que despertou a criatividade em mim e no meu grupo. Eu acho que foi uma matéria que me ajudou, tanto no meu TCC quanto na minha vida profissional, porque eu nunca imaginei como que eu iria trabalhar com arte com deficientes visuais. Então eu tive que pesquisar. Eu acho que foi uma aula bem criativa da parte do professor. Ele trouxe a parte teórica e jogou para gente a parte prática. Eu acho que ele trabalhou na gente e a criatividade, né.

Pesquisadora: Essa professora, dessa disciplina.... como é a personalidade dela?

Karen: Ela é bem dinâmica. Essa professora, ela parece uma bonequinha. Então, quando ela abre a boca, você fica desacreditado, porque você não imagina que ela é

baixinha.... Você não imagina o potencial dela. Ela é muito inteligente. Ela traz dentro da matéria dela, desde o sétimo semestre, muita ludicidade. Ela trabalhava já bastante a criatividade com a gente. Então, essa matéria dela veio para encerrar mesmo, com chave de ouro. Ela em si é bem criativa. Ela sempre começava a aula dela introduzindo uma música. Aí, a partir da música, nós abrimos um debate na sala de aula. Bem legal a aula dela.

Pesquisadora: Me dá um exemplo de uma música que gerou um debate. Como é que uma música vira um debate?

Karen: Então, ela trazia muita música filosófica, tipo cantores mais antigos, sabe. Então, trazia uma problemática dentro da música. Tem uma música que nós estudamos, 'Eu não sou inteligente' ou alguma coisa assim na música. Então, ela trouxe uma problemática dentro da música que nós debatemos dentro de sala de aula, sabe. Era bem diferente, a aula dela era bem diferente.

Pesquisadora: Isso era uma introdução da aula? Antes de seguir o conteúdo...

Karen: Isso. Ela começava com um slide com a música, com a introdução da música. Aí, através da música, tinha a problemática do assunto que ela queria falar. Daí dava um debate dentro da sala de aula e tinha a resolução de problemas. Ela dava a hipótese que a gente tinha que solucionar. Ela dava problemas e dava algumas hipóteses e a gente tinha que solucionar, tipo um estudo de caso. Nós tínhamos que solucionar a questão que ela abordava.

Pesquisadora: E vocês conseguiram solucionar?

Karen: Sim, era um debate na sala. A minha sala tem 98 meninas, então cada uma dava uma sugestão de como nós podíamos solucionar o problema. Uma partiam para um lado, outras partiam para o outro. Isso abria um leque para todas, que a questão de um problema nós podíamos solucionar de várias formas.

Pesquisadora: E você poderia me dar um exemplo de um problema que vocês resolveram e você achou que foi diferente, foi resolvido de uma forma criativa?

Karen: Então, que eu me lembro, né, porque foi semestre passado, tem essa música 'Somos burros' ou algo assim, e trazia na música um cara que era, um cara que se colocava no lugar de uma pessoa qualquer que não tinha valor nenhum. E nessa matéria, nessa música, a gente trabalhou a autoestima do aluno. Então, aí ele falava que ele era burro, que ele não prestava, que ele não tinha inteligência. Então, ela levantou um debate, né?!, e nós tivemos que solucionar isso, era questão de um aluno que não tinha autoestima, como nós íamos trabalhar isso. Aí as meninas deram vários exemplos de feira cultural, direcionar as feiras para a autoestima mesmo, igual tem o sábado letivo da família. Então, tivemos várias coisas que poderíamos fazer para trabalhar a autoestima desse aluno, desenho livre, desenho com

recortes, onde a criança montava, pegava da revista parte do corpo. Então, foi bem dinâmica também e foi bem criativa. Nós conseguimos solucionar problemas que eu mesmo tinha, e as meninas deram soluções lá que eu não imaginaria.

Bianca: Eu tive uma professora que fez diversas dinâmicas, fez sala de aula invertida, e outros métodos. Mas nunca nada voltado para a arte.

Pesquisadora: Bianca, esses métodos que a professora aplicou, você achou criativo? A sala de aula invertida, você acha que dentro da disciplina, foi algo que ajudou você de alguma forma a chegar a um aprendizado?

Bianca: Achei criativo, pois como tivemos que pesquisar o conteúdo, acabamos conseguindo nos apropriar do conteúdo por nós mesmas, e aí, na hora de apresentar, a professora nos ajudou, acrescentou comentários na nossa apresentação, e sempre ouve nossas opiniões.

Pesquisadora: Sônia você teve alguma aula que você acha que foi criativa? No seu ponto de vista, durante esses anos de formação?

Sônia: Pryscila, ouvindo assim a experiência da Karen, eu fiz um túnel do tempo dos 4 anos. Quantas aulas maravilhosas eu tive o privilégio de participar. O meu curso é EAD, então eu não vou todo dia para sala. O meu curso é 90% de leitura e 10% de aula online, então, de cada componente, eu tenho duas aulas por mês com os professores, né?!, que é ao vivo, presencial, dentro do chat da faculdade. E aí, essas aulas são.... como a gente espera muito, a gente lê, lê, lê, lê, lê, a gente quer depois ouvir o professor falando. Então, são momentos assim de ansiedade, até a gente espera muito por ele, e a gente quer aproveitar o máximo. Parece que é até uma carência de ter um professor, de ter alguém, tem muita pergunta, é uma aula muito gostosa, mas assim, muitas marcaram a minha trajetória no curso. Mas eu destacaria as aulas de alfabetização e letramento com uma professora que foi maravilhosa. Ela não quis fazer só duas vezes por mês, ela fazia duas vezes por semana e por voluntariado dela. Ela dizia: - Vocês não têm obrigação de participar, entrar em todas, vocês precisam entrar em duas por mês, para a presença. Mas eu quero dar essas aulas.

Então, eu aproveitei muito, foi muito gostoso tudo que eu pude aprender com ela. Ela era uma professora doce, e é impressionante, a cada aula, ela surpreendia a gente, porque ela é muito criativa.

Então, primeiro, ela falou dos métodos de alfabetização, deixando a gente com vontade de abrir a porta de casa, achar uma criança e aplicar. Ela instigava isso. Depois, ela começou a demonstrar projetos de alfabetização, então, quando a gente entrava na aula, ligava a câmera, ela estava vestida caracterizada de Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, e ela dava

uma aula como se nós fôssemos crianças e ela estivesse alfabetizando a gente. Então, foi muito gostoso, e a gente viu na prática uma aula de alfabetização. Como aquela professora teórica de alfabetização faria na prática em sala de aula? Demonstrando isso. Então, era muito gostoso também.

E um professor também, que ele dava política. Olha só que coisa chata, legislação. Ele só falava de legislação, e era um senhor já bem idoso. Ele aposentou. E quando eu vi lá a foto, a ementa do curso, eu falei: - Aí, que curso chato, fala só de lei, e eu tenho que aprender isso, porque cai em concurso, eu quero aprender, eu quero participar.

E na primeira aula, eu fui tão desinteressada. A hora que ele começou a falar, eu falei: - “Meu Deus do céu, que lei gostosa de aprender é essa”, porque ele tinha uma didática para ensinar. Eu falei assim: - 'Ele é um professor de política'.

Realmente instigou todos os desejos e vontade de aprender, e todas as aulas dele eram muito boas. A hora que terminava, todo mundo: - 'Ah não, professor, não termina', de tão boa que era. Então, no meu curso, eu não posso reclamar. Eu queria que tivesse tido mais, eu queria ter tido mais aulas. Eu acredito que eu poderia ter aprendido mais ainda com eles. Foi maravilhoso.

Pesquisadora: Esse professor de legislação, que realmente é uma disciplina muito densa. Como ele levava a aula para que você se sentisse tão bem em aprender? Ele fazia algo diferente?

Sônia: Ele era um senhor de 70 anos, então tinha tudo para ser chato, já porque a gente mais nova não tem muita paciência para ouvir uma pessoa mais velha, geralmente. Ainda mais falando sobre legislação, né? Mas ele fazia como uma linha do tempo, então ele dava uma aula cronológica, e as coisas iam se amarrando, sabe. Ele tinha essa didática, essa habilidade de ao ensinar uma lei e começar pela história antes da Constituição. Porque chegamos na Constituição, de onde ela nasce, porque ela surge, qual a importância, de onde vem. E sabe o que parecia, que ele estava lá, parecia que ele tinha participado a ajudar a escrever, porque tudo que ele ensinava, ele entendia de uma forma, ele tinha as palavras certas, o exemplo atual para levar a gente para o tempo, era uma linha do tempo, e ele que criou a disciplina. Todos os livros que a gente ia ler, material que ele escreveu, ele trazia alguma coisa ou outra de outros autores, mas era tudo dele, uma pessoa muito inteligente que dominava muito esse assunto. Então a forma didática como ele conduzia essa linha do tempo, eu me sentia indo para lá, parecia vivendo os fatos acontecendo, que eu estava na reunião, enfim, como que foi as discussões, eu me sentia dentro daquilo lá. Ele sempre trazia um

exemplo atual que eu conheço, que eu já vi, para me remeter lá naquele passado lá e entender. Foi muito gostoso, acho que eu aprendi as leis, vou tentar prestar um concurso.

Pesquisadora: Eu vou fazer uma pergunta, que eu vou aproveitar e já vou estender. Nesta aula, e nas outras também, tinha espaço de debate, de discussão, para se expressar livremente nas aulas, existia um diálogo dentro da matéria?

Sônia: Sim, sempre, todas as aulas, método indutivo, fazendo perguntas para a gente, todos os professores eles faziam sim. Interessante que até os professores, eles falavam, os professores que davam aula para a gente no EAD, eles eram os mesmos do presencial e falavam que era bom estar aqui com o pessoal do EAD, um pessoal mais velho, mais maduro, que faz bastante pergunta, responde o que a gente pergunta. Eles gostavam dessa interação, porque eles viam um pouco no pessoal mais jovem, que eu no presencial todo dia, eles tinham menos dúvidas do que a gente. Então eles gostavam desse ambiente de pergunta e resposta, de interação, era bem valorizado.

Pesquisadora: Vocês também se sentem assim a respeito das aulas de vocês?

Karen: Na minha sala, sim, bastante. Tendo uma sala de 98 mulheres, tem muito debate, muitos pontos de vista diferentes, e chega da briga e a coisa pega, porque são muitas, as pessoas pensam diferente. Ainda bem, então a gente mostra muito ponto de vista, tem aquela questão de pergunta e resposta. Professor pergunta, cada um fala o que pensa, o que acha. Nós temos, temos bastante debate em sala de aula.

Pesquisadora: Pensando aqui, para nós já irmos finalizando, vocês acham, então, que é possível, nas práticas, estimular a criatividade? Tem como isso fazer parte da dinâmica das aulas, na aprendizagem das crianças?

Karen: Com certeza, eu acredito que sim, porque para as crianças terem criatividade, nós professores temos que dar autonomia para essa criança. Eu deixo minhas crianças bem livres, e as crianças, elas têm criatividade em tudo. Eu, particularmente, sou muito observadora, então quando as crianças estão brincando, elas estão criando. Está na escrita, no desenho. Então, acho que tudo, tudo que as crianças participam, elas têm a contribuição delas na parte da criatividade. Esses dias, eu até me peguei rindo sozinha, porque eu levei as crianças para o parque, eu entreguei alguns objetos para elas brincarem. Tinha tipo um negócio que coloca a linha de pipa, e eu achei que elas iam fazer uma coisa com aquilo, ficar rodando, mas não. Em cima desse rolo, elas viraram e fizeram de banquinho. Então, assim, a parte que elas mais desenvolvem criatividade, para mim, é no parque. Elas inventam cada brincadeira com os objetos, né?! Chegam lá com o intuito de apresentar uma brincadeira, e da

minha brincadeira, elas partem para outra. Então, eu acho que as crianças, elas, a criatividade está presente no dia a dia delas, ela se desenvolve em tudo, elas dão pitaco de criatividade.

Bianca: Sim, eu acredito. A professora da minha turma sempre está trabalhando isso, escrevendo recontos de contos de fadas, sempre fazendo desenhos sobre o dia delas. Esses dias eu li uma história, e todos quiseram desenhar sobre ela, e aí nós colamos nas paredes tudo o que elas fazem.

Tanto é que as crianças já sabem da liberdade que elas têm, fazem desenhos e sempre querem colar na parede. Minhas meninas gostam de desenhar e distribuir desenhos pela escola. Sempre perguntam como escreve o nome das pessoas para dar, desenharam as pessoas perfeitamente, e eu vejo isso com muito orgulho, pois eu sempre fui muito podada nas minhas escolas. Eu sempre rabisquei os cadernos, com desenhos e frases, e poder proporcionar uma experiência diferente da minha é inspirador

Sônia: Sim, eu acredito que sim. É possível, basta permitir que o aluno crie. Existem propostas que a gente pode fazer que estimulem essa criatividade. A criança, ela já é criativa, a gente que vai tolhendo-a, já nasce no mundo da imaginação, da invenção, e a gente vai colocando-a dentro de uma certa caixinha. Não tem que ser, uma pessoa não pode ter quatro mãos, tem que ter duas. Quando a criança faz um desenho, você fala: - Desenha você! Ela desenha com cinco olhos. 'Não, mas olha para você, você tem dois olhos, você tem cinco?' Então a gente vai tirando essa criatividade espontânea que eles nascem. Eu já vi professor criticar a garatuja de criança pequena na educação infantil. 'Você só rabiscou, não, agora faz um desenho. Você fez o que você queria, agora faz o que eu tô pedindo.' Então isso é, eu vi no meu estágio, é um absurdo, né? Mas existe. A gente que é adulto já tiraram muito da nossa criatividade, principalmente na escola. Eu fui estudante da educação básica nos anos 80 e 90, então não podia mesmo. Uma vez eu lembro que uma professora trouxe um nanquim na sala de aula, que era uma tinta preta. E eu sujei o dedo e carimbei a carteira. Ela ficou uma fera, fez eu limpar, trouxe um paninho e eu limpei. Ela disse, 'Tá vendo, você sujou, agora limpa, bla bla bla.' Mas foi tão legal. Eu nunca tinha visto um nanquim e ela falava pra não pôr o dedo na tinta. Foi tão gostoso carimbar, saía meu dedo. Eu acabei com a escola aquele dia, fiz uma tragédia na sala. Enfim. Então, eu fui totalmente tolhida na minha educação. A gente faz isso com a criança também, involuntariamente, sem perceber. A gente fala, 'Vamos brincar de guache, mas não suja a roupa, senão a mamãe vai me matar, não é?' Enfim, a gente tira a expressão. E o mais gostoso para a criança seria se sujar de tinta do que pintar usando guache, porque pintar usando o guache é natural, é uma coisa que não é criativa, é básico. Mas o se

sujar, passar guache nas mãos, sujar a tinta, ver o grude que ela faz, essas coisas, seria uma maneira de ser criativo, usando um pote de guache.

Uma maneira mais criativa de explorar, e perguntar o que você está sentindo, você está instigando algo mais criativo, fora daquilo que seria comum, já é algo mais extraordinário. Dar a oportunidade para criança imaginar, brincar e fazer coisas que não seriam tão comuns no meu mundo de adulto. Eu acredito que seja possível estimular essa criatividade, sim.

Pesquisadora: Minha próxima questão é, vocês têm a vivência da universidade, do curso de pedagogia, e vocês têm a vivência do estágio.

Pensando na universidade, no curso. Vocês acreditam que a formação de vocês deu subsídios para que vocês se tornem professoras que trabalham a criatividade?

Karen: Para mim, não. Se eu não tivesse dentro da área hoje... eu achei uma diferença muito grande. Não sei se é porque eu peguei a pandemia. Eu achei assim, tem coisas que auxiliam, que ajudam, mas dentro da sala de aula, dentro de um colégio, é totalmente diferente. A realidade é totalmente diferente. Eu nunca estagiei na prefeitura, e as meninas que estudam comigo dizem que a realidade é pior ainda. Então, assim, sempre trabalhei em escola particular, e a realidade dentro da escola particular, dentro de uma sala de aula, na faculdade é totalmente diferente. E a faculdade não me ajudou a desenvolver isso. Como eu falei anteriormente, não tive uma matéria específica que trabalhasse criatividade dentro da universidade. É tudo muito bonito quando você entra dentro de uma sala de aula, você vê que a realidade é totalmente diferente. Então, ainda bem que tem que ter os estágios para você se formar, para você ver como realmente é. Eu achei a realidade totalmente diferente dentro da faculdade, quanto na sala de aula. Eu acredito que a minha não me preparou para a realidade que eu vivo dentro da sala de aula.

Sônia: Eu acredito que a faculdade tenha dado boas ferramentas, tenha me dado muitas ferramentas. Foi um processo muito valioso para mim, mas nada comparado à experiência de ter ido à sala de aula. Realmente é incomparável, é outra experiência. Eu tive também uma experiência na minha bagagem, abrindo a minha caixinha de ferramentas e pensando. Acho que foi importante. Quando eu era adolescente, eu fiz Magistério, que hoje não existe mais. Era um curso de 4 anos de Magistério que a gente terminava o oitavo ano, que é o nono agora. Eu saí da oitava série e fui para o magistério. Então, eu era muito criança, muito imatura. Eu fiz o ensino médio com o Magistério, e lá tinha muito estágio. Também eu via muitas coisas, né?!, que me marcaram profundamente. Depois eu não quis ser professora com o Magistério, na época eu podia prestar um concurso e dar aulas, mas eu não quis. Fui

estudar outra coisa, fazer jornalismo, trabalhei, fui mãe e depois resolvi voltar para a área da Educação. Muita coisa mudou. Praticamente tudo mudou.

Então, o curso de pedagogia ele me preparou nesse sentido de reciclar para o que estava acontecendo, me preparar tipo: - Oh, a realidade agora é outra! Agora o professor faz isso e isso, isso, isso. Ele pensa desta forma, ele age assim. O que era muito diferente do curso que eu tive de Magistério, que era uma coisa técnica, 'Vamos ensinar a dar aula', então era bem diferente, muito diferente mesmo. E eu era muito criança na época também. Então, com a visão que eu tenho hoje, eu acredito que eu aproveitei muito esse curso. Podia ter passado por muitas experiências. Então foi importante para mim nesse sentido, e a criatividade, se você for pensar na criatividade, é o que eu falei, não teve um momento, nenhum componente que trabalhou esse conceito, epistemologicamente. Vamos destrinchar o que é, qual a origem, de onde vem, o que faz, o quê, como, onde, quando e por quê. Não teve, mas teve uma base, claro que você como pesquisadora, tem esse conceito de outra forma que a gente, porque você já explorou todos esses lados desse conceito, a gente tem esse conceito superficial para nossa profissão. E acredito sim que poderíamos ter mais, poderia ser melhor, claro. E aí fica do interesse de cada um também de procurar e se aprofundar mais nesse sentido. Eu acho que tudo que foi feito pela faculdade foi válido, aprovado, concordo, e me deu uma boa base para começar o meu trabalho.

Agora é só um começo, né?! Eu vou estudar para o resto da vida para ser professora. Então foi só um start. Porque já pensou, hoje para formar um professor no Brasil, você não forma um professor polivalente no Brasil em 4 anos, não forma. Essa formação tem que ser mesmo contínua. Foi só um começo, porque o que a gente vai aprender agora mesmo é na profissão, como professores com seus alunos, com as necessidades que vão surgindo. Você tem que buscar fora, os cursos que a gente vai continuar fazendo, as capacitações, enfim. A gente está só começando, é só um começo a faculdade. Então eu acho que para um começo foi bom, foi suficiente.

Agora a gente vai correndo atrás do que a gente precisa mais. E uma coisa que foi a primeira coisa que eu senti necessidade, Priscila. Eu participo de um programa que é a residência pedagógica. Então, é como se fosse um estágio que a gente faz na escola, mas a gente tem que dar aula. Então, eu tenho uma classe fixa, um terceiro ano C, de uma escola estadual em São Paulo. A professora me falou: 'Olha, Patrícia, eu quero que você dê matemática sobre tal assunto.' Então, eu tenho que preparar a aula e escrever, mandar para ela, a professora da classe, e ela olha, 'Ah, legal, pode dar aí.' Eu vou lá e dou essa aula para as crianças. Qual foi a primeira necessidade que eu senti?

Eu não tive na faculdade sobre disciplina, né?! e agora eles estão falando muito, o que eu vou fazer? A professora deles costuma gritar e eu não quero fazer isso, então eu fui o quê? Eu fui pesquisar, eu comecei a ler sobre comportamento, né?!, sobre... mais sobre psicologia infantil, falei: - Peraí, como que eu vou dominar essa classe, né?! , com o conteúdo que eu tenho para dar, sem precisar gritar, sem precisar fazer as coisas que ela faz, que para a minha experiência como residente foi assim, eu não quero ser como essa professora, eu quero ser diferente, mas esse diferente, como eu não aprendi na faculdade, eu tive que correr atrás, de como que eu vou... como que eu vou fazer para esses meninos pararem aqui e prestar atenção no meu sistema de numeração decimal, peraí, eu não vou gritar, então eu fui pesquisar maneiras de disciplina. Então aí neste sentido, é isso que eu queria chegar, Pryscila, neste sentido, é... talvez se eu buscasse mais sobre criatividade e a minha aula fosse muito criativa e estivesse prendendo muito atenção deles, eu não teria sentido a necessidade de pesquisar sobre disciplina, sobre como manter a classe envolvida e prestando atenção junto comigo. Pode ter faltado na criatividade, sim, por que não? Então, é algo que eu ainda preciso criar, ainda preciso desenvolver, melhorar essa minha habilidade, para que eu não precise me preocupar com indisciplina, com crianças que estão falando muito de coisas que não tem nada a ver, como que eu vou envolvê-los melhor? Aí, nisso, eu acho que passa por Criatividade.

Bianca: Acredito que a faculdade não me deu esse repertório, ele é meu e eu trago isso das minhas próprias experiências. Isso que a Karen disse é verdade. Eu estagiei na escola pública, e nela eu não fazia nada do que faço nessa.

Pesquisadora: Bianca, você colocou um ponto sobre a diferença que sentiu na vivência da escola pública e do particular. Consegue me dizer mais ou menos qual seria essa diferença?

Bianca: A maior diferença é o método. A pública é tradicional, as crianças o tempo todo sentadas, em fileiras, sempre dando desenhos prontos. Elas só pintavam, era sempre dentro da sala. Já no particular, com o método construtivista, a escola é aberta, com diversos espaços que podemos utilizar. Tem só uma mesa onde todas elas se sentam juntas, ou sentam todas juntas no chão. Nós nunca fazemos nada por elas, elas têm autonomia, sempre estão livres para levantar-se, trocar os espaços. Pedem para fazer atividades fora da sala...

Pesquisadora: Entendi. Obrigada!

(Desfecho da Reunião - Agradecimento e fim da gravação)

APÊNDICE D - Transcrição dos Grupo Discussão

TRANSCRIÇÃO GRUPO 2

Pesquisadora: Bom dia! Vou iniciar a nossa conversa esclarecendo sobre o Termo de Consentimento Livre e esclarecido. O link que foi enviado pelo WhatsApp de vocês, é uma documentação necessária para a pesquisa, e eu preciso, que por gentileza, vocês preencham e cliquem em “concordo”, para validar a participação no grupo.

Primeiramente, gostaria de agradecer a participação de vocês. A opinião de todas é importante para a pesquisa, então fiquem à vontade para se expressarem. O nome e instituição que estudam será mantido em sigilo.

Para me apresentar rapidamente meu nome é Pryscila eu sou professora na Prefeitura de São Bernardo do Campo há 9 anos. Minha formação original é em Moda. Quando comecei a atuar na educação, a criatividade já era um tema recorrente na minha vida por causa da própria faculdade.

Quando eu entrei para educação, comecei a ter contato com professoras polivalentes, através de participação nas aulas das professoras e conselho de classe. Com isso, comecei reparar que a criatividade era um tema, que no nosso dia a dia, rondava as atribuições do cargo. Nas questões de ter aulas dinâmicas, criar aulas para que as crianças tenham um aprendizado mais fácil... então, comecei a pensar, e aí que vem o objetivo do meu trabalho.

Comecei a pensar no Ensino Superior, que é a formação de vocês, onde a gente tem a primeira formação profissional para exercer a profissão. Se a criatividade se apresentava de alguma forma no curso, para que ela esteja na atuação de vocês nos níveis da Educação que escolherem atuar.

Então, para a gente começar e eu ter uma base para nossa conversa, eu queria saber de vocês: quando eu falo em criatividade, o que vocês acham que significa? O que vocês acham que possa ser criatividade?

Joana: Fazer algo de uma forma diferente...fora do comum

Gustavo: Criatividade pra mim é inovar.

(Participantes concordaram através de expressão facial)

Daniela: Pensar de uma forma diferente, se expressar de uma outra forma, não usual.

Melissa: Eu acho que é fazer algo de um jeito diferente e novo, reinventar

Ana Carolina: Eu penso que a criatividade é explorar, reinventar, pra mim é algo que está em conjunto com a novidade, com o diferente.

(Silêncio)

Pesquisadora: Então, na vivência de vocês, no dia a dia, vocês têm alguma habilidade criativa? Vocês fazem um curso fora da faculdade ou têm interesses, às vezes, em algo relacionado à criatividade, ou que vocês acham que estão relacionados à criatividade?

Melissa: Eu acho que minhas habilidades estão mais ligadas a tecnologia, eu gosto bastante de tecnologia, aplicativos e jogos de programação, eu gosto.

Ana Carolina: Eu sou artesã, faço amigurumi

Gustavo: Eu sou mais ligado a música, toco bateria a dez anos

Joana: Eu gosto da parte de eventos, organização de festas, mas não sei cortar E.V.A

(Risos)

Fernanda: Minha habilidade criativa está ligada à escrita, eu tenho um Blog com outras mulheres, que a gente escreve sobre futebol.

Joana: Eu gosto da parte de eventos, organização de festas, mas não sei cortar E.V.A

(Risos)

Pesquisadora: Todo mundo já respondeu? Pulei alguém?

Daniela: Eu! Ainda não falei a minha habilidade

Pesquisadora: Desculpa Daniela, pode falar

Daniela: A minha habilidade criativa também é a escrita.

(Silêncio)

Pesquisadora: Então, após essas perguntas iniciais, vocês acham que a criatividade é algo que dá para aprender?

Gustavo: Acho que sim. É possível aprender

Ana Carolina: Sim

Joana: Acho que Sim

Fernanda: Eu também acredito que dê sim.

Daniela: Acho que dá pra aprender e estimular também.

Melissa: Eu acho que não, acho que dá pra estimular, a gente trabalha com a criatividade que a criança já tem.

Pesquisadora: Então, tendo de vista essa parte que a gente já discutiu de criatividade, eu vou passar para uma segunda parte, específica do Ensino Superior. Houve, na grade curricular, alguma matéria sobre criatividade? Ou alguma aula em que o tema foi criatividade, ou uma discussão sobre?

Melissa: Uma aula específica, assim, falando o que é, não.

Gustavo: Eu não consigo me lembrar de alguma aula onde sentaram e falaram tipo.... Gente, o conceito de criatividade é tal coisa. O que vocês pensam de ser criativo? Vocês acham que tem que ser criativo? Nunca tive essa discussão em aula, não consigo me lembrar.

Joana: Eu tive, aliás, estou tendo agora uma disciplina que é de teatro e musicalização e aí tem que elaborar uma atividade que seja criativo. Por exemplo, eu fiz do teatro de sombras, chapeuzinho vermelho, só que eu queria que as crianças entendessem a história, mas ela se reproduzisse da maneira que elas acham que é. E aí tinha que elaborar uma outra atividade também, e aí eu escolhi uma colher. E aí essa colher... eu fiz até com a minha sobrinha. Eu falei pra ela, você está vendo o que é isso? Ela, uma colher. Aí eu falei assim: - “E se não fosse uma colher, o que isso aqui seria?” E aí ela foi falando: Ah Tia! pode ser um cotonete por exemplo. Então acho que das disciplinas que eu tive até agora, essa foi a que eu tive que dar uma reboladinha assim, para dar um pouco da minha criatividade, que é bem pouca. Mas teve vários também, teve o Fundamento da Educação Infantil também, que eu tive que elaborar uma atividade de educação infantil para a criança trabalhar a coordenação motora. Mas foi bem legal. Mas tem outras também que foram muito chatas, que não dava muito pra ser criativa não. Porque também não tem muito auxílio da faculdade, querendo ou não. Eu não sei as meninas, né? Mas a minha, E.A.D, é um pouco a desejar.

Fernanda: Lá na minha faculdade, na Faculdade de Educação, nós temos uma coisa que é a questão das professoras serem mais velhas. Acho que a minha professora mais nova, a última vez que a gente fez um censo, tinha 65 anos, minha professora mais nova. Mesmo assim, eu sinto um esforço muito grande. Durante a pandemia, a gente teve aula de lúdico, e inclusive é uma professora que a gente morre de saudade porque ela saiu da faculdade. Porque durante, a gente fez as aulas pelo Teams, ela fazia a gente cantar pelo Teams, era uma bagunça. Ela contava histórias.

A casa dela, todo mundo morre de vontade de conhecer, porque a gente chama de casa brinquedo, porque do nada, ela sacava vários brinquedos e fazia a gente visitar a infância com músicas bem infantis. Na sala de aula, muitas vezes, as nossas professoras fizeram a gente sentar-se no chão e ser mesmo criança durante as aulas. Tivemos aí essa disciplina de metodologias inovadoras. E nas disciplinas ligadas à tecnologia, que levou várias pessoas de outras faculdades para ensinar coisas. Por exemplo, nós tivemos oficinas para aprender a criar vídeos super curtos para aplicar na escola, com stop motion. E foi muito legal, porque eram coisas bem simples que a gente tinha na sala de aula mesmo. Então, a gente teve oficina de desenho, coisas bem fora do que seria o computador, que a gente esperaria numa matéria de

tecnologia. E criamos ali, assim, aprender a criar pequenos filmes com as crianças, músicas com as crianças. Então, foi muito legal.

Pesquisadora: Alguém mais? Talvez tenha tido uma matéria específica, que falava a respeito de criatividade?

Daniela: Não, a gente não teve uma disciplina específica de criatividade. É o que o pessoal falou, a gente faz um catadão geral, né? Então, para desenvolver as atividades que os professores pedem, a gente precisa ter uma certa criatividade. Mas uma disciplina específica falando sobre isso, sobre como desenvolver a criatividade, estimular ou algo do tipo, não. A gente não teve.

Pesquisadora: Continuando aqui na formação, na faculdade, nas aulas, vocês tiveram alguma aula que vocês acharam que foi criativa? Ou o professor deu uma aula criativa para vocês?

Daniela: Eu tinha uma professora que ela era maluca. Eu não vou lembrar o nome dela agora. Gente, mas era uma aula, assim, eu achava insuportável, porque era numa terça- feira, era a última aula. E ela deu aula de corpo e movimento pra gente. Então, era tipo educação física e artes junto. Então, às vezes, durante a aula, ela fazia a gente fazer umas posições de yoga, deitar no chão e respirar. Sente o útero, agora a gente vai sentir o útero, vamos lá! E a gente ficava mesmo. Sério?!

Fernanda: É a mesma disciplina, Daniela. E o mais louco dessa matéria é que meu professor tinha 75 anos, né? Então, você imagina um senhorzinho de idade pulando corda, brincando de cabra-cega, a gente se amarrava, a gente ria tanto que as outras salas paravam na frente, porque, assim, na faculdade não tem um espaço adequado. E aí, a sala de corpo e movimento é uma sala toda de vidro. Então, todo mundo aqui passa pra ver. E a gente brincando, e assim, a gente ria tanto, tanto na matéria. E, assim, ele deu as duas matérias, ele estimulou que depois... a gente tinha uma avaliação, e aí ele pegava os eixos da BNCC, e nós deveríamos criar brincadeiras. Não poderia falar uma brincadeira que já existia. Nós teríamos que criar uma brincadeira a partir das coisas da Base Nacional Comum Curricular. Mas, assim, eu não sei se você faz noturno. Eu faço meu curso diurno. E a matéria era a última aula. Ele pega ali das nove e meia às onze e dez. Então, a gente se amarrava em brincar com ele, que era muito divertido.

Daniela: O meu foi noturno, mas a pegada era a mesma. A pegada era a mesma, assim. Ela pediu uma atividade, a gente tinha que desenvolver três atividades para crianças de faixas etárias diferentes. A gente fez um teatro de mímica, a gente fez um dado gigante. Então, cada lado do dado tinha uma postura para eles fazerem.

Fernanda: Então a nossa....

(Fala Cruzada das participantes)

Fernanda: Teve teatro, assim, tudo. Brincadeiras indígenas, brincadeiras afro. Na nossa turma, na, tem um projeto chamado Pindorama, que é para alunas indígenas. Então, na minha turma, temos quatro meninas Pankararus. Então, elas ensinavam as brincadeiras da tribo delas. Foi um negócio muito legal mesmo. Então, é outra pegada, porque ali, naquele momento, nós tínhamos pessoas com lugar de fala para ensinar as brincadeiras e tal. Então, foi muito divertido.

Pesquisadora: Mais alguém tem uma lembrança de uma aula criativa que foi dinâmica? Vocês sentiram que tinha um jeito de ensinar criativo?

Joana: Então, no meu caso, não foi bem assim uma aula. Foi uma atividade que eu tive que fazer. Eu tive que montar um plano de aula. Eu não estou lembrando agora do que era. Mas eu tive que montar um plano de aula e eu tinha que gravar eu dando essa aula. Explicando o plano de aula e como que eu ia falar, mostrar para a criança, para que ela entendesse e tudo mais. Eu fiquei um pouco assim, um desejo não muito legal com essa atividade, porque não tive muita participação da professora e tudo mais. Eu não sei das outras meninas, mas a faculdade E.A.D, pelo menos a minha, é mais você e você mesmo. Você não tem muito para quem correr. Então, se você quer aprender, você tem que ir atrás, porque os professores às vezes não respondem.

Melissa: A gente precisa ser meio autodidata mesmo, sim. Mas olha, eu não posso reclamar da minha, porque essa semana passada eu passei no concurso.

Joana: Então, dependendo do tipo

(Fala cruzada das participantes)

Melissa: Eu saí primeiro na prova que eu fiz. Então, a qualidade do ensino, em uma instituição EAD. Eu não tenho queixa. E, inclusive, a gente tem aulas periódicas pelo Google Meet mesmo, com as professoras, a gente tira dúvidas. E as mensagens são respondidas quase no mesmo dia. Mas estudar, eu acho que vai muito do aluno.

Joana: Vai muito do aluno. Vai muito do aluno.

Melissa: Claro, em E.A.D, eu acho que é muito conteúdo. Eu tenho um técnico em radiologia que eu fiz presencial. E eu acho que era mais light, assim. Porque a professora às vezes dava uma aula ali, daí dava uma enrolada, tipo, né?! E eu saía um pouco mais cedo. Em E.A.D, não, é conteúdo, conteúdo, conteúdo, prova.

Joana: Tem as datas pra você entregar os trabalhos e fóruns? Tem...

Melissa: Tem casos, né? Uma atividade por semana em cada disciplina. Estou obrigada a fazer, senão eu fico sem nota. E as minhas provas no semestre eu faço na faculdade. Então, eu tenho que ir lá fazer, sem consulta. Eles fazem prova, acho que eles tiram aquelas questões de concurso, não é possível? É difícil, né? É complicado.

Joana: Mas também, assim, eu vejo que é de semestre pra semestre. Por exemplo, esse semestre, por incrível que pareça, eu tive mais aulas do que todo o curso. Tive aulas de libras, tive aulas de teatro e musicalização e das outras matérias. Esse semestre são quatro. E querendo ou não, já tive pelo menos, de libras, acho que já foram três. Mas eu tive disciplina que o professor marcava a aula, por exemplo, e não aparecia. A gente ficava esperando e nada...

Melissa: Não, isso nunca foi feito. Até, inclusive, não vai aluno... esses dias estava só eu e o professor no Google Meet. Mas ele transmitiu a aula, ela é gravada e fica disponível lá na plataforma. Aqui, na minha, é mais falta do aluno do que do professor.

Fernanda: Já a matéria de libras, na minha faculdade, foi durante a pandemia, pro meu curso. A professora, tem uma professora ouvinte, né?! E ela chamou duas outras educadoras surdas pra lecionarem a matéria, né?! Junto com ela. Então, as meninas surdas davam a aula, ensinavam os sinais. Nós ganhamos um sinal de cada uma delas. Porque quando você lida com surdos, eles te dão um sinal. O meu era do cabelo e é assim, (demonstração por gesto). Eu achei muito legal. E aí, as nossas tarefas era gravar vídeos com alguma coisa de livro. Então, ou era sobre as cores, ou era se apresentando, ou era apresentando alguém.

E o que me chamou a atenção dessa professora, é que, até a avaliação do nosso curso, quem fez foram as duas alunas surdas que estavam lecionando no lugar dela. Então, ela ter se colocado em reserva pra colocar as alunas também foi super bacana. Também temos duas alunas surdas na turma. Então, as meninas participaram muito. Então, eu também achei meio que uma professora se reinventou. E ainda mais porque foi online, né?! Então, fez toda a diferença.

Pesquisadora: E as aulas que vocês tiveram, que vocês acharam que foram criativas, vocês acham que era uma característica do professor? O professor tinha essa característica de ser diferente?

Melissa: Eu não comentei sobre a minha atividade.

Pesquisadora: Desculpa Melissa, pode falar...

Melissa: A minha atividade era um site que tu entravas e nesse site tinhas vários testes. E depois, no final, mostrava a maneira que tu aprendes. Sinestésico, visão, audição. Da maneira que tu consegues assimilar mais conteúdo. Até foi nesse semestre, acho que as ciências multidisciplinares e humanas. Alguma coisa assim, é a disciplina. E é muito da professora, com certeza. Porque ela é um amor, ela é muito disposta. Então, eu acho que isso influenciou bastante. Na criatividade das propostas, né?

Joana: É, eu também acho... Eu também acho que é muito assim, do professor. Eles dão motivação para a gente, né?! Que nem dessa disciplina que eu estou agora, de gestão escolar e não escolar, acho que é isso. Ela deu uma aula assim, que você ficou falando: - Meu Deus! falando, sabe, de onde a gente pode atuar. E dar as chances, que a gente não precisa ficar só na sala de aula. Eu fiquei assim, Nossa Senhora, que maravilha! E aí, eu vi no olhar dela o prazer de ensinar, né?! E aí eu falei, nossa, é. Porque tem professor que você olha e fala, nossa, essa daqui vale a pena ir pelo caminho dela. Ela sabe muito bem ensinar e é assim que eu quero. Mas tem outros, meu Jesus Amado, pelo amor de Deus. Eu não posso ser chata assim na sala de aula.

Gustavo: Não, eu também acho. Acho que vem total do professor, assim, das aulas serem criativas. Acabei não comentando, mas também já tive aula bem criativa, metodologia mais ativa mesmo. Tipo, a gente... eu lembro de uma que foi um método que era assim, o professor ia dar um tópico e só podia debater três pessoas no meio e tinha uma quarta cadeira. Aí se você quisesse debater, você tinha que entrar naquela cadeira e meio que rodando a turma. E quem estava fora das cadeiras não podia conversar sobre o tópico, só podia conversar quando se sentasse na cadeira. E eu achei isso muito criativo, de se aplicar em sala de aula, principalmente porque é engraçado, eu fiz pedagogia, mas eu não trabalho com criança, dou aula para o ensino médio. Trabalho com adolescentes. E acho que esse tipo de metodologia foi algo que também eu apliquei nas minhas aulas e deu super certo. E total, vem do professor. Acho que por currículo assim, não vem muito. Vem porque ela tem muita experiência, já trabalhou muito com isso e ela consegue aplicar isso em sala de aula.

Pesquisadora: Você chegou a fazer essa dinâmica com os alunos do ensino médio?

Gustavo: Isso, cheguei a fazer. Deu certo, vai... certa medida. Mas até que deu certo. Eles se engajaram nas atividades e principalmente porque eu sou professor de inglês também. Então, assim, eu estou dando aula de inglês. E aí, isso para praticar a fala foi essencial, principalmente nas turmas mais avançadas, eles adoraram. E eu falava para eles e sugeria os tópicos. Tipo, eles que falavam os tópicos e eles que conversavam sobre. Então, começava mais sério, devia ter assunto mais sério. Aí depois já virava tipo, qual que é o professor mais

chato da escola? Tipo, uns negócios assim que eles ficavam fazendo de vez em quando. Mas deu certo. Acho que vou continuar fazendo sempre que dá, sempre que eu vejo que é uma turma que vai rolar, eu acabo aplicando essa atividade.

Pesquisadora: E mais alguma aula que você teve, você aplicou com eles? Como você trabalha com os maiores. Você acha que você consegue aplicar mais fácil, acha que o que você aprende na faculdade, você consegue aplicar mais fácil por estar no Ensino Médio?

Gustavo: Pior que acho que não. Eu sinto que na faculdade não. Porque eu sinto que minha faculdade foca muito, muito mesmo, assim, no Ensino Infantil e no Fundamental I. Eu sinto que não teve muitas conversas sobre adolescentes ou até mesmo sobre o sistema de ensino. Eu sinto que a minha faculdade, o currículo inteiro até, era muito focado para formar professoras da Educação Infantil e do Fundamental I. Então eu sinto que as atividades que eu aprendi, de criatividade, de plano de aula, eu sinto que foi 100% algo que dá para aplicar naquela idade. Tipo, a prova é montar um plano de aula pro quarto ano. Então eu tive que pensar nessa faixa etária. Só que assim, a atividade de quarto ano, você não aplica com alguém que tem 16 anos, 17, tem aluno meu que tem 18, que acabou de fazer 18, no último ano dele de Ensino Médio. Fica muito difícil de você conseguir aplicar isso. Então eu sinto que a minha área, assim, porque eu comecei a trabalhar muito cedo, eu estava no segundo ano, eu já comecei a dar aula de inglês, e aí, esse ano eu comecei a dar aula no Ensino Médio. Aí eu sinto que foi muito do tipo, eu me virei, assim. Sinto que a faculdade não acabou me ajudando muito na área que eu fui atuar. Mas em relação às minhas colegas, acho que ajudou bastante. Assim, eu sinto que tem bastante gente na minha turma que está bem direcionada, assim, para se formar, está naquele último semestre, tipo, as professoras têm aquilo do tipo, nossa, será que vai ser um bom professor? Mas eu sinto que na minha turma, sim. Eu sinto que todo mundo já está, tipo, estagiando numa escola boa, assim, já está começando a se virar, pegar...ser professor, deixar de ser auxiliar. Então acho que isso ajudou elas bastante. No meu caso, nem tanto.

Fernanda: Gustavo, mas nem o curso de licenciatura em si. Prepara a gente para lidar com jovem. Eu fiz licenciatura em matemática e não tinha nada ali que me ajudou, a me reinventar, não. Acho que no máximo, matemática na Educação Básica, que a professora trazia...mandava a gente criar ábaco com jogos diferenciados. Meu TCC foi agora, apresentei segunda-feira, foi sobre a linguagem do jovem. E eu fiz uma crítica ao curso de pedagogia por não discutir a adolescência, né?! Porque é como se não existisse. Nós falamos da infância, dos direitos da criança e saltamos para a vida adulta. Não falamos sobre a adolescência. Isso

acontece nos cursos de licenciatura também. Nós não somos preparados para lidar com jovens.

Gustavo: Eu concordo, na minha. Nunca discuti sobre adolescente.

Fernanda: Não, nada. Nunca.

Gustavo: Nunca, nunca teve um assunto sobre, assim... É complicado, né?! Porque, assim, eu acabei indo para essa área muito cedo. Eu comecei a dar aula, tinha 19 anos, assim, já dando aula de inglês. E aí...

Fernanda: Eu também comecei com 19 anos.

Gustavo: E aí, escola de idioma, assim, vai jogando turma. E aí, então.... tipo, faz três anos já que eu tô trabalhando como professor de inglês. Eu tive turma só de adulto, tipo, 26 anos, 27 anos, 28. Minha idade, tipo... Dando aula para alguém que tem a minha idade. Também comecei a turma de criança. Tive uma turma de 9. Tenho uma turma hoje de 10 anos também. Mas o resto é adolescente, 16, 17. Só que eu sinto que eu nunca fui preparado pra isso na faculdade. E adulto também não. E assim, dar aula para adultos, alguém que é mais velho que você. Principalmente quando eu falava a minha idade, tipo... Eu tenho 20 anos, 21. O cara já me olhava torto, assim. Falava, meu, como assim?

Melissa: É...

Gustavo: Então, foi muito difícil de lidar no começo. Hoje, assim, eu sinto que eu consigo lidar. Eu entro numa sala de aula, não me sinto pressionado. Não importa a idade que o aluno tenha. Mas isso foi o que eu conquistei com experiência de trabalho. A faculdade não me ajudou a lidar com isso.

(SILÊNCIO)

Pesquisadora: Então...seguinte, dando continuidade, minha próxima pergunta, pensando na experiência de vocês, das aulas da faculdade... em algum momento vocês desenvolveram uma atividade, apresentação de trabalho, onde vocês sentiram que foram criativos?

Fernanda: Olha, eu já dou aula há 10 anos, então tem algumas coisas, principalmente porque eu sou da matemática, então, eu sempre busco usar palavras do dia a dia dos meus alunos para ensinar para eles. Então, por exemplo, eles estavam, alguns que eu atendo do oitavo ano, estavam aprendendo ângulos internos, ângulo raso, ângulo reto, e aí, por exemplo, o ângulo raso, ele forma, parece aquele pãozinho do McDonald's, eu falava para eles, é o pãozinho, e eles decoraram dessa forma. E o que mais hoje marca para mim é...

Eu lido com o meu aluno autista, ele era uma criança que não queria proximidade de jeito nenhum, e quem lida com autista sabe que para invadir o mundinho deles, ou ele quer, ou ele não quer, porque se ele não quiser, você não vai entrar, é um mundo fechado, e eu fui sondando-o a partir dos desenhos, porque eu notei que ele sempre desenhava, e ama o Homem-Aranha. Então, eu fui me achegando nele, permitindo que ele desenhasse, levando papéis, levando canetas, eu tenho um super estojo, que os meus alunos amam, e ele começou a pegar, e aí, para inserir ele na aula, porque me incomodava ver ele fora da aula, porque eu entrei nessa escola meio como uma auxiliar, eu falava para ele assim, vamos prestar atenção na aula e depois nós vamos criar um desenho sobre a aula, sobre o que a professora ensinou.

E assim nós começamos a criar desenhos com significado, então todas as vezes que ele estava comigo, ele ama desenhar, ele passa o dia inteiro, ele criava desenhos que tivessem significado, e logo ele passou a nomear esses desenhos, então, a escola achava que ele não era alfabetizado, a partir disso nós conseguimos comprovar que sim, ele é alfabetizado, só que ele só escreve e lê quando ele bem quer, então eu achei que foi uma reinvenção minha, porque eu nunca tinha trabalhado com crianças no espectro, e me despertou muita coisa, então quando eu trabalhei com as crianças com ábaco, eu estimei elas a criarem ábaco com tampinha de garrafa, você consegue criar um ábaco em casa, então nessas pequenas coisas dá para trabalhar o lado criativo.

Gustavo: Eu sinto que o tempo todo, porque a aula de inglês, eu sinto que eu tenho que explorar ao máximo os diferentes tipos de linguagem, então eu tenho que explorar a imagem, procurar áudio, vídeo, conversa, tem que ter muita ferramenta diferente para que o aluno consiga aprender, então o tempo todo eu tenho que bolar algo diferente, bolar algo novo, pegar um vídeo legal para eles assistirem, pensar em algum jogo para eles jogarem, para eles aprenderem rápido, para pegar algum tipo de frase, para pegar algum tipo de vocabulário, então eu sinto que está no meu dia a dia, eu sinto que se eu não for criativo a aula não vai ser boa, então eu tenho que ao máximo deixar ela o mais dinâmica possível para eles conseguirem aprender e também gostar da aula.

Pesquisadora: Você tem uma proposta para me dar um exemplo? Algo que você considera ter sido bem criativo?

Gustavo: Eu peguei como referência um reality show da Netflix, que não sei o nome como que é em português, mas é uma gíria que chama *Bullshit*, que é basicamente quando você está mentindo, mas é meio que um palavrão, mas aí quando os adolescentes falam eles racham o bico, que eu falo que estou ensinando palavrão para eles e tal, mas enfim. E aí o jogo é assim, é como se fosse um Quiz, tipo um Show do Milhão, que você vai ter as quatro

oportunidades da pergunta, mas você não precisa saber a resposta, você precisa meio que convencer os outros que você sabe a resposta. Então se cai um negócio, do tipo assim, qual é a capital da França? Aí tem Paris, Berlim, Lisboa e Madrid. Aí o cara fala, pô é Madrid porque na geografia o meu professor falou que a capital da França é Madrid. E aí os outros vão julgar se ele está falando a verdade ou se ele está mentindo. E aí eu apliquei isso em uma aula que a gente estava aprendendo mais ou menos como se escreve um texto persuasivo em inglês, um texto mais argumentativo, e uma linguagem com um tom mais persuasivo e com gírias e palavras que podem soar persuasivos. Então eles tinham que aplicar isso durante o jogo. E tipo, meu, eles amaram, com toda turma que eu faço, assim, eles iam jogar, pedem pra jogar de novo, racham o bico, e tipo... E eu sinto que eles praticam muito, porque eles têm que explicar tudo em inglês. Assim, eles têm que realmente dar explicação deles em inglês. E eu sinto que toda turma que eu jogo, assim, eles amam. Então eu sinto que tipo essa atividade aqui você marca com orgulho, assim, que deu certo, vou usar sempre que possível.

Pesquisadora: Mais alguém, quer compartilhar uma experiência? Onde foi criativo ou se sentiu criativo fazendo?

Joana: Olha, eu tive, assim que eu entrei na creche que eu fui fazer o estágio, no meu primeiro ano, em 2021.

Que foi assim, eu tinha acabado de entrar na creche, e aí a professora. Era a professora, mais um auxiliar, e eu como estagiária. A professora pegou Covid, e aí ela ficou uma semana afastada. E logo depois, a auxiliar também teve um problema de saúde e ficou afastada. E aí a diretora e a coordenadora olhou pra mim e falou assim: - Olha, tá nas suas mãos, a gente confia em você, vai que é sua. E eu, meu Deus, e agora o que eu vou fazer? E aí eu lembro que eu peguei as crianças e nessa creche aqui, em Santo André, tem uma floresta. É um espaço aonde as crianças vão e conseguem explorar. E aí eu perguntei pra minha chefe se podia levar as crianças lá. Ela falou que podia. Aí eu os levei, fizemos uma roda, com criança da educação infantil, não dá muito certo uma roda. Mas eles entenderam o que eu queria passar pra eles, que era pra eles pegarem folhas, gravetos, e depois a gente fez colagem. E o que eu mais achei engraçado, que eu me senti, Nossa, que legal! pela primeira vez fiz alguma coisa assim, sem que ninguém falasse, faz assim que tá certo. Foi porque eu falei, vamos ver o que a gente consegue fazer. E eles foram colando, e aí eu ia perguntando, e era engraçado, porque eles falavam assim: - Olha, eu fiz a minha mãe, e era só uma folha, mas ali era a mãe deles. Era um graveto com uma folha. Ah, aqui é uma árvore. E aí aquilo dali me deixou muito feliz, porque eles realmente entenderam o que eu queria que eles aprendessem, né?! Sentisse a textura, usasse a imaginação. Aí eu me senti bem produtiva, bem criativa.

Pesquisadora: Obrigada Joana!

Minha próxima pergunta em relação ao curso de vocês é ...

No curso, vocês tiveram abertura, sentem que tiveram abertura para ser criativos, para se expressar, expor as opiniões...

Daniela: Acho que na maioria das disciplinas, sim. Eu tive duas disciplinas bem específicas, aquelas professoras que dão aula há 200 anos, então pra ela só tá certo o jeito dela, e tem que ser feito da forma que ela faz. Se você não transcrever o que ela falou na aula, não tá certo. Mas no restante do curso, eu acho que sim. Eu, pelo menos, tive bastante liberdade pra viajar, pra fazer o que desse na telha.

Melissa: Sim, mas eu acho que no meu curso, pelo menos, era mais dirigido. Ah! vocês têm que inventar esse tal tema aqui. Então não era uma coisa livre. Ah, eu vou bolar uma atividade... surgiu uma ideia na escola, mas não é porque a faculdade me proporcionou, foi porque a escola me proporcionou isso. Eu também eduquei em infantil, então a professora, a regente da turma, ela é muito minha parceira, então a gente faz várias coisas bem legais com as crianças. Só que não é a faculdade, né? É a escola.

Pesquisadora: O que você tinha de matérias criativas que falavam pra você visitar os sites dos museus, as atividades diferentes, eram bem pontuais?

Melissa: Ela disponibilizou os sites dos museus, inclusive. Aí eu teria que escolher e fazer uma abordagem sobre a minha escolha, mas estava lá o site, não fui eu que fui buscar os sites. A maioria das disciplinas trabalhava em cima disso, eles colocavam lá e tu ia buscar naquele ponto, né? Não é uma coisa que saiu da minha cabeça e eu vou colocar lá. Era dirigido, uma atividade dirigida mesmo.

Joana: No meu caso também era assim, é assim também. Te dão um tema, sei lá, por exemplo, o fórum. Mas no fórum é pra você discutir sobre a disciplina, mas sempre é direcionado o que você acha sobre essa disciplina, o que essa disciplina vai levar pra sua vida, por exemplo, mas sempre num modo, como se pode dizer, direcionado, né?! A responder exatamente o que o professor quer ouvir sobre aquela disciplina.

Pesquisadora: Entendi...gente, eu tenho duas perguntas aqui, as últimas, para finalizar a nossa conversa. Vocês acham que é possível estimular a criatividade, na sala de aula, enquanto professores, com as turmas, é possível estimular a criatividade dos alunos?

Fernanda: Simmmmm!!!

Melissa: Sim, sim

Fernanda: Isso é Paulo Freire. Paulo Freire que dizia que um professor disposto desperta curiosidade epistemológica no seu aluno. Então, papel do professor. Se nós criarmos ali uma prática que desperta interesse, vem que vem, Tá com nós!

Joana: Exatamente!

Daniela: Só que eu acho que é exatamente a questão do seu mestrado, como estimular a criatividade se você não é criativo, se você não é estimulado. Acho que esse é o ponto.

Melissa: É, porque é uma coisa muito solta, né? Realmente, da turma onde eu estou, é bagunça, na certa, tu tens que dar uma direção. Mas eles são criativos, sim. Assim...de modelar blocos de madeira, CDs, olha, surge muita coisa. Às vezes a gente não sabe o que é, mas a gente pergunta e eles respondem, né? Às vezes é só uma tirinha, é uma bicicleta, isso.... não tem palavras. Ainda mais a pessoa que eu estou, o aluno que eu estou, que tem autismo, ele é grau 1. Ele é bem tranquilo, ele é muito querido, meu parceiro, eu o amo, ele é muito fofinho. Então, ele gosta muito de pontilhados. Ele gosta que eu faça os pontilhados e ele passa por cima. Ele pede pra mim. Ele fala: - Profe, faz pra mim? Então, sabe..., mas eu tento, agora eu estou tentando deixar ele fazer os pontilhados. Agora tu vais fazer os pontilhados, eu quero ver o que é que tu vai fazer.

Às vezes ele não consegue. Ele está um pouco limitado, mas ele está envolvido. Então, eu acho que é uma maneira dele desenvolver um ponto pra ele também. Acho que ainda mais eu, que estou numa caminhada, estou aprendendo todo dia, estou aprendendo todo dia, estou aprendendo, a desenvolver essa criatividade com os alunos em sala de aula. E através das experiências, troca de ideias com os outros professores, que estão lá mais tempo do que eu, que são pessoas, assim, excepcionais. Sempre me acolheram, me passam muito conhecimento, e eu sou grata à escola que eu estou e grata a elas.

Gustavo: Eu acho que dá, inclusive teve uma aula que eu dei que era sobre isso, sobre estimular a criatividade. O tópico da unidade que estava no livro, com essa turma, na escola de idiomas era criatividade. Então, a gente estava falando muito sobre arte, e era o tópico da unidade. E aí, um dos...tinha meio que um diagrama falando maneiras de estimular a criatividade. Aí, tipo, era, escute uma música, veja a natureza, esse tipo de coisa. Aí, eu falei pra eles, tipo, vamos fazer um teste, vamos pôr isso à prova, ver se isso ajuda ou não. E aí, tipo, tinha que escutar uma música. Aí, tipo, ele fala que se você escutar uma música alegre, isso te estimula a ser mais criativo. Então, tipo, eu botei todo mundo pra ouvir uma música alegre. E aí, eu pesquisei na internet, achei uns negócios, tipo, testes de criatividade pra testar ser uma pessoa criativa. Aí, era como se eu desse um desenho incompleto pra eles, e eles tivessem que completar. Aí, tipo, daí outro teste era, tipo, eu dou um garfo pra ele e falo, cara,

pensa em quantas maneiras possíveis eu posso usar esse garfo, não só pra espetar comida, mas o que mais que eu consigo fazer. Eles tinham que bolar uma lista de coisas que dava pra fazer com o garfo. Então, eu fui fazendo isso, tipo, a gente escuta uma música e faz essa atividade. A gente vai lá, tem uma área aberta na escola, que tem um pouco de, tem uns grafites ali, eu falei, meu, vamos lá, vamos dar uma olhada, porque o livro tá falando que se a gente olhar arte, a gente consegue ser mais criativo. E aí, a gente foi fazendo isso durante a aula. Aí, no final, eles tinham que meio que debater quais métodos deram mais certo e quais métodos não deram muito certo. E foi uma aula legal, assim, sempre que eu aplico essa aula, os alunos gostam bastante, e aí sempre saem umas conclusões, tipo: Ah ..., sei lá, meio estranho esse método aqui, não me ajudou em nada. Tipo, ah... acho que esse daqui até que ajudou, tive uma ideia melhor de que eu acho que eu não teria se eu não tivesse feito isso, tal coisa. Mas acho que é fundamental, sim, dá pra estimular a criatividade de maneiras muito diferentes.

Pesquisadora: Então, teve algum método específico que eles mesmos reconheceram que influenciou na criatividade deles?

Gustavo: Sim, sim. E era uma turma de adolescente também, 15, 16 anos, eles estão mais maduros pra compreender isso, né. Então, deu bem certo, assim. E surgem sempre ideias diferentes, né, eles acabam falando que, normalmente, escutar a música é o que mais ajuda. Eles acabam falando isso. Que eles se sentem mais inspirados, que eles acabam escutando música, esse tipo de coisa. E como, sei lá, a primeira pergunta que você fez, se era, tipo, se alguma criatividade, você se sente criativo, fora de sala, você tem algum tipo de hobby, acho que eu, por tocar bateria há muito tempo, por esse tipo de coisa, acho que eu consigo envolver muita música na sala.

E eu acho que isso também me estimula muito, tipo, eu não consigo montar uma aula se eu não tô ouvindo música. Toda hora que eu tenho que procurar uma aula, eu coloco música pra ouvir, faço muita atividade de música, já ensinei muito aluno meu como toca bateria, já fiz um monte de atividade assim com eles.

Pesquisadora: Uma curiosidade, quando você fez essa dinâmica, dessas técnicas, eles tinham que fazer o quê? Era estimular a criatividade para atingir qual objetivo?

Gustavo: Era aqueles desafiozinhos que eu propus pra eles. Tipo, eu dou um desenho completo, eles estão tentando completar o desenho da maneira mais criativa possível. Tinha um joguinho de palavra, que era tipo, aquelas palavras eram em inglês, se traduzir vai ficar totalmente sem sentido. Mas eles tinham que dar duas palavras, eles tinham que chegar com uma terceira palavra que conseguia relacionar as duas. E aí eles tinham que ficar fazendo esses minis desafios. Tipo, eu dou, dou um clipe pra ele, falo, gente, escrevam em quantas

maneiras possíveis dá pra usar esses clips? Aí eles falavam, tipo, prendedor de cabelo, dá pra usar como brinco, dá pra fazer um colar, dá pra abrir fechadura, dá pra fazer um monte de coisa. Eles foram fazendo esse tipo de mini desafios que eu propus a eles, depois que eles fizeram algo pra estimular a criatividade deles.

Pesquisadora: Depois que você deu a parte musical e a parte de observação, aí você chegou nessa terceira parte do desafio.

Gustavo: Isso.

Pesquisadora: Ok. Entendi. Obrigada

Eu vou fazer mais duas perguntas antes de encerrar ... a primeira é...se em algum momento, na universidade, o curso, enfim, deu alguma ideia pra vocês, que a criatividade era algo importante? Que era uma atribuição pra vocês enquanto professores?

Melissa: Não lembro.

Daniela: Não, não.

Melissa: Não, mas na hora você precisa ser criativo para ministrar suas aulas.

Pesquisadora: As aulas sobre o BNCC, chega a ser uma matéria no curso

Fernanda: Não necessariamente.

Daniela: Porque muitas disciplinas falam sobre a BNCC. Na legislação, se não me engano, a gente vai ter uma introdução sobre o BNCC, e depois nas específicas, que são as práticas de ensino de português, matemática, história, geografia. Aí a gente vai estudar mais a fundo as habilidades da BNCC.

Melissa: A BNCC pra mim entrou na disciplina de educação infantil, especificamente na educação infantil da BNCC, e depois entrou nos anos iniciais, na disciplina de anos iniciais, e entrou especificamente na parte da BNCC pra anos iniciais. Mas, além disso, até o quinto ano, né?! Depois do quinto ano não vi nada. E porque eu estudei sobre isso. Inclusive, Ensino Médio eu não vi nada sobre a BNCC, não entrei muito nessa parte da BNCC, não. Dei uma pincelada, porque eu a tenho aqui impressa, pra eu saber qual eram as competências, o que a BNCC trabalhava dentro. Mas como não é a minha parte de interesse no momento, e ela é enorme, você sabe, é enorme, então... não é o que eu preciso. Que é os anos iniciais e a educação infantil. A Educação Infantil, eu acho que ela é bem de boa, porque ela abrange muitas coisas dentro daquelas competências ali, e é isso. Agora, pra anos iniciais é um pouquinho mais complicado, mas dá pra levar.

Pesquisadora: Nem dentro da BNCC eles citaram a criatividade?

Gustavo: Não

Melissa: Não. Lá só está escrito assim...Educação infantil 03, cultura, indígenas, mas tu tens que desenvolver alguma coisa, dentro daquilo, não está escrito a atividade lá. Como é que tu vai conseguir

Joana: Não fala assim, seja criativo. É uma coisa assim...que só está escrito e tem, assim, se vire.

Melissa: É, se vire, imagina. Sei lá!

Pesquisadora: Vou colocar então a minha última pergunta. Vocês acreditam que desenvolveram habilidades durante a formação de vocês, para que vocês estimulem e desenvolvam a criatividade dos seus alunos?

Daniela: Não, porque durante a graduação a gente não é estimulado. Eu não sei se é o caso das outras meninas, mas a gente tinha muito plano de aula pronto, por exemplo. Então, tem o site da nova escola, você não está a fim de fazer o plano de aula que o professor passou?

Você entra na nova escola e muda uma coisa ou outra e já era. As pessoas já vêm fazendo isso da graduação, da formação inicial. Então, eu acho que não é algo que tem, tipo assim, você vai sair da graduação sendo criativa, porque você não é estimulado. Você sabe que tem outros meios mais fáceis de fazer isso.

Joana: E onde eu vou fazer estágio, eu até cheguei a questionar sobre isso, né? Falei, gente, vem cá, uma coisa não está batendo com a outra. A prática é totalmente diferente da teórica.

Totalmente. E aí, a minha coordenadora nesse tempo, ela falou assim, então está alguma coisa errada. Falei, ou então eu que não estou entendendo nada, porque na prática é totalmente diferente, porque o professor manda você fazer um plano de aula, mas ele não, sabe, é como se... Ah, fez, está bom, vou te dar a nota aqui porque você fez, pronto. Mas ele não fala, olha, aqui eu acho que você poderia melhorar. Se você fizesse assim, sabe, te dar um apoio, falar assim, olha, eu acho que se você fosse por esse lado aqui, você fica meio, no meu caso, eu fico meio em cima do muro. Eu fico, ah, eu vou fazer. Se não estiver bom, ele vai mandar refazer e acabou.

Melissa: Eu fiz um estágio obrigatório em Educação Infantil. Então eu propus as atividades durante dez dias e mandei para lá. Só que na teoria é muito bonito, só que na prática não é assim. Chega lá, faltou metade dos alunos, como é que tu vai aplicar? Não tem como. Tu tem que tá adaptando em sala de aula, toda hora. Não tem...modifica. A teoria é bonita, na prática é diferente. Tem alunos que às vezes ... eu tenho uma realidade, em que tem alunos que às vezes vão sem tomar café, sem uma refeição, então é diferente. Não diz

isso, não tem nenhuma disciplina da faculdade que diz, olha, tu vai pegar aluno com alguma deficiência, com alguma realidade diferente. Então, não tem.

Joana: Aqui onde eu moro, no começo do ano, quando eu ainda estava lá na creche, a coordenadora, a CP, acho que assim fala, ela gosta muito de pegar os professores novos que chegam na unidade, porque geralmente sempre muda, e ela gosta de andar pela comunidade. Não sei se vocês conhecem a creche, mas ela é praticamente no meio de uma comunidade, e se você anda mais um pouco, fica perto do parque do Pedroso. Então, são duas realidades totalmente diferentes. Uma hora você está num ambiente que às vezes não tem esgoto, que agora estão arrumando por aqui, e depois você vai no parque, você vê aquele verde, você fala...as crianças brincando, correndo risco de pegar doença no esgoto, sendo que tem um parque, e aí eu lembro que a nossa coordenadora, ela falou assim: - Olha! Como que a gente vai trabalhar isso em sala de aula? E aí eu olhei assim para ela, não sei, porque na minha faculdade não ensina sobre as realidades da vida pessoal, só te dá a sua teoria e vai.

Fernanda: Eu acho que é o que tinha sido a Melissa que tinha falado. Na teoria, sim, na prática nem tanto. Porque quando a gente vai para a sala de aula, o buraco é bem mais embaixo. Então, assim, no meu caso, eu tive, de fato, matérias que chamavam atenção para um lado mais criativo, mas aplicar isso em sala de aula é muito difícil, sobretudo quando você pega turmas de 1º a 5º ano.

Melissa: Exatamente isso. Teve disciplinas que a gente precisou ser criativo, que poderia ser criativo com os alunos. Não vou dizer que não, teve, sim, na minha faculdade teve. Porém, lá não estava escrito: - Olha, você pode ser criativo aqui, nessa proposta aqui, mas chegando lá, não sei como vai ser, não prepara. Isso não tem, eu acho que não tem. Nenhuma faculdade vai te dizer te prepara, porque não é fácil. É bonito, mas você tem que gostar, você tem que amar a profissão que você escolheu, e ser professora, só posso dizer que é por amor, porque pelo salário não é, a gente entrou nessa sabendo como é que funciona.

Joana: E o desafio também é muito grande.

Melissa: Mas você precisa ser criativo, tu precisas ser. Não é que a faculdade vai te mostrar o caminho, eu acho que você tem que chegar lá e adaptar a sua turma, o seu pensamento, porque nenhuma criança é igual, nenhuma turma é igual, e isso não vem escrito também. Mas na faculdade eles orientam a gente a ser criativa em sala de aula. Sim, a minha pelo menos sim. Acho que era isso, a minha contribuição sobre criatividade, última pergunta. Não sei se eu consegui ser clara.

Pesquisadora: Sim, sim. - (Agradecimentos - fim da gravação)